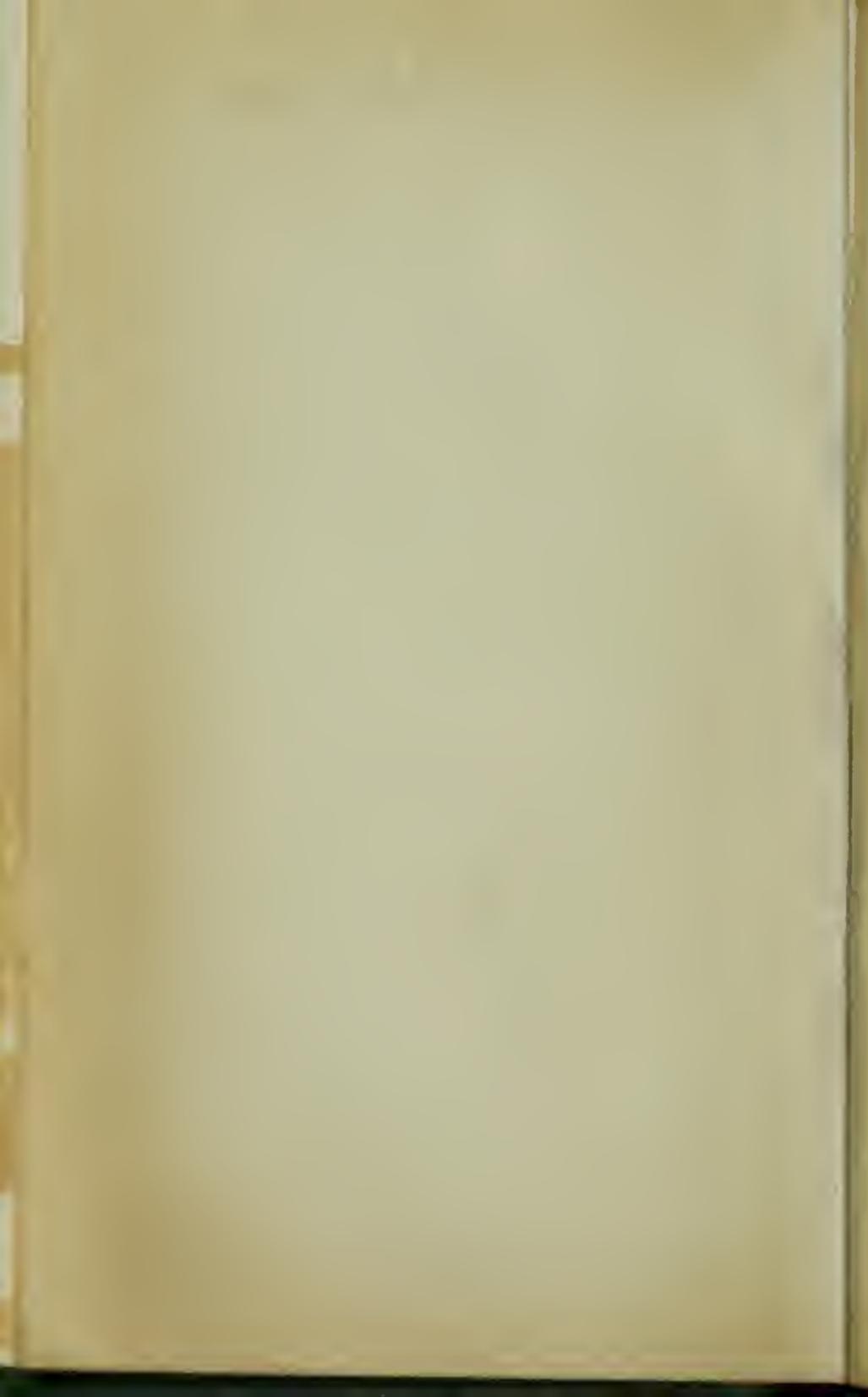
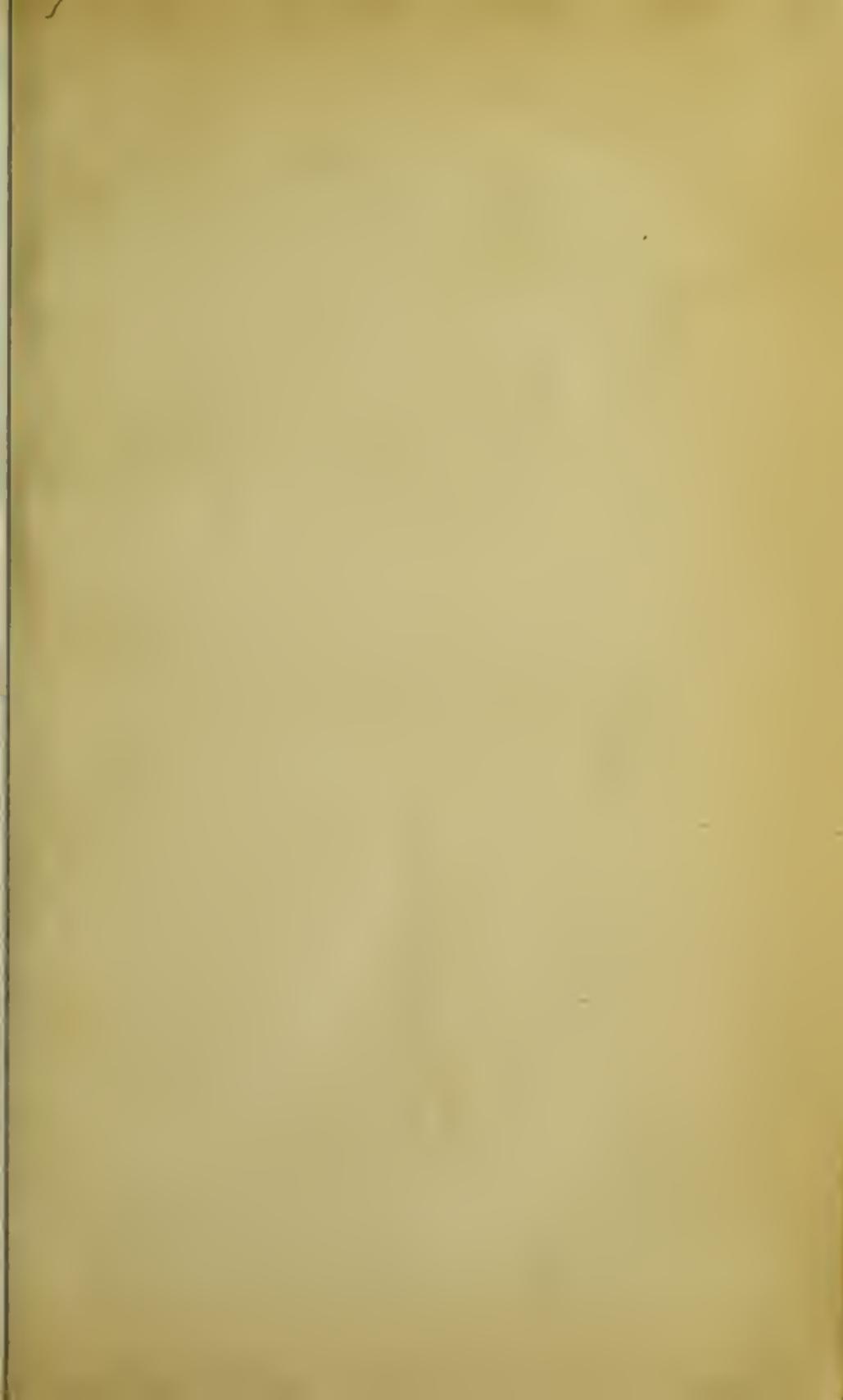
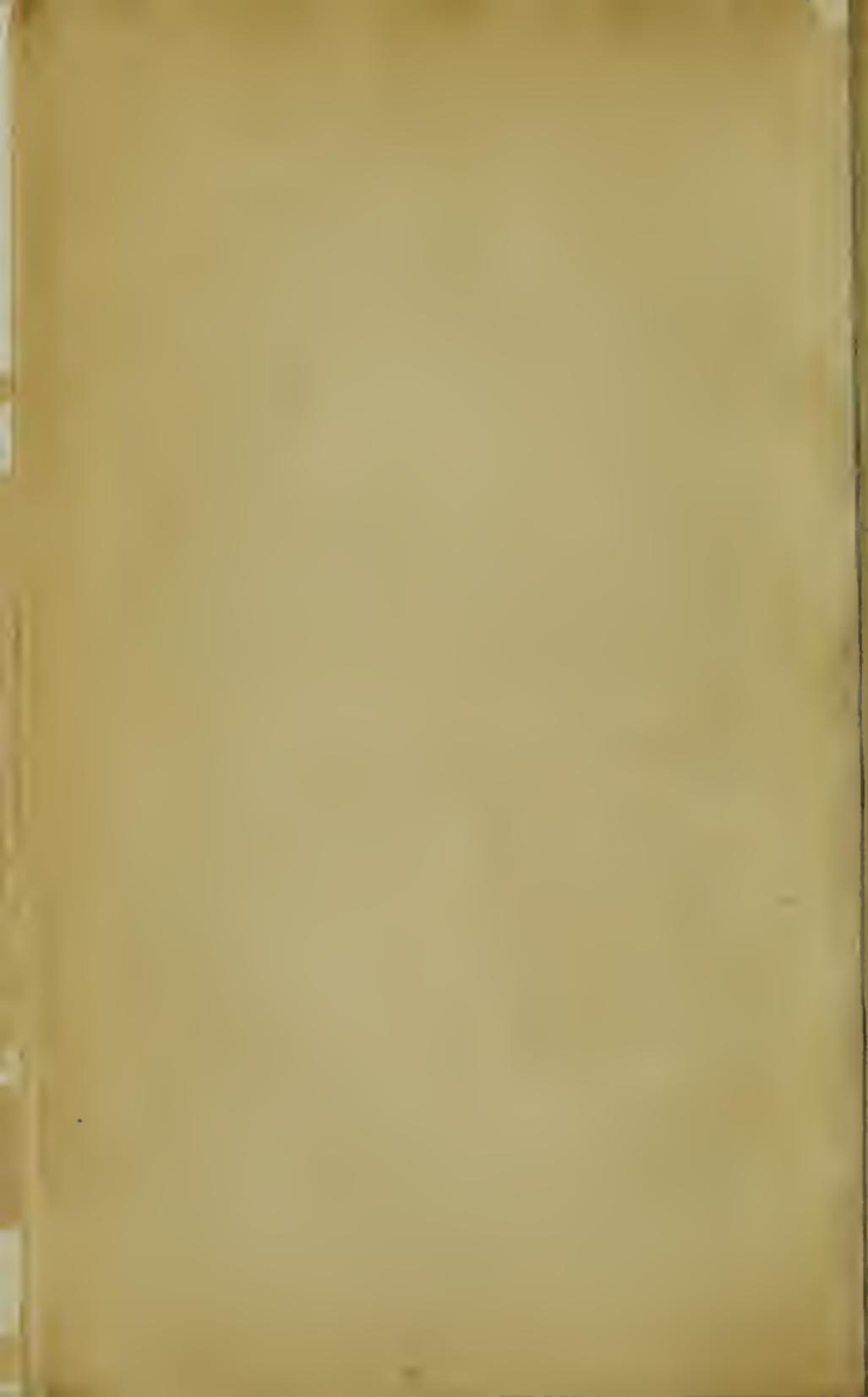


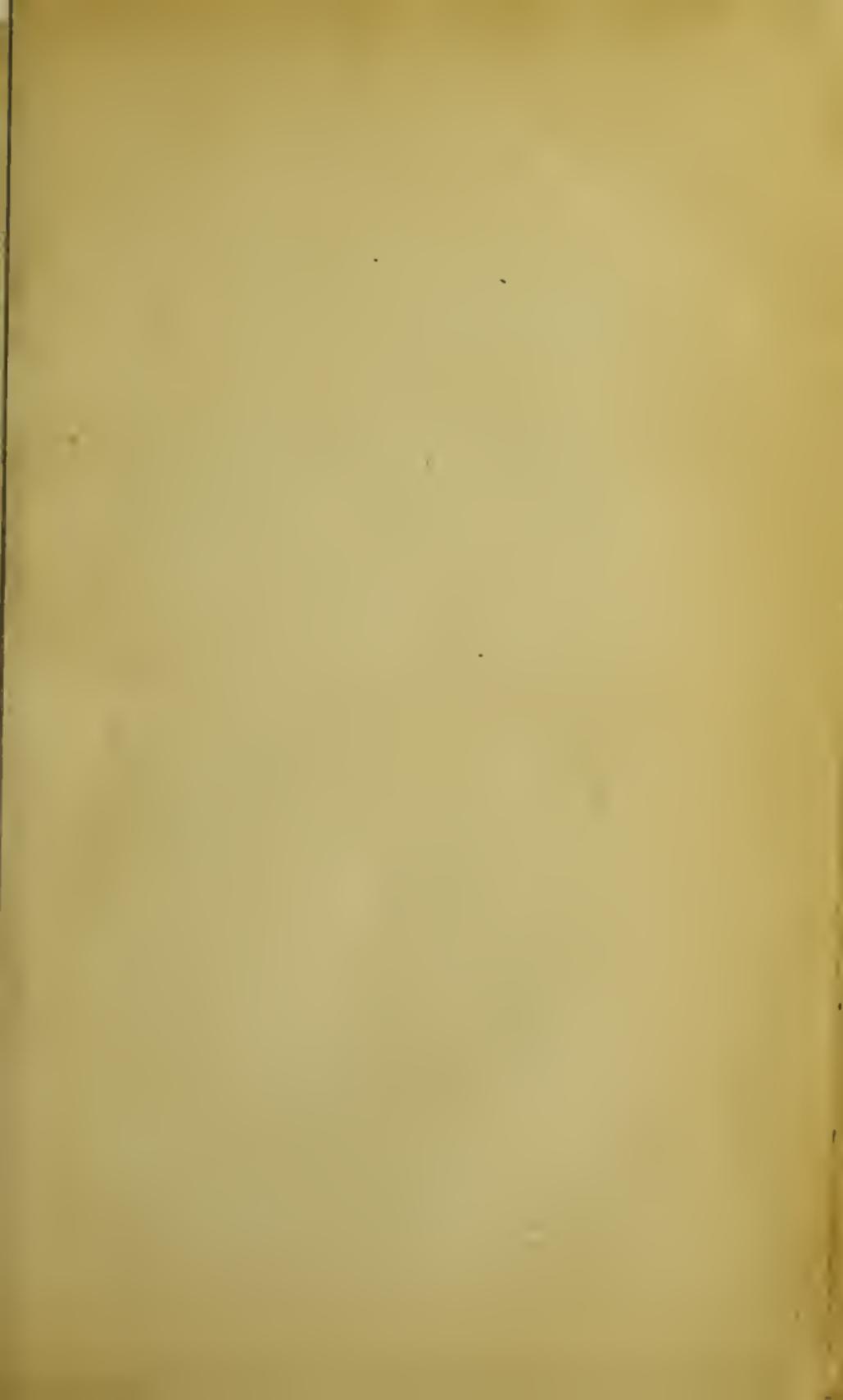


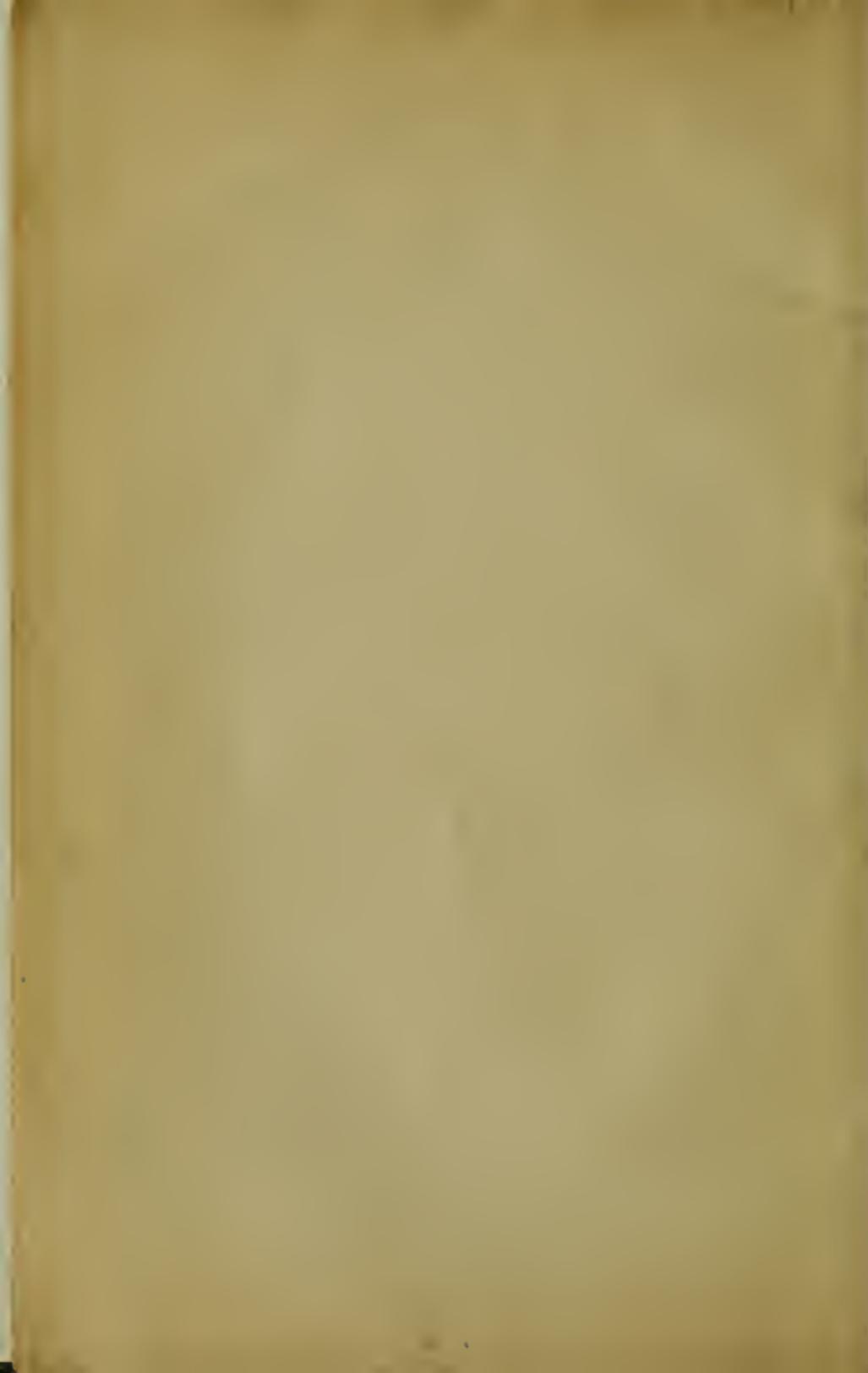
ONIA STATE LIBRARY











1885

CONTOS

EM VIAGEM

POR

JOÃO D'ANDRADE CORVO

VOLUME III

LISBOA

LIVRARIA FERREIRA

132, Rua Aurea, 134

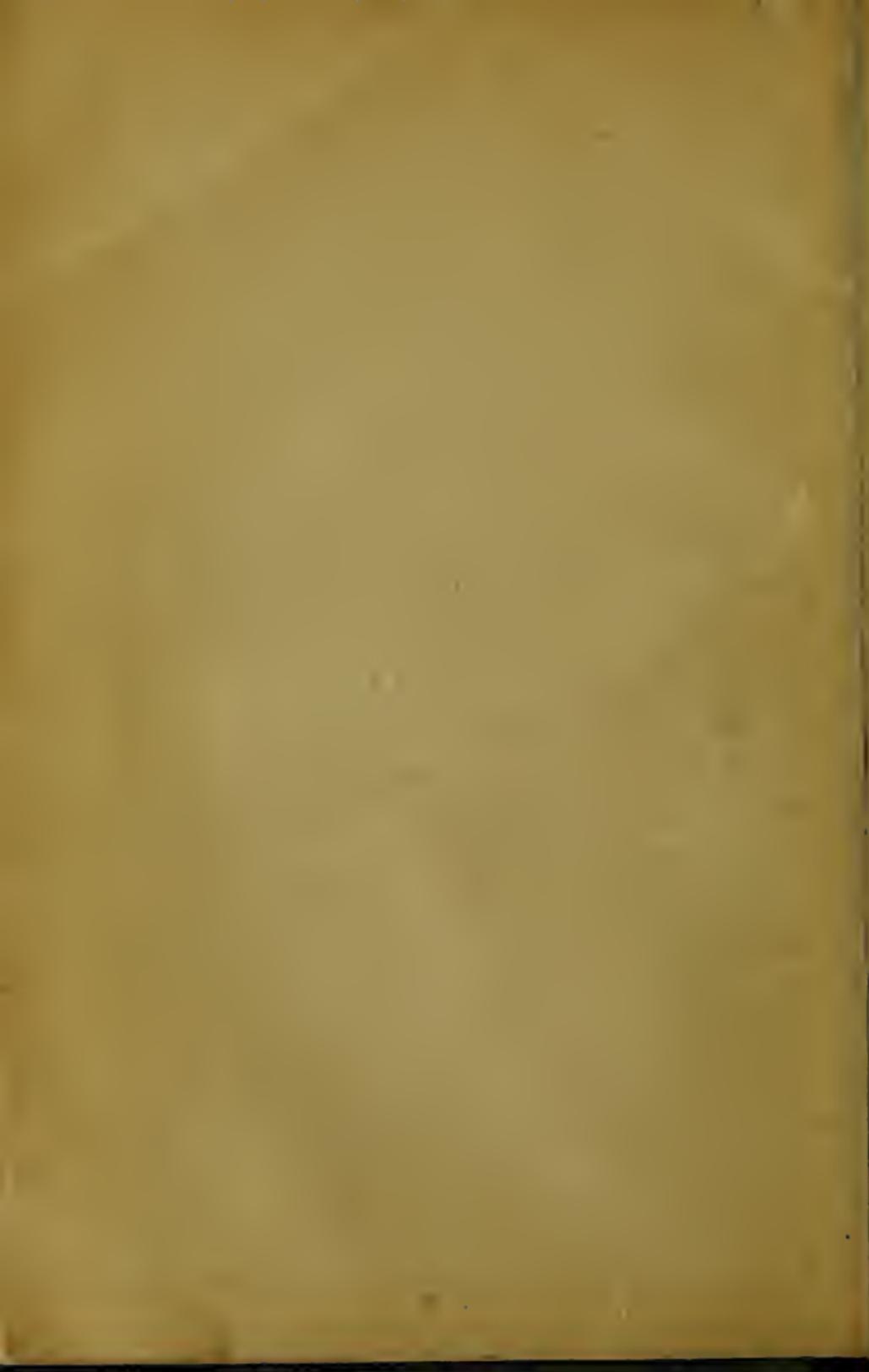
1887

ANNUAL REPORT
OF THE
COMMISSIONER OF THE
LAND OFFICE

869.3
A 55
3

III

A MARUJA



Discussão

O general Calavera y Cursi tinha acabado a sua historia, quando o apparecimento da solemne, pomposa e sentimental D. Saturnina veio pôr termo á conversação e commentarios que ácerca da curiosa historia haviam começado. Seguiam D. Saturnina, a gentil Carmen e Lady Fly, a quem a exuberante mocidade e a graça fascinadora da gentil filha do general pareciam haver insuflado a vida.

Levantamo-nos todos serimoniosamente e o doutor inglez acercou-se da languida Lady, para se informar da sua saude.

— Bem, muito bem — respondeu esta, lançando olhos, em que parecia brilharem dois pirilampos em lanternas de translucida porcelana, ao guapo guanche Agnahuco — Respira-se aqui a vida, penetra o calor da natureza

no sangue regelado pela larga enfermidade; e a suavidade, vaga e pura, da minha formosa Carmen mitiga todas as dores, consola todas as maguas.

E, ao dizer estas palavras, a boa da ingleza apertava as brancas mãosinhas da graciosa hespanhola, dando-lhe um caloroso beijo, como para confirmar a verdade das suas palavras. O beijo foi retribuido, e as duas, ingleza e hespanhola, lançaram-se nos braços uma da outra e desataram a chorar sem saber porque.

O dr. Wearisome estava pasmado do que via. Conhecia elle a anatomia do coração humano, mas não lhe comprehendia a sensibilidade e não podia descobrir que um laço mysterioso unia aquellas duas mulheres, tão differentes no character, na organização e nos costumes. A estiolada Lady Fly e a viçosa Carmen estavam namoradas ambas.

— Esta commovida milady—acudio o doutor, pressuroso—Sente-se nervosa... tem febre?...

E o doutor estendeu a mão, para tomar o pulso a enferma; esta retirou o braço, com impaciencia.

— Não... não tenho nada—acudio milady.—E' a vida que transborda de tão fragil vaso. Não tenha cuidado, doutor. Nunca me senti assim. Esta Carmensinha é um anjo, e esta terra um paraizo.

— Pois o anjo...—acudio D. Facundo, para distrair Lady Fly, que estava muito excitada—o seu anjo... e meu tambem... enganou-a.

— Enganou-me?... em que me enganou?

— Prometteu-lhe a festa da Senhora da Candelaria... prometteu-lh'a e não lha pode dar... já não ha tal festa.

— Pois já não ha a festa amanhã?—exclamou Carmen com sohresalto.

— Não, não ha. Bem o sabe, Carmen. Nossa Senhora da Candelaria sumiu-se nas ondas do mar; e a festa acabou...

— Acabou, é verdade, mas deixou um herdeiro: Santo de muita devoção...

— De muita devoção... e de muita folia—acudio o antiquario — Tem conservado as tradições... mas não sabe fazer tantos milagres, nem correr tantas aventuras. E, proseguindo com a mesma gravidade acrescentou D. Facundo — Consolemo-nos com S. Pedro, que nos vae dar a festa que herdou de Candelaria.

— Não diga heresias, D. Facundo, exclamou Carmen.

— Heresias!. . Isto é historia; bem o sabe minha Carmensinha.

— Historia mal contada.

— Pouco importa a historia—observou Primigenius, que não gostava de contradizer a sua querida Carmen— O que interessa é que vamos a uma romaria, em que lady Fly poderá admirar os costumes tradicionaes do povo de Teneriffe, como se existisse ainda a antiga protectora da ilha.

Esta conversação despertou a curiosidade de milady, que pediu, com insistencia, lhe contassem as aventuras da celebre Senhora apparecida da Candelaria.

— Pois que nos conte essa curiosa historia D. Praxedes Aguahuco, como prometeu já na gruta de Chinguaro.

D. Praxedes escusou-se, allegando a difficuldade da empreza; mas, como milady insistia com affectuosa persistencia, e Carmen, receando as blasphemias do antiquario, insistia tambem com energia e quasi com imperio de quem podia mandar, Aguahuco cedeu por fim.

II

Historia da senhora das Candeias

— Ainda estavam as ilhas Afortunadas, perdidas nas sombras do passado, onde penetravam apenas os tenues raios da luz que, sobre a sua mysteriosa historia, expar-siram os primeiros navegadores, quando succedeu o mi-lagre do apparecimento da Virgem da Candelaria—co-meçou pomposamente o descendente dos guanches.—Os povos das Canarias eram então livres e felizes no seu viver de simples pastores, que desconheciam as leis fe-rozes da cubiçosa civilisação da Europa e as intoleran-cias da religião que os havia de exterminar em poucos annos. Por esse tempo, contam os chronistas milagrei-ros, ouviam-se nas aridas praias de Guímar, musicas di-vinas e viam-se phantasticas procissões, alumiadas por vi-vos faxos.

«Constituiendo la tierra en cielo santo.»

— Esse ceu aberto foi o prenuncio da destruição dos

pobres guanches—acudiu D. Facundo—Atraz da Candelaria milagrosa, vieram os invasores e com elles, a traição primeiro e por fim a conquista.

— E os milagres . . . a lenda phantastica?—perguntou lady Fty.

— Uma tarde—proseguiu Aguahuco—os pastores, ao recolherem o gado pela praia de Chinguaro, notaram que o gado se espantava e fugia: querendo saber a causa d'este inesperado successo foram encontrar, de pé na praia sobre nma rocha, a imagem milagrosa da Senhora com o menino Jesus nos braços.

— Lá diz o poeta Viena . . . — irrompeu, com enthusiasmo, a bella Carmen.

Su rostro es largo, en proporcion perfecto

Los ojos grandes, negros y rasgados.

De tanta gravedad que con aspecto

A qualquier parte siempre estan llevados.

Su perfecto color es imperfecto

Pues unos y otros muestra variados,

Y sus mexillas son purpureas rosas

Con el color rosado, mas que hermosas

.....

Sentado el niño sobre el diestro brazo,

La madre con la mano lo sustenta.

.....

— Sempre esta graciosa Carmen lança poesia em tudo!
— exclamou Lady Fly, não muito encantada com os versos do poeta canariano.

— Mesmo no que a não tem, como nos versos do nosso bacharel Viena—concluiu D. Facundo.

D. Praxedes proseguiu:

— Não faltaram logo ali milagres, que mostraram bem o poder divino da santa imagem e ainda provaram melhor que sabia vingar-se dos que a offendiam. Os pastores, entre aterrados e pasmados da maravilhosa senhora, correram ao rei de Guimar a contar-lhe o caso. Grande reboliço em toda a ilha. A Senhora da Candelaria foi levada em procissão a Chinguaro. Os chefes guanches, os antigos reis juntaram-se para, em congresso, resolverem que se adorasse aquella Senhora apparecida. E todos ficaram esperando as maravilhas que, ás primeiras, se haviam de seguir.

— Já no tempo em que as crenças eram vivas e energicas houve quem pozesse em duvida o apparecimento maravilhoso da Candelaria — acudiu D. Facundo, que não podia resistir á tentação da philosophia, que lhe inquietava o espirito.

— Era gente malevola, como é o sr. Primigenius, a que pensava assim—interrompeu Carmen impaciente.

— Não era, Carmensinha. O proprio cantor das glorias de Teneriffe, o proprio Viena escreveu:

Dixeron unos, si por dicha era
 Que algunos de los navios que passavan
 Se perdian. y los arroja la mar afuera

 Otros dixeron, si quizá de España
 Alguna gente havia alli venido
 Que la dexassen.

O mesmo confirma Vieira, que era clérigo e não suspeito; concluindo este por dizer, com clara razão «Guardemo-nos pues, si es possible, de adular con las santas nuestro amor proprio.»

Notando, com evidente despeito, a impaciencia da sua querida Carmen, lady Fly interrompen o verboso antiquario.

— Não se pode, com estes philosophos, dar largas á expansibilidade da alma! As sombras da fria prosa encobrem o esplendido sol da imaginação popular.

— Perdoe, milady, e perdoe tambem a minha *flor silvestre* os desabafos da minha sinceridade—acudiu Primigenius—Esta conspiração contra a paz e a liberdade dos pobres selvagens de Teneriffe, de quem a cubiça queria fazer escravos, esta conspiração, escondida no in-

vento da Senhora da Candelaria, sempre me causou indignação.

— E com razão, D. Facundo. Essas traições mysticas foram communs na meia idade,—disse sentenciosamente o dr. Wearisome.

— Vamos á historia, meu caro D. Praxedes, que estas senhoras estão impacientes por ouvir—disse com energia o general Calavera.

— Continue—acrescentou com resignação o Primigenius--Prometto não o interromper, Aguahuco.

— Ao apparecimento da senhora aos pastores, seguiu-se outro successo maravilhoso, para maior gloria de Tene-riffe. N'aquelle tempo eram frequentes as expedições, que vinham captivar escravos pelas costas das ilhas Canarias, e, n'uma d'essas. . . caçadas, Fernan Peraza apanhou um pequenito pescador, o qual foi baptisado e educado pelos padres em Lanzarote.

— D'este feliz achado—accudiu o cura—saiu o bem-aventurado Antão, que foi, por muitos annos, eremita da Senhora da Candelaria.

— Antão, o eremita santo, foi o principal promotor das desgraças dos pobres guanches! Chegando a Tene-riffe, como livre de um captiveiro, tratou logo de perturbar o debil animo dos reis de Teneriffe, que viam na

imagem da Senhora apparecida, um feitiço que podia dar a grandeza e o poder a quem o possuísse.

— Cale-se, D. Facundo — exclamou assustada a formosa Carmen — Quer perder-se de todo, perder a divina graça!

III

Continua a historia da Senhora das Candeias

— Para evitar que a santa imagem fosse disputada pelos chefes guanches, e consagrar-lhe um sanctuario fixo, onde o povo a podesse adorar, Antão conseguiu que se trasladasse para a caverna perto da qual apparecera—proseguiu D. Praxedes—Em pouco tempo, Antão o guanche, conseguiu promover, entre aquelles barbaros, uma especie de culto pagão.

— Cujo instincto—disse Primigenius—era, se tal historia se passou, abrir caminho á invasão hespanhola, creando divisões e inimidades entre os pobres *menceys*. As palavras que os escriptores da historia de Teneriffe attribuem ao eremitão claramente mostram os seus intuitos funestos, e lèvaram o *mencey* de Guimar e chamar-lhe traidor.

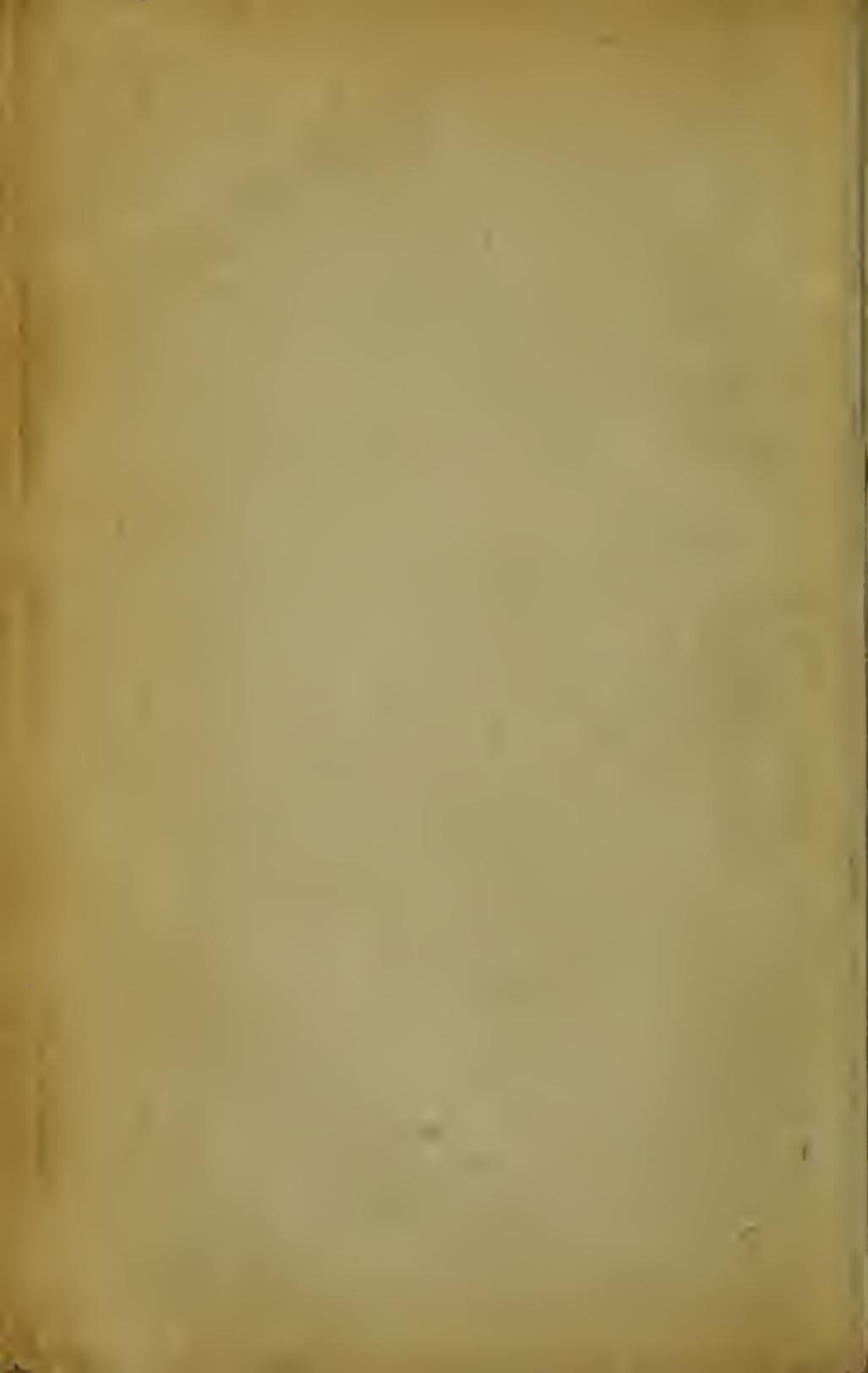
— As cousas iam tomando bom caminho, porque, ape-

sar de tudo, a superstição ia dobrando os animos a favor dos conquistadores castelhanos, quando principia-ram as peregrinações e maravilhosas aventuras da Senhora da Candelaria — proseguiu D. Praxedes. Descontentes os senhores de Lanzarote de que estivesse tão milagrosa senhora vivendo entre barbaros, n'uma cova que servira para recolher cabras, fizeram uma tentativa para a roubar e conseguiram-no, segundo se conta, levando-a para terra de christãos. A Senhora da Candelaria, porém estava já costumada à vida rustica e aos seus singelos pastores. Amuou. Voltou o rosto para a parede, e nunca mais, do seu altar, baixou os olhos para os christãos que a adoravam com lagrimas e preces publicas; até que, por fim, para castigo dos que a agravaram separando-a dos seus rudes pastores e do seu eremitão, voltou para Teneriffe. Desenganados os hespanhoes, restituiram a Santa Imagem aos guanches, observando-se antes d'esse acontecimento um grande prodigio! Enquanto a Senhora da Candelaria esteve ausente de Teneriffe, nunca desapareceu da sua caverna, onde Antão e os guanches a adoravam, e onde, de noite, appareciam mysteriosas luzes e se ouviam canticos suaves.

— Ai! Minha boa Senhora da Candelaria! — exclamou Carmen, com fervor religioso.

— Se as almas que ardem em amor divino fossem todas tão candidas como a de Carmen o mundo seria um paraizo. Os fanaticos e os hypocritas, porém, são grande perigo para a sociedade e para a propria religião—accudiu o Primigenius—E' bom lembrar ao mundo, como o padre Vieira Clavijo: «Seria para desejar que a rasão e a boa critica tivessem florescido em todos os tempos...»

— Mas, infelizmente, não floresceram nunca, nem hão de florescer—interrompeu o dr. Wearisome—A loucura humana muda de forma, mas é sempre a mesma na essencia.



IV

Aventuras da Senhora das Candeias

— As aventuras a que esteve, por largos annos, sujeita a milagrosa Virgem de Chinguaro, começaram por esta que contei—proseguiu Aguahuco, que seguia passo a passo as opiniões do seu mestre Primigenius, mas conservava ainda, na forma, parte da candura das crenças populares.—Na invasão de Teneriffe pelos hespanhoes foi em Santa Cruz, perto da Virgem milagrosa, que estes desembarcaram. Ali tinham um poderoso auxiliar em Antão, o eremitão. O rei, o *mencey* de Guimar, trahio a patria para se juntar aos invasores. A Senhora da Candelaria, protectora das Canarias, passou para o partido dos inimigos dos povos de Teneriffe. Pouco depois a ilha estava conquistada e a Senhora da Candelaria recebia
n premio, dos homens—uma procissão e o titulo official de protectora das Canarias;—dos anjos, um presen-

te de cera, que as ondas trouxeram por maravilha á praia de Guimar. Trinta annos depois, D. Alvaro de Lugo levantou um templo á protectora das Canarias, que antes foi a protectora dos hespanhoes. Mas a Senhora da Candelaria, que não havia perdido ainda a inclinação á vida rustica das praias, duas vezes fugiu da capella em que a encerravam e voltou para a caverna de Achinier, onde passara tantos annos com Antão o guanche. Pouco depois, a imagem milagrosa foi confiada á guarda dos dominicanos; e milagrosa foi para os seus novos possuidores, porque lhes deu com que edificarem um vasto convento e com que viverem lautamente.

— Mas a prosperidade dos frades creou invejosos — accudiu D. Facundo — Muitos tentaram apossar-se da rendosa propriedade. Multiplicaram-se os escandalos, choveram os processos, em que, mais de uma vez, intervieram os reis de Hespanha e o Papa. Uma vez, um conego de Santa Cruz, mais irritado e mais cubiçoso do que os outros, deu com os seus parciaes um assalto ao convento, expulsou os dominicanos e tomou posse da Senhora da Candelaria. Aos assaltos dos frades e do clero de Santa Cruz, seguiram-se as tentativas dos corsarios barbarescos e foi preciso, para salvar os thesouros da Candelaria, trasladar a Senhora milagrosa para a

Laguna, com authorisação do rei Philippe II. Estas viagens da caverna da praia para templos mais seguros e d'estes outra vez para a caverna, repetiram-se com frequencia. A Senhora da Candelaria, acostumou-se, por fim, ás viagens e já não oppunha resistencia, como nos primeiros tempos, á vontade irreverente dos que queriam guardal-a, a ella e aos seus thesouros, da cubica dos corsarios.

— Parece que de todo se pegou a D. Praxedes a heresia do nosso D. Facundo—disse então D. Saturnina de las Angustias em tom dolente—Estes perigosos sentimentos de incredulidade vão lavrando no povo. Já se não encontram as crenças sinceras de nossos avôs... que eram, com ellas, mais felizes do que nós somos.

Suspirou por fim a senhora de los Mareos.

— Não sei se ouse, depois d'esta reprehensão da senhora D. Saturnina, continuar a historia — accuraes D. Praxedes.

— Não pode, a minha senhora D. Saturnina, levar a mal que se conte o que as paixões dos homens não duvidaram fazer, e os chronistas miligreiros escreveram—interrompeu D. Facundo — Estas curiosas aventuras da Senhora apparecida não as inventámos nós,

os herejes de hoje; são uma das feições mais características do passado.

Um murmúrio de desaprovação da lidalga de los Mareos, que estava descontente mas a quem faltavam palavras para manifestar os seus amargos sentimentos, foi a única resposta que recebeu o antiquário ás suas sacrilegas reflexões.

D. Praxedes continuou.

—Por aquelle tempo, a fama dos milagres da Senhora da Candelaria ia sempre crescendo e, com ella, se iam multiplicando as viagens, umas vezes para acudir ás enlrmidades dos lieis, outras para acudir á falta de chuvas, para o que o seu poder era soberano.

—A superstição popular sempre recorreu aos poderes sobrenaturaes para pedir chuva—disse D. Facundo— Quem não sabe que na Africa ha muitos feiticeiros que a chuva e que alguns reis do sertão guardam ^{com} si esse privilegio? Os povos de Teneriffe tinham qu'cado abrandar, n'outros tempos, o poder supremo quem dependia a chuva e, como se lê no poema de Viena:

Quando los temporales les fallaban.

Al cielo su socorro le pedian.

Juntando en los apriscos las ovejas,

O en otros puestos propios al efecto:
Y apartavan las crias a una parte,
Haciendolos estar dando balidos
Sin las madres gran rato: pareciendoles
Que aquella simples e facil cerimonia
Aplacava de Dios la justa ira.

— Não lhe parece, milady—proseguiu, dirigindo-se a lady Fly—mais engenhoso este modo de enternecer o Deus da chuva, pelo choro dos cabritinhos, do que pelas viagens da Senhora da Candelaria?

D. Saturnina levantou-se com indignação, simulada ou verdadeira, a Carmen fez um gesto como para se afastar do peccador.

—Não nos abandonem, minhas senhoras—disse Prigienius— Tenham paciencia de me aturar com as minhas manias de buscar as analogias nos costumes e nas superstições humanas. Serve isto, não para offender os que tem crenças, os que buscam causas sobrenaturaes aos phenomenos da natureza, mas para se reconhecer que mudam as formas, por vezes, mas o fundo fica o mesmo sempre.

—Assim é—acudiu o rotundo doutor Wearisome— O genesis do pensamento é como o genesis do mundo physico; passa por evoluções successivas e constantes,

transformando-se segundo a influencia das circumstancias, que sobre elle actuam. O fundo, porem, de que partem as transformações, causa das divergencias apparentes que chamam a nossa attenção, é sempre o mesmo. O homem primitivo.

—Bravo!—exclamou D. Facundo, que encontrava no doutor apoio para as suas doutrinas evolucionistas—Essa é a verdade, e so essa. Os factos mais complexos, que nos causam admiração e nos excitam a curiosidade, são sempre o resultado de forças variaveis, que actuam n'um meio transformavel, que constantemente se altera. Ainda, sobre o assumpto que nos occupa, lembrarei o costume da ilha do Ferro, citado por Clavijo. Quando faltavam as chuvas, diz o nosso historiador, homens e mulheres se juntavam em volta de dois rochedos sagrados, jejuavam tres dias, chorando e gritando com fome. Eram como os cabritos de Teneriffe. Por fim, se a chuva não chegava, ia um homem de virtude a uma certa caverna, prostrar-se em oração e implorar a benignidade divina. Passado tempo, o homem saia da caverna com um porco debaixo do braço. O porco, a que chamavam o *Araufaybo*, era o melhor intercessor que o povo podia ter para sollicitar chuva e por isso o conservavam preso ate o ceu lhes ouvir as preces.

D. Praxedes estava hesitante, sem querer interromper o antiquario, a quem admirava e escutava como oraculo, e sem querer perder a occasião de contar a sua historia, que elle suppunha interessar lady Fly, por quem principiava a sentir vivissima sympathia. Não querendo levantar a voz, onde perorava o seu sabio mestre, levantava os olhos para a ingleza, como para a consultar e lhe pedir soccorro. Por fim, lady Fly, movida à mais pela ternura que pela curiosidade, disse, interrompendo os dois velhos:

—Vamos ao resto da historia da Senhora da Candelaria.

—Já falta pouco—observou D. Praxedes.

—Se D. Facundo o não interromper com as suas philosophias—acudiu D. Serapião.

—... com as suas heresias—concluiu a gentil Carmen.

—Nem philosophia nem heresias se ouvirão mais aqui da minha bocca, para não escandalisar a minha *flor silvestre*—disse o antiquario com ironia.

Levantando o dedo em gesto de ameaça, Carmen disse—Cautella Primigenins!

—Vae para dois seculos—proseguio Aguahuco—cresceram as riquezas da Senhora da Candelaria, mas o seu

poder de fazer milagres começaram a declinar. Para guardar tantas preciosidades levantou-se um reducto; o convento dos frades engrandeceu-se; instituiram-se duas festividades por anno, uma official outra popular. Assim continuaram as coisas até que um terrível temporal rebentou sobre Teneriffe e uma torrente impetuosa, unindo-se ás ondas enbravecidas do mar, levou para os abismos do oceano a milagrosa Virgem da Candelaria. Desde essa funesta catastrophe, a festa popular da Candelaria passou a fazer-se no dia de S. Pedro, em Guimar.

—Amanhã, Milady, assistiremos á festa de S. Pedro, em que se conservam as tradições das antigas festas da Candelaria. S. Pedro de Guimar é o herdeiro da protectora das Canarias, que nos abandonou—concluiu D. Facundo.

—Oh! curiosa historia!—exclamou lady Fly, juntando as descarnadas mãos em extasi hysterico, que mais provocara o narrador do que a historia.

V

A esmola a Anna

Pela tarde, a formosa Carmen, ornada a cabeça de branca mantilha, que deixava admirar os esplendidos cabellos ornados de rosas musquetas, e cuja alvura se combinava com o vermelho de fogo das brilhantes flores tropicaes, subia intrepida pelos escabrosos caminhos do fresco valle de Guimar. Seguia-a, com o facil movimento de um doende, o cura Serapião, o qual, ao olhar para a sua pupila, mostrava na hedionda cara uma expressão de suavidade, que surprehendia.

De todos os hospedes da casa de los Mareos, fui eu o unico que tive a inesperada felicidade de ser convidado a acompanhar a candida menina; devido, talvez, a haver escutado a historia da Senhora da Candelaria e as impertinentes philosophias de D. Facundo, sem dizer palavra.

Para onde se encaminhava a graciosa Carmen?

Eu não o sabia. Era porém, evidente que Carmen sabia muito bem para onde ia.

Uma força mysteriosa a attrahia. Os passos da gentil fada de Guimarães eram tão ligeiros, que mais parecia voar do que correr de rocha em rocha.

—Não vá tão depressa, Carmensinha—disse o cura um tanto cansado—Temos tempo, temos mais de uma hora de dia, ainda.

Carmen parou e voltou-se para traz com movimento infantil e o sorriso nos labios: sem o minimo signal de cansaço

—Pois vou depressa?—perguntou ella.

—Creio que sim. . . e pode-lhe fazer mal—respondeu D. Serapião, esgarçando a desmesurada bocca em riso alvar.

—Então, irei mais de vagar.

D'ahi a um instante estava correndo como d'antes.

Na parte alta do valle, acima de Guimarães, abria-se estreita garganta no monte Yzunha! Porahi proseguiu a nossa rapida excursão.

Pegada á ribanceira se erguia uma casa ou antes choçassinha—composta de tres paredes, de basalto, negras, cobertas por um tecto de colmo, onde a agua e o tempo

haviam feito profundos estragos — e que parecia ter-se de pé por incessante esforço encostando-se á escabrosa ribanceira do monte. Na parede da face da quasi derrocada choça abria-se uma larga fenda, que servia de porta, apenas cerrada por tosca esteira de palha.

Carmen entrou, sem hesitar, n'uma casa pequena, escura, humida, cheia de fumo, sem moveis, a excepção do fogareiro de barro em que ardia alguma lenha, palhas e folhas secas. Ao palito e tremulo clarão, que se fundia na tenue luz que penetrava atravez da esteira, pela fenda que servia de porta, entrevia-se a escura entrada da pequena caverna, aberta no monte. Era um logar desolado e miseravel, habitação de pobreza, onde parecia esconder-se um triste mysterio.

Não vendo ninguem, Carmen levantou a voz e por duas vezes chamou—Anna! Anna!

Da escura caverna uma voz tremula e velha respondeu—Ahi vou já, menina.

Instantes depois ouviram-se passos pesados arrastar no solo, ao portal da caverna appareceu uma velha, alta, magra, cara enrugada, coberta de uns farrapos nêgros, de que sahia um capuz que lhe cobria a cabeça á guiza de mantilha. Era uma figura phantastica, que quadrava bem n'aquelle antro pavoroso. Os clarões intermitentes

e tremulos da fogueira pareciam communicar á velha Anna um movimento convulsivo, ora alongando ora encurtando aquelle esguio esqueleto, que apenas a pelle cobria.

—Trago-lhe o jantar, Anna —disse Carmen, entregando-lhe uma cestinha que trazia no braço—Pobre Anna! coitada, sempre doente!

—Minha menina! Meu anjo! —exclamou Anna, beijando-lhe as mãos—Se não fosse a minha menina Carmen, já a velha havia morrido ao abandono... Seria para mim um alivio, morrer!

—Pobre Anna! e Manuel, o seu filho, como está?

—Sempre o mesmo. Perdido por essas serras... como um lobishomem... que dizem que elle e... Tambem o pobre Manuel, se não fosse a sua caridade, menina, já teria morrido... Anjo do céu! Deus a abençoê!

—Porque não busca detel-o na aldeia, Anna? Não o deixe ir para a serra, só e por tanto tempo — disse o cura.

—Que lhe hei de fazer, sr. D. Serapião—respondeu a velha—Não temos senão as nossas cabrinhas e elle vae pastoreal-as na serra. E' a vida do pobre rapaz. Manuel quer tanto ás suas cabras e as cabras querem-lhe tanto a elle como se fossem... irmãos, com perdão de vossa

reverencia. Quando elle está triste são ellas que o consolam, que lhe fazem companhia... Os rapazes da aldeia desprezam-n'o... dizem que o Manuel d'Arafo é lobis-homem... filho d'uma... bruxa... e como o Manuel é mais forte e mais valente do que elles, têm medo... fogem, deixam-n'o. Por isso elle, antes quer estar na montanha com as suas cabras que o tratam bem, do que na aldeia com os homens que o tratam mal.

—A graça de Deus ha de proteger os bons... e não permitirá que o diabo os persiga e os tente—acudiu o cura, no tom de quem não estava muito certo de que as accusações feitas pelo povo á mãe e ao filho não tivessem um certo fundo de verdade—Anna, lembre-se que o Manuel não deve fugir dos companheiros, seus irmãos e seus amigos.

—Hoje, de madrugada, vieram ahi, em busca d'elle, dois rapazes de Arafo e como não o encontraram, lá partiram para a serra para lhe fallar... Elle ha de buscar o seu conselho, é certo, e eu... aconselhal-o-hei...

—A que attenda os seus companheiros... que se junte o povo da aldeia nas festas de S. Pedro—acudiu o cura—Ha de ser para isso... para entrar na luta, que os rafanhos o buscam. E' para gloria da freguezia... Elle forte e intrepido, como os antigos guanches.

— Lembram-se do meu Manuel agora, porque é forte!—exclamou a triste velha, com energia que a todos nos surpreendeu—Como elles são todos!... Uns cães rafeiros! Precisam um homem que lhes defenda a honra!... Cobardes!... Não será o meu filho que...

Em quanto fallava, Anna havia dado alguns passos acercando-se da porta, onde lhe dava a luz em cheio. Direita, a cabeça erguida, os braços estendidos com violencia, deitado para traz o negro capuz, os cabellos grisalhos cahidos para os hombros em desordem, os olhos a brilhar com fulgor estranho, a velha Anna parecia ter em si alguma coisa de sobrenatural. Transformara-se subitamente e comprehendia-se que o novo rude a tivesse por bruxa,

Com voz doce e meiga, capaz de abrandar os corações mais empedernidos, Carmen disse, interrompendo Anna:

—E' preciso, Anna, que o Manuel acompanhe a aldeia ás festas de S. Pedro. Quero vel-o tambem lá... quero vel-o vencedor na luta.

—Obrigada, por esse desejo, minha senhora D. Carmen—disse uma voz de fora da porta

A esteira levantou-se lentamente, dando entrada a um moço de athleticas proporções, que não mostrava ter mai

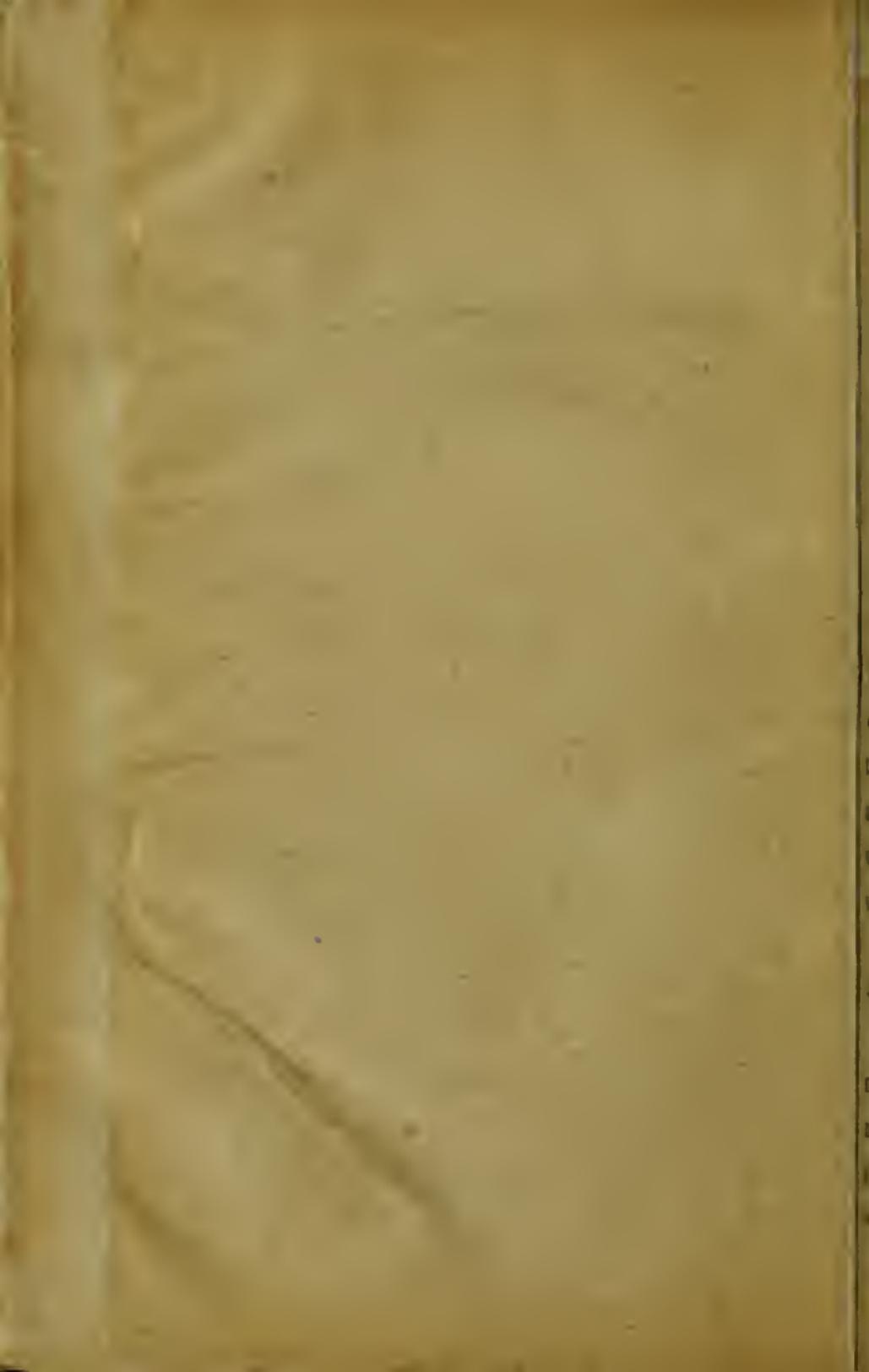
de vinte e cinco annos; bello como um Antino; forte como um Hercules. Envolto n'uma larga manta de lã, que lhe deixava ver as robustas pernas, cobertas de curta polaina de pelle e de calções brancos arregaçados, o braço musculoso errastava forte queijado, barba negra, cabello annelado, Manuel parecia a estatua do antigo pastor guanche da serra de Teyde.

—D'onde vens tu Manuel?—perguntou docemente a mãe, esquecendo sem transicção o fôror contra os pastores de Aralo.

—Das Canhadas onde as cabras ficaram pastando—respondeu Manuel—Não tinha tenção de baixar hoje mas só amanhã; porém o José e o Antonio, dois pastores que conhece, mãe, foram-me buscar em nome da aldeia e me disseram que os acompanhasse amanhã a lutar contra os pastores de Orotava, na festa de S. Pedro de Guimar. . . Venho saber o que a mãe quer que eu faça.

—Que vás á festa de Guimar—respondeu Anna—Não ouviste o que mandou a menina Carmensinha?

—Irei—respondeu Manuel, erguendo olhos humildes para a bella filha do general Calavera. A expressão dos olhos do pastor era meiga e submissa como a dos olhos de um cão fiel.



VI

Um viajante insolente

Subitamente a expressão da physionomia de Manuel mudou. A ferocidade desenhou-se-lhe na face e a contrahiu; a barba e os cabellos ouriçaram-se-lhe como os de um lobo; os olhos lançaram clarão sinistro. A esse tempo aproximava-se o ruído dos passos de um cavallo andando nas rochas escabrosas, e pela pobre esteira, levantada, da porta vi um garboso cavalleiro, que se apeava com rapido e gracioso movimento.

—Manuel!—disse o recémchegado com voz firme—segura este cavallo.

Manuel teve um momento de hesitação: fez um movimento violeuto, que parecia uma ameaça; depois foi tomar as redeas do cavallo, sem dizer palayrá. Esta scena muda passou, sem que ninguem parecesse observala senão eu.

Entregue o cavallo aos cuidados de Manuel, o recém-chegado encaminhou-se para a choça e, entrando sem ver quem estava, por ser grande dentro a obscuridade, exclamou:

—Anna! Já viu hoje a menina Carmen?

Depois, vendo a filha de Calavera, que se havia acercado da porta com sobresalto, para o receber, fez um gesto ligeiro de cabeça, que podia significar um cumprimento, segundo o costume hespanhol e, apertando as brancas mãos de Carmea nas suas mãos robustas, exclamou:

—Está aqui a minha querida Carmen! Que ventura para mim esta! Veio ver a velha Anna?

—E a ouvir a minha miséria, como sempre — disse Anna.

Irritado pela interrupção, o recém-chegado disse com colera:

—A tua miséria, velha do demonio, é o fructo da preguiça do Manuel. Aquelle bruto selvagem não sabe ou não quer trabalhar, para sustentar a mãe.

A velha Anna pareceu sentir uma impressão dolorosa ouvindo tão asperas palavras, brutalmente ditas, e replicou

—Manuel faz o que pôde. Anda pela serra, guardando

as nossas cabras com os outros rebanhos dos vizinhos. Não pode fazer mais porque o não querem... chamam-lhe...

— O lobis-homem da tia bruxa. Isso é verdade — concluiu o recém-chegado no mesmo tom. — E tem razão. Eu, se alguma vez encontrar o Manuel só na serra de noite, atiro-lhe a matar. Não sei afugentar o diabo com cruces, tia Anna, afugento-o á balla... é mais seguro.

Subita expressão de terror decompoz a livida face da velha Anna, a qual exclamou, levantando as mãos ao céu, com voz angustiosa:

— A Virgem da Candelaria o livre, D. Ramon, de tão horrendo crime. Deus não lh'o perdoaria nunca!

Ficámos todos, menos D, Ramon, sobresaltados de ouvir aquelle grito, desolado, de Anna. Era como se lhe caíra aos pés o raio da ira divina.

— Não creia que me assusta, mulher—disse, tranquilamente, D. Ramon.—Eu não gosto de lobis-homens, e por serem descendentes de uma bruxa não me metem medo.

D. Ramon, ao acabar estas palavras, soltou estridente gargalhada.

Sempre sob a mesma impressão de terror, a velha exclamou de novo:

— O ceu o illumine, D. Ramon, e lhe faça entrever o negro abysmo a que o inferno o quer arrastar. Escute a voz da consciencia e ella lhe dirá o . . .

— O que?—perguntou, rindo sempre, o bello D. Ramon.

— O que a minha bocca lhe não pôde dizer—respondeu Anna, consternada.

Preoccupada por aquelle segredo, que não podia advinhar, mas que parecia pezar sobre o destino de D. Ramon, por quem, era evidente, sentia viva affeição, Carmen interrompeu a velha, como quem quer saccudir um pesadelo.

— Não receie nada Anna. D. Ramon não é capaz de commetter um crime inutil. Está brincando.

— Ha coisas com as quaes se não pode brincar—disse Anna.

— O que são esses ares mysteriosos? O que quer dizer esse tom funebre, bruxa? — perguntou D. Ramon.

— Ha segredos que se não podem dizer — respondeu a que elle chamava bruxa.

— É melhor voltarmos para Guimar—observou o cura D. Serapião, que se havia conservado silencioso durante esta scena, que não parecia ser-lhe indifferente. — E tu

boa Anna, perdôa ; por vezes . . . a rasão . . . e é melhor não lhe querer penetrar os segredos . . . ou antes despertar as illusões. Vamo-nos Carmensinha — são horas.

Quando saímos, Anna acompanhou-nos á porta e, beijando as brancas mãos da gentil Carmen com verdadeira ternura, disse ao despedir-se:

— Deus abençõe a consoladora dos afflictos e alegria dos pobres de Guimar.

Carmen voltou-se para a velha, envolvendo-a n'um olhar de suprema benevolencia. A cara de mumia da pobre Anna illuminou-se de ineffavel sorrir, deixando advinhar, sob as fórmãs esculpturaes dos descarnados ossos, a passada belleza.

Pozemo-nos a caminho seguidos de Manuel levando á mão o cavallo de D. Ramon.

Era claro, para mim, que havia assistido a uma scena eminentemente dramatica.

Picava-me a curiosidade de advinhar o enigma ; como succede sempre a quem entrevê as grandes figuras de uma tragedia mover-se atravez das sombras, ao impulso desordenado de violentas paixões. Para tão difficil estudo, a primeira cousa era a observação attenta dos personagens principaes que tinha diante de mim.

Carmen, a candida menina era facil advinhal-a. Inno

cente, sem experiencia da vida, criada entre carinhos e flores, respirando os puros e suaves perfumes da serra, havendo absorvido com avidez os ardores da poesia hespanhola, as emanações do amor sonhado, os mysticos effluvios de uma região eterea; Carmen, cuja natureza nervosa e delicada estava disposta para todas as paixões, era a realisação mais perfeita da hespanhola, aquecida pelo sol n'um clima quasi tropical. A vivacidade alegre da andaluza sobrepunha-se á morbidez da creoula e era adoçada pela suavidade de um anjo. Uma organização d'esta natureza estava exposta a todos os perigos. O mundo, para ella, ou estaria coberto de flores perfumadas ou de espinhos cruciantes.

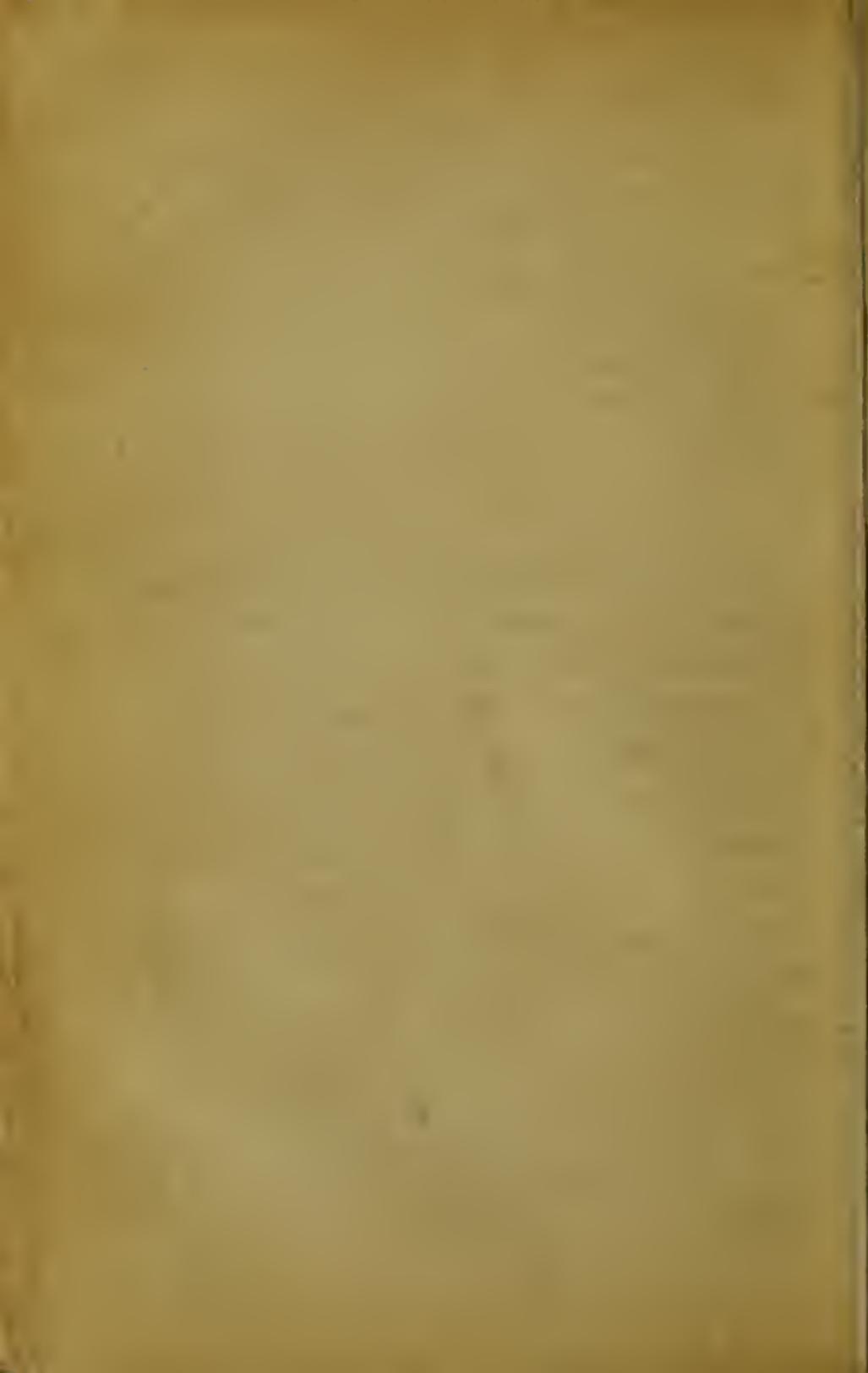
Mais facil de entender era a D. Ramon. As suas robustas fôrmas eram a representação de força. A flexibilidade dos seus membros e a elasticidade de mola com a qual os seus bruscos movimentos se executavam faziam lembrar o tigre. O cabello era ruivo com reflexos metallicos, o bigode parecia haver roubado á luz do sol um dos seus raios vermelhos. Os olhos tinham o azulado do aço e a mesma clareza e brilho. A voz era rude, sem que lhe faltasse certa melodia. A pelle, branca e fina, fortemente crestada pelo sol, tinha tons escuros que contrastavam com a alvura das mãos, pequenas mas vigorosas. Havia

em D. Ramon alguma cousa de repellente, apesar da sua natural belleza.

Uma cousa me atrahia o reparo e me causava profunda impressão. Entre D. Ramon, o fidalgo de Orotava, e o Manuel, o pastor da serra, havia notavel parecença, que não era facil explicar nem se podia dizer em que consistia.

Emquanto voltavamos para Guimar, tive occasião de observar que a formosa Carmen e o energico D. Ramon estavam um ao outro unidos pelos laços de um amor que, n'ella, era terno, meigo e timido ; n'elle, exaltado, violento, sem nada que lhe suavisasse as asperezas sensuaes. Eram dois seres de natureza inconciliaveis, de caracteres incompativeis, que o amor aproximára, e uma tempestade necessariamente viria separar. Pensando isto, eu tinha, involuntariamente, dó da candida pomba, que se deixava arrebatár nas garras do milhafre sem sequer, comprehender o perigo.

Mais de uma vez, quando um gesto ou uma palavra deixava advinhar o amor de Carmen, vi, não sem terror, os olhos de Manuel fixarem-se como os de um tigre incendiado em furor, sobre os dois namorados. Mais de uma vez me pareceu que D. Ramon surprehendia tambem o olhar sinistro do pastor das Canhadas, mas o considerava com profunda indifferença.



VII

Historia de um aventureiro

A scena a que involuntariamente assistira em Arafo, despertou-me a curiosidade. Occultava-se alli um segredo: paixões violentas reserviam n'aquellas almas singelas. O pastor das Canhadas e a velha Anna não eram rudes labregos da serra, que só conheciam as amarguras da luta agreste com a despiedada e pobre natureza. Havia n'elles sentimentos profundos, dôres pungentes, soffrimentos acerbos.

O que se passara entre o orgulhoso D. Ramon e o humilde pastor não havia sido um acontecimento fortuito que um inesperado incidente provocara. Os dois conheciam-se e odiavam-se. Na voz aspera de D. Ramon vibrava o odio, sussurrava o desprezo. Na voz tremula e cava de Manuel como que se sentia rugir o bramido da vingança.

Ao chegarmos a Guimar procurei D. Facundo para lhe pedir a explicação d'aquelle mysterio.

— Isso é uma lugubre historia, que poucos conhecem, — me respondeu o antiquario. — A velha Anna, coitada! foi victima das paixões desordenadas de um homem que eu tive por bom, de quem fui amigo. É uma prova de que o contacto de uma alma perversa pôde corromper almas fracas que se deixam dominar pelas paixões.

— Se n'isso não encontra inconfidencia, peço-lhe que me conte essa lugubre historia sr. D. Facundo.

— Pois ahí vae a historia.

E Primigenius sentou-se n'um poial do terrado, fazendo-me sentar defronte de si.

— Ha annos, ha muitos annos já, chegou a Teneriffé um cavalheiro que parecia rico e fôra militar. A guerra peninsular tinha acabado e as tyrannias do absolutismo de Fernando VII haviam afugentado de Hespanha muitos de seus filhos dedicados e dos seus mais energicos defensores. D. João de Montemar fôra um d'estes e vinha buscar nas Canarias um abrigo e o esquecimento. D. João era um homem novo ainda, com todas as seducções da belleza varonil, a força, a riqueza, e certa sombra de mysterio envolvendo o passado e dando-lhe proporções descommunaes.

— Que impressões devia causar, nas tranquillias ilhas Affortunadas, um tal homem e em taes circumstancias! — exclamei.

— Foi geral a admiração em toda a parte pelo gentil aventureiro, — e cresceu ella de ponto quando comprou o antigo palacio dos marquezes de Jéo no porto de Orotava, e se estabeleceu alli com o fausto e a grandeza de antigo fidalgo que voltava aos proprios dominios depois de larga ausencia.

O antiquario fez uma pausa como quem hesita em confessar uma fraqueza. Depois proseguio.

— Eu tambem . . . — era então um innocente, sem experiencia do mundo. — Eu tambem cedi á attracção irresistivel que D. João exercia sobre quantos o conheciam. Tomei-lhe amisade. Era o menos! D. João enamorou-se de uma menina, filha de boa familia e um anjo de formosura e bondade. . . Fui eu que os approximei um do outro, que o levei a casa d'ella.

— Foi, como sempre, sr. D. Facundo, amavel e obsequiador — interrompi.

— Talvez — respondeu o antiquario—mas as consequencias foram funestas. Namorada, tambem, a pobre Anna, deixou-se illudir pelo seductor experiente e fugiu com elle, depois de um casamento simulado. . . dizem.

— A velha Anna de Arafo é essa formosa menina, seduzida por D. João de Montemar? — perguntei admirado.

— É, é ella mesma. Os annos passam meu amigo, e com os annos tudo muda. A formosura apaga-se e a felicidade extingue-se. Até a faculdade de ser feliz passa com o tempo.

— Nem sempre — acudi eu. — Ha velhos felizes e joviaes, que conservam a faculdade de ser felizes.

— Não se illuda, meu amigo — observou o antiquario. — A faculdade de ser feliz está estreitamente unida á mocidade, quando a sensibilidade conserva todo o seu poder e a alma todas as illusões. Logo que os sentidos se embotam e que a alma vê, ou crê vêr claro, o mundo das desillusões, a faculdade de ser feliz acabou.

— O facto é que ha velhos felizes.

— Felizes! — exclamou D. Facundo. — Ha, ha os que fecham a alma a todo o affecto exterior e se concentram no proprio egoismo: porque a esses, tudo que vem de fóra lhes produz uma sensação embotada, uma impressão surda, que os destrahе sem os commover e os ajuda a passar a vida. Ha tambem outros felizes e são, os que se tomam de paixão pelo estudo e se absorvem na solução de algum grande problema; esses veem com indifferença

benevola, passar em volta de si o movimento vertiginoso da vida. Parecem felizes porque estão sempre a olhar para dentro de si e tem alegrias intimas, que os outros não percebem ; parecem bons e talvez o sejam, porque não veem o mal nos outros, que desprezam ou que não tem em conta. Nem uns nem outros sentem a felicidade completa, mas tambem não sentem a completa infelicidade.

Estas philosophias do antiquario, com as quaes eu nem sempre me conformava, nada do que eu queria saber me diziam, e por isso, insisti para que me contasse a historia de D. João de Montemar e da infeliz Anna.

— Por algum tempo — proseguiu D. Facundo — tudo foram alegrias e amor no palacio que pertencera aos marquezes de Jéo. Mas a hora em que a inconstancia de D. João precisava de novas emoções, chegou emfim. Uma tarde, diz se, Montemar encontrou na costa, olhando afflicta para o mar que a tempestade revoívia profundamente e onde luctava com as vagas encapelladas uma lancha de pescadores, a mais formosa rapariga, que elle podia sonhar na sua imaginação lasciva, ardente e insaciavel. Eshelta, de fórmas graciosas e robustas, que mal cobria um vestido ligeiro de tela azul ; crusado sobre o seio virginal um lenço de seda encarnado, que lhe deixava

advinhar as formas primorosas; na cabeça um lenço de longas pontas, que fluctuavam ao sopro impetuoso do vento com os longos cabelos louros cujos reflexes de fogo brilhavam ao sol; a bella guanche tinha no rosto, inundado de lagrimas, a expressão da mais viva angustia. Estendendo os braços para um barco que, a cada instante parecia querer submergir-se, soltava gritos sufocados de profunda afflicção, como quem via sumir-se nas ondas a sua ultima esperança, o seu derradeiro conforto.

Levado por subita piedade ou, ainda mais, arrastado pela attracção irresistivel que a belleza femeniua exercia sobre elle, o pobre D. João precipitou-se para a desolada rapariga ao tempo que a barca desaparecia nas vagas e ella cahia desmaiada com um grito de suprema angustia.

As vagas que devoraram a fragil barca deram sepultura ao pae e irmão da Maruja. A triste orfã ficava so e desamparada no mundo.

Sollicito e caridoso, D. João levou para casa a formosa Maruja e Anna recolheu-a como filha e deu-lhe agasalho e cuidados como a orfã nunca tinha tido antes.

A Maruja, que contava apenas desesete annos, perdera a mãe em pequena e o pae na sua perpetua labu-

tação, no mar, não podia cuidar d'ella se não para a enfeitar a seu modo, recommendando-a aos cuidados dos seus pobres visinhos. Orgulhoso de ter filha tão bonita — a mais bonita moça do Porto de Orotava — o velho marinheiro não se preocupava senão de que a Maruja parecesse melhor do que as outras raparigas da sua idade, recebesse do cura lições de ler e escrever com os rapazes da aldeia, e andasse com estes, livre, a correr pela praia e a saltar pelas rochas alcantiladas.

Quando entrou em casa de D. João de Montemar e gozou os carinhos suaves da boa Anna, a Maruja sentiu a transformação subita da sua vida entrar-lhe no espirito como uma benção do ceu. Em pouco tempo todos admiravam a doçura de character, a disposição senhoril, a clareza de espirito, e sobre tudo, a candida formosura da filha do marinheiro. O bem produzido pela pura serenidade, pela virtude religiosa de Anna era porém obstruido passo a passo, pelas seducções e pelo espirito inconscientemente corrupto de D. João de Montemar. Como a natureza meio selvagem e a consciencia entorpecida da Maruja naturalmente a arrastavam ao vicio e ás violentas paixões, á cobiça, e á inveja sobre tudo, a seducção não foi difficil nem demorada. Um dia, a pobre Anna que queria muito á sua formosa protegida, apercebeu-se de

que D. João a trahia e que as seducções do fidalgo haviam feito grandes estragos no coração fragil da Maruja.

Ao acercar-se de um carramanchão florido, no jardim, Anna ouviu o ciciar das vozes que fallavam em segredo n'uma conversação que parecia muito animada; cedendo ao instincto de mulher, e de mulher excitada pelos zelos, aproximou-se pé ante pé e escutou.

— É preciso fugirmos, se queres, minha querida Caralampia. Tu não tens ideia da felicidade que te espera quando formos um do outro... de todo, sem receios, sem reservas — dizia uma voz que Anna reconheceu ser a de D. João.

— Não. Fugir não — respondeu a Maruja. — Eu tambem te quero muito D. João, mas fugir, isso nunca. Voltar a ter uma vida abandonada como d'antes, a ser a Maruja da praia sem protecção nem abrigo, não quero...

— Sem protecção... sem abrigo!? — dizia D. João — e eu não estou aqui, não sou teu? Se a mim me tivesses tanto amor, como eu te tenho a ti... não me recusavas mais tempo as provas de amor que ha dias te peço.

Um beijo trinado como o canto da *fringilla* na serra, cortou a voz tremula de D. João. Quem deu o beijo? Quem o recebeu? Parece que Anna o não soube nunca

porque outros beijos vieram confundir-se em desordenada e incoherente harmonia. Anna, em angustiosa perplexidade, teve animo de esperar.

Entre suspiros e gemidos concentrados, a voz da Maruja exclamou emfim :

— Pobre, pobre de mim ! Agora estou perdida e ninguém para defender a pobre orfã !

— Não te afflijas — acudiu D. João. — Nunca te abandonaria, Maruja . . . agora menos ainda. Amo-te com toda a minha alma e devo-te a maior felicidade da minha vida.

— E Anna . . . que vae ella dizer em sabendo? . . . Nunca me atreverei a apparecer diante d'ella . . . nem me atrevo agora. Quero ir-me d'esta casa.

— Deixas-me ! Queres deixar-me Maruja, quando acabas de me provar que não posso viver sem ti ? Não penses em Anna — proseguiu. — Será ella quem se vá d'esta casa, tu não ?

— Como ?

— Como veio . . . Foi um capricho quem a trouxe. Um capricho a levará.

— Vae-se . . . — exclamou a Maruja batendo as mãos com alegria. — Vae-se a Anna e eu fico . . . aqui . . . senhora de tudo ! Oh ! Meu querido João quanto te quero !

Depois de alguns momentos de silencio, Montemar disse tranquillamente :

— É preciso ter paciencia. Nada se póde fazer sem tempo. Anna muitas vezes tem-te offerecido o mandar-te para o convento de Orotava. É preciso ir, demorar-te por lá algum tempo; mais tarde, passados alguns mezes, lá te irei buscar para seres minha mulher.

— Não, não quero ir, não quero ir, não quero separar-me de ti, João . . . não posso sahir d'esta casa.

-- Toma os meus conselhos, Caralampia. Eu bem sei o que nos convem. A mim tambem me custa separar-me de ti, mas a tua felicidade importa-me mais do que tudo.

— A minha felicidade ! A minha felicidade é estar contigo.

— No convento esquecerás tudo . . . tu serás minha para sempre, depois.

Um beijo tapou a bôca da Maruja que ia a protestar. Cheia de horror pelo que ouviu, Anna fugiu suffocando um gemido.

Quando, horas depois, D. João de Montemar veio ter com ella, já tinha o espirito menos agitado e o coração resignado. Assim, a santa mulher consentiu sem queixume, em ir pedir ao convento a admissão da Maruja, e esta fez o seu noviciado sob a protecção d'aquella mes-

VIII

A festa da aldeia

Guimar estava em plena festa ; enfeitada de bandeiras ornada de flores e arhustos sem conto. Por entre o verde dos loureiros perfumados, das laranjeiras em flôr, appareciam arvores carregadas de fructos rosados e dourados e as flores matisadas de mil côres, como em phantastico jardim. As aves pullulavam sobre aquelles formosos grupos de flôres multicôres e multiformes; com as variadas melodias das aves misturavam-se as canções populares, acompanhadas pelos doces e monotonos accordes das guitarras, os estridentes sons dos machetes, os gritos e as gargalhadas descompassadas, dos alegres guanches. Aqui e alli se iam accendendo algumas fogueiras de lenha balsamica e, por entre as verdes folhas, brilhando como insectos luminosos, os tenues fogareos que formavam caprichosas illuminações.

Em volta de uma fogueira agrupavam-se alguns ilheos, que escutavam com attenção um velho, que parecia estar contando uma historia. Approximei-me para ouvir.

O velho, a quem os outros escutavam boquiabertos, como se elle fôra um oraculo, era alto e enxuto de carnes, conservando, porem, todos os signaes de robustez e energia juvenil, apesar da sua idade avançada. Os cabellos brancos de neve assombreavam-lhes a cara enrugada mas não lhe escondiam o brilho dos olhos, onde se deixava vêr aquella expressão de velhacaria intelligente, que, por vezes, se encontra nos rusticos do campo, a quem a experiencia da uma especie de philosophia rude, que tem quasi sempre um pouco de zombaria. Em volta, os ilheos com suas jaquetas escuras, colletes encarnados bordados a côres, cinta de côr clara, calções abertos ao longo da perna por onde sahiam, em tufos, as ceroulas brancas, polainas de couro, bordadas de negro, e na cabeça chapéus de feltro, formavam um quadro alegre ao qual os clarões tremulos da fogueira davam feição pittoresca.

O velho dizia :

— Eu proprio o vi. Era noite. Estava no *malpais*, lá em cima na Chã das Canhadas. O luar era claro como dia de frio; dando nas flores brancas da *retama* odorifera fazia-as semelhar a capa de neve, d'onde irrompia aqui

e alli, o vulto negro de immenso frade immovel e severo. Acima de tudo erguia-se a caldeira do inferno, onde os diabos fazem a sua cosinha todos os dias; no alto da caldeira fluctuava, apparecia e desaparecia aquella nevoa semelhante a uma bandeira, que todos conhecemos e que a muitos tem enganado. De repente, detraz de uma rocha surgiu um bode negro que saltava com velocidade de pasmar, gritando como homem e dando silvos agudos como os pastores da serra. Tive medo e benzi-me. Nuvem negra tapou o luar por um instante e vi então, por entre sombras, o Manuel de Arafo, o lobis-homem, desaparecer por detraz de uma rocha... O bode maldito havia-se transformado.

— Tenho, muitas vezes, ouvido dizer — observou com hesitação um dos ouvintes — que o Manuel era lobis-homem e a mãe bruxa... mas só agora encontro quem visse...

— Vi eu. Mas não fica ainda por aqui — proseguiu o velho. — Tinha acabado de assistir a esta appareção do diabo feito lobis-homem e tinha ainda os cabellos em pé e o corpo todo a tremer, quando ouvi bulha de vozes da banda do *Homo da Monja*. Quanto olhei vi distinctamente um bando de bruxas com luzes na mão e, entre ellas... a Anna, a mãe do lobis-homem...

— Jesus, Maria! — exclamaram em còro as mulheres.

Uma d'estas, mais ladina, arriscou-se a dizer :

— A Anna! pobre mulher! mettida com as bruxas? Ella, que vive sempre com os santos que tanta vez vae à missa e a quem a menina Carmensinha trata com tanta caridade.

E outra mulher accrescentou logo :

— O sr. cura ouve-a muitas vezes de confissão e absolve-a, como a qualquer christã... Ainda hoje eu o vi e mais a menina irem para casa da pobre mulher... levar-lhe o jantar e a consolação.

Um dos ilheus, que escutava o conto phantastico do velho, animado pelas mulheres, ousou dizer então :

— Tio Domingos, creio muito no que nos conta... mas a mim faz-me scismar que sendo o André lobis-homem e a Anna bruxa, o sr. cura e a filha do general estejam tão bem com ambos. A menina e o padre, dizem... foram esta tarde a Arafo ver a velha, e eu vi-os voltarem ambos com D. Ramon, o lidalgo de Orotava, acompanhados por Manuel, que trazia á mão o cavallo do lidalgo.

— Guapo moço, o sr. D. Ramon—disse uma rapariga.—Esse é que não se deixava acompanhar por um ho-

mem que tivesse parte com o diabo. A mãe, a sr.^a D. Caralampia, é muito devota e esteve n'um convento.

— E tu conheces a sr.^a D. Caralampia? — perguntou outra mulher.

— Se conheço!

— Dizem que é uma senhora muito severa. Dura para os pobres. Em casa não lhe entra ninguém, nem ella sáe nunca.

— Essa é que parece uma bruxa, com o seu manto negro... o seu nariz de aguia, e uns olhos... como dois carvões accesos...—acrescentou outra.

— Mas é muito temente a Deus—disse a mulher que primeiro fallára e que parecia disposta a pensar bem dos outros.—Tem de cuidar do marido, que está doente ha já annos. A pobre senhora leva vida de martyr... com a cruz que tem.

— Contam-se d'ella coisas muito para admirar—acudiu a rapariga que se mostrára tão admiradora de D. Ramon.—E' filha de um marinheiro que morreu no mar.

— E' bom não fallar nos fidalgos—interrompeu, prudentemente, o tio Domingos, que tinha experiencia do mundo.—Depois de uma pausa, acrescentou em tom mysterioso, mas em voz baixa:—Eu conheço essa his-

toria. E ella... e era linda a sr.^a D. Caralampia... chamavam-lhe a Maruja. Não fallemos mais n'isso.

O grupo, a estas palavras, desfez-se, indo cada um buscar as danças e folias que mais o seduzia.

IX

A procissão

O dia seguinte nasceu com esplendores dignos da encantadora ilha de Armida. As montanhas rosadas pelos primeiros raios do sol, deixavam já passar os clarões puros da manhã, que se esbatiam pelo findar das encostas, cortadas pelas sombras das ribanceiras e das arvores seculares. A vida e o movimento animavam a natureza.

Os rebanhos de cabras trepavam para as Canhadas, seguidos dos pastores, que a custo se afastavam da festa de Guimar. Das serras baixavam as romeiras que, enfeitadas com os seus fatos mais garridos, resplandeciam ao sol como flores de primavera. De longe, ouviam-se, ao som de violas, cantares populares celebrando a Senhora da Candelaria, esquecendo S. Pedro o santo do dia: como que não podia deixar de escandalisar o bom

do santo visto ter este um genio, apesar de manso, um tanto invejoso.

Ó virgen de Candelaria
Querida estrella del mar

Cantavam todos os romeiros em voz esganiçada de falso : e todos se encaminhavam de tropel para a egreja, enfeitada de flores e onde os altares de S. Pedro e da Candelaria rivalisavam em luzes, pedrarias e cortinas de damasco.

Os padres, com seu canto-chão, rivalisavam com as notas agudas dos cantos populares da praça de Guimar. Alli é que a voz, profunda e estrondosa, do cura D. Serapião era uma maravilha de sonoridade, como a do sino grande n'um carrilhão.

Terminada a festa de egreja, que pouco tempo durou, seguiu-se a procissão com dois andores, cada um com sua feia imagem, uma de S. Pedro, outra da Senhora da Candelaria. Uns pequenos vestidos de branco, com flores em coroa nas cabeças e com largas azas de papel pintado, representavam anjos. Muitos ilheus, de capas brancas ou vermelhas precediam os andores, de tochas na mão.

O andor da Senhora da Candelaria era acompanhado

por muitas raparigas vestidas de branco, enfeitadas de flores, com velas na mão. Estas mulheres — formosas como andaluzas, vermelhas como a flôr da romã, com reflexos metallicos na assetinada pelle, os profusos cabellos, pela maior parte dourados, caindo em largas tranças pelas costas — eram precedidas por Carmen, mais bella que todas ellas e em que se via apparecer a alegria nos olhos, brilhantes como diamantes e nos gestos graciosos, como n'uma lenda de fadas.

No couce da procissão iam grupos, que chamavam as attenções pela singularidade e causava no povo movimento e surdos clamores de vivo enthusiasmo. Eram uns vinte ou trinta pastores, imitando os antigos guanches nas pelles que mal lhes cobriam a nudez dos corpos athleticos queimados do sol e nas simples armas de pedra e pão tostado e endurecido ao fogo.

Lady Fly, que estava comnosco no balcão monumental da casa de los Mareos, delirava de enthusiasmo. Aguahuco, o descendente dos guanches, explicava-lhe com os versos de Viana o que a ingleza tanto admirava.

Bestian blandas pieles gamuçadas
De cabra, de cordero y de oveja ;
Y con curiosidad y rara industria
Hacian un pellico muy pulido

A modo de camisa; era la hechura
 Que en su lengua llamaron el *Tamarro*.
 ... y en las piernás
 llyernas, que como medias sin plantillas
 Trayan, y un calzado como abarcas.
 Justo en los pies, que se llaman Xercos.

— E o que é que elles trazem na mão?— perguntou milady com curiosidade.

— O que trazem na mão, milady?—retorquio D. Praxedes.—As armas... as armas de que usavam os guanches.

las armas oensivas que tuvieron
 Eram muy gruesas masas ó bastones
 De troncos ou pimpolhos de los arboles,
 Que jugavam ligeros a dos manos,
 Y en el espacio de las grandes porras
 Encaixavam agudos pederuales.

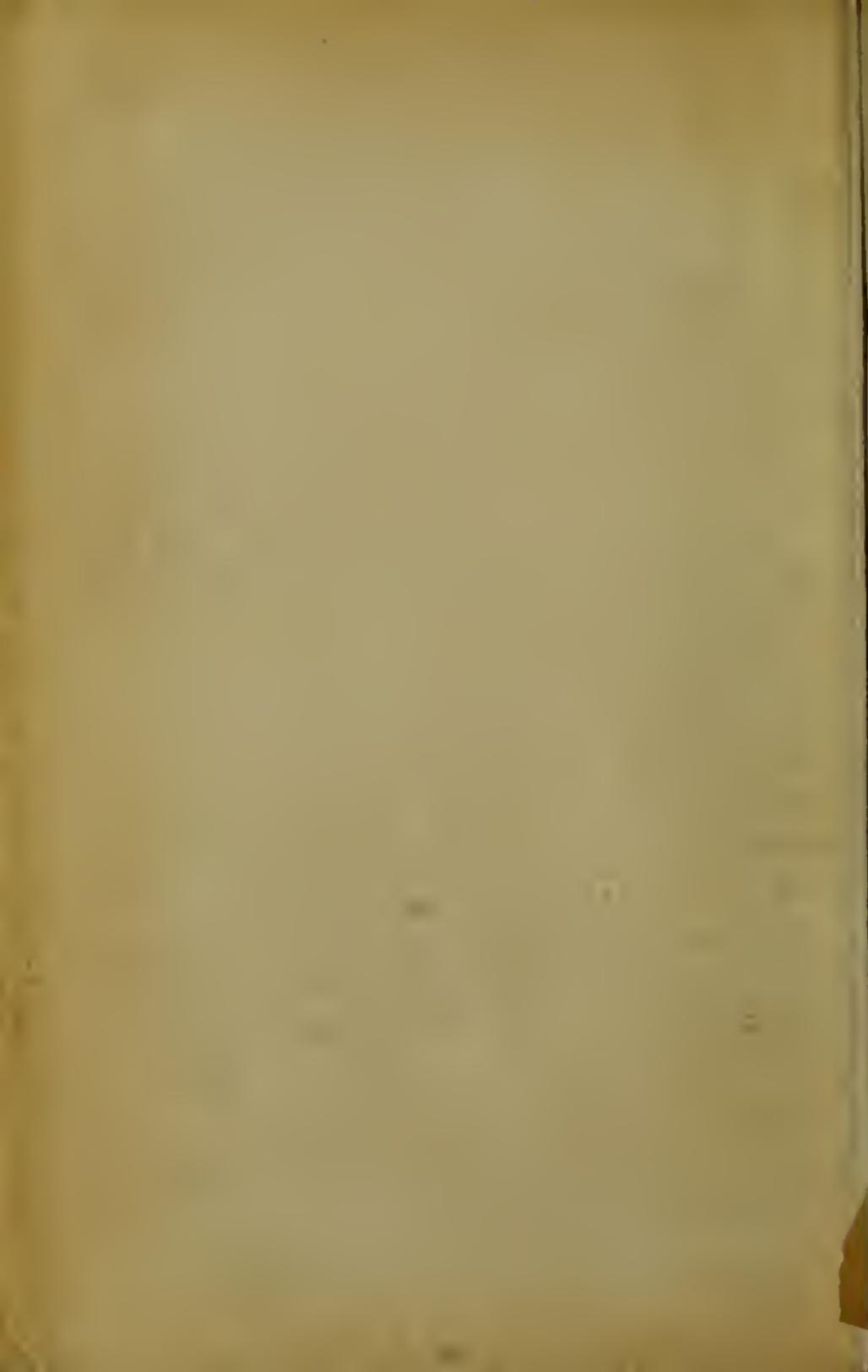
.....
 Usavam dardos como gruesas lanças
 Que llamavam Banoco en su lengua.
 Eram del coraçon de sus piscos,
 Que llaman *tea*, y la aguçada punta
 Tostada al fuego, mas estrago hacia,
 Que el afilado y bien templado acero.

Quando terminava esta conversação poetica-erudita de milady e Aguahuco, entrava a procissão na egreja.

Então os pastores representaram uma pantomima, simulando o encontro pelos guanches da virgem apparecida na praia; a pantomima terminou pelo antigo baile *canario* que a Europa toda imitou, principalmente na côrte de Hespanha; baile este semelhante ao fandango portuguez pela vivacidade dos movimentos e alegria do tom com que o acompanhavam a singela flauta e o tamboril dos pastores.

Terminada a primeira parte da festa, prepara-se tudo para a lucta que devia ser a *great attraction* do dia.

Os pastores que, até alli, tinham celebrado unidos a festa em honra da Senhora da Candelaria, a que S. Pedro dava pretexto, dividiram-se em dois grupos. De um lado os pastores de Guimar e das aldeias vizinhas, do outro lado os de Orotava, que ficam na outra encosta do monte, e que havia muito eram rivaes nas luctas e nas forças.



X

A lucta

De cada um dos grupos saíram tres luctadores. Então se levantou um murmurio de admiração em vista das formas vigorosas dos seis luctadores. Cada um, porém, se interessava pelos da sua parcialidade e, mais de uma palavra aggressiva se cruzou, como setta, levada de um para o outro lado da praça.

Entre os luctadores de Guimar sohresahia, como um colosso, o Manuel de Arafo. O povo, porém não o via com bons olhos e mais de um grito saiu da multidão contra o lobis-homem, filho da bruxa, o gigante das Canhadas. O amor proprio da aldeia dividiu bem depressa o povo em dois partidos: todos aquelles por quem Manuel ia combater, se poseram a gritar em favor d'elle, os contrarios a dizer-lhe injurias e, das palavras haveriam passado ás vias de facto, se a lucta não houvesse começado e absorvido as attenções publicas.

Ao cabo de alguns minutos, dois dos luctadores de Guimar estavam prostrados por terra vencidos pelos campeões de Orotava. Um so dos luctadores do partido de Guimar ficára vencedor, n'um combate que apenas durára segundos.

Os dois luctadores de Orotava, vendo incompleto o seu triumpho, por ficar de pé um dos adversarios, propozeram o combate a Manuel, que o accitou sem hesitar.

Combater com os dois adversarios e vencel-os, como se n'elle actuassem duras mallas de aço, foi tão rapido que os dois lados da praça, ficaram como fulminados e silenciosos ambos. Por fim immenso clamor se levantou de todos os lados ao mesmo tempo: triumpho de uns, ruina de vencidos dos outros.

Todos pareciam dispôr-se a ferir uma batalha campal em honra das suas aldeias, quando mais um luctador se lançou, da multidão do povo de Orotava, á frente do lobis-homem, para provocar novo combate.

Manuel olhou para o seu novo adversario sem se perturbar. Era um S. Christovam pelas dimensões, um touro pela robustez. Depois de o medir com os olhos, o luctador victorioso de Guimar arremetteu contra elle, enlaçou-o nos braços e arremeçou-o ao chão como massa inerte. O primeiro movimento de todos que presenciaram a por-

tentosa victoria foi applaudir o vencedor: bem depressa porém, os vencidos começaram a murmurar e os murmurios, promptamente, se transformaram em imprecações. As successivas victorias de Manuel eram obra do diabo: nenhum dos de Orotava queria attribuir á força natural de um homem a propria derrota. O homem tinha o diabo por sua parte. É filho de bruxa, é lobis-homem o Manuel. Quando as injurias se cruzavam de todos os lados e com as injurias as ameaças, um facto inesperado suspendeu todos os animos e fez immudecer todas as vozes.

Da porta da casa de los Mareos saíu D. Ramon, não vestido de pelles como os pastores guanches, mas com uma simples camisa aberta no peito, as mangas arregaçadas, calção branco, á moda do povo de Teneriffe, sustido por um cinto de seda vermelha, os cabellos soltos ao vento, a barba cuidadosamente penteada; bocca desdenhosa; olhos vivos que lançavam chispas de luz sinistra. De um pulo plantou-se em face do vencedor nas lutas passadas.

Ao ver o seu novo adversario, Manuel recuou um passo, claramente perturbado e ficou immovel.

N'este caso, não foi Manuel que se lançou ao seu adversario, mas este que abraçou, com extraordinaria energia o colosso de Arafo. Um só grito, veio romper o si-

lencio n'este momento supremo. Esse grito foi dado pela bella Carmen.

A voz angustiosa da filha do general Calavera pareceu redobrar as forças de D. Ramon e paralisar as de Manuel. Por duas vezes, com tudo, este chegou a dobrar até ao chão o seu adversario que, sempre, conseguiu levantar-se com pasmoso vigor e maravilhosa elasticidade. Por fim, os dois adversarios abraçaram-se; tão parecidos eram um ao outro que todos diriam que eram antes dois irmãos abraçando-se depois de larga ausencia. Esta semelhança saltou aos olhos de todos e mais de uma voz exprimiu a surpresa que o spectaculo causava.

Os luctadores conservaram-se, sempre abraçados, como duas arvores seculares saccudidas por violento tufão. Por fim, ambos baquearam em terra. D. Ramon, vencedor, ficou por cima do seu contrario.

Então a lucta tomou um character feroz. Manuel fazia esforços supremos para levantar-se; torcia-se como serpente, rugia como tigre. Para o segurar D. Ramon puzera-lhe sobre o peito o pesado joelho e carregava sobre elle como se fôra massa de chumbo. Com as mãos apertava-lhe a garganta e pouco tempo o pastor das Canhadas poderia resistir a uma prompta e dolorosa morte; a agonia manifestava já os seus primeiros e terriveis sym-

ptomas, quando, d'entre a multidão, saíu uma como fúria, lívida como se fosse cadaver, com a face enrugada onde se pintava o terror, os cabellos brancos, soltos, em desordem; o corpo convulso, magro como esqueleto; a bocca semi-aberta por onde saía a custo um gemido ou antes um grito inarticulado, meio rugido meio assobio; os braços estendidos; as mãos supplicantes.

Aquella mulher, imagem pavorosa da suprema dôr, veiu cair de joelhos ao pé dos luctadores.

Agarrando com as mãos debeis os braços robustos de D. Ramon, Anna poude balbuciar por fim:

— Ramon... D. Ramon não faças tão grande crime... crime tão horrivel... Não percas a tua alma.

E, como elle não largasse o seu adversario prostrado, Anna, por esforço sobrenatural, agarrou-lhe a cabeça, inclinando-lha para traz, e gritou:

— Caim... Caim... não mates teu...

A voz paralisou-se-lhe na garganta, as mãos abriram-se-lhe e caíu, como cousa inerte sobre o corpo quasi insensível do filho.

N'este momento, Carmen, com o candido pudor que lhe dava a sua ineffavel belleza e innocencia, desprendia as mãos de D. Ramon da garganta de Manuel e levava para casa o seu heroico namorado, no meio dos gritos

de victoria do povo de Orotava, que elle acabava de vingar.

Graças aos cuidados pressurosos da filha do General, poucas horas depois, Manuel era restituído á sollicitude da velha Anna, e levado n'uma maca para Arafo.

X

Viagem

Depois da festa de Guimar, o mau estado de saude de lady Fly, resultado da fadiga e das emoções, e a especie de enervamento que em todos, principalmente na delicada e sensível Carmen, deixou a scena violenta que terminou a lucta dos pastores guanches, foram causa de que a viagem a Orotava só se podesse realizar passados dias.

Quando chegou o dia destinado á viagem, estavamos todos alegres e bem dispostos, o tempo formoso e fresco. Milady menos pallida que de costume, vestida de branco e com um véo branco fluctuando do chapéu de palha, que deixava á solta as tranças de um louro esbranquiçado, montando garbosamente um honito cavallo andaluz que lhe offerecera o General Calavera, caminhava

na vanguarda da caravana, acompanhada pelo possante e gigantesco D. Praxedes Aguahuco, tambem garbosamente montado. Entre a ingleza e a guanche havia-se desinvolvido a mais cordeal intimidade, não sem desgosto do Doutor Wearisome, que seguia atraz do ditoso pár com o gesto desastrado de quem não sabe como esconder o mau humor.

Eu e D. Serapião acompanhavamos de perto a linda Carmensinha, em quem os acontecimentos do dia de S. Pedro parecia haverem causado profunda impressão. Aquella alma candida e melindrosa, que até então conservára a mais franca confiança na vida e nos que a cercavam, estava como assustada, porque vira abrir-se diante de si o abysmo, insondavel e tenebroso, das paixões humanas.

Um mysterio vago, incerto mas ameaçador, envolvia a innocente pomba e perturbava os seus innocentes sonhos: e ella, a pobre donzella, parecia querer esconder-se, timida, ao abrigo da amisade carinhosa do bom cura D. Serapião. Sem que eu soubesse em que o havia merecido, sentia que a filha do General me honrava com a sua confiança ou antes se deixava attrahir pela sympathia que eu involuntariamente lhe havia despertado.

Ao partir, a bella Carmen, murmurava em voz dolente:

Blanca nube de la aurora
Teñida de opala e grana,
Naciente luz la colora
Refulgente precursora
De la candida mañana
Mas ay! que se desipó
Tu puresa virginal,
Tu manto de aire llevó
Cual la ventura ideal
Que el amor te prometio?

O tom em que declamava, baixinho, estes versos de Espronceda, o seu poeta favorito, e o abatimento da sua physionomia, diziam claramente que, dentro d'aquella alma, se havia passado uma transformação dolorosa.

Atraz de Carmen seguia-se logo a mãe, com o seu ar solemne e como absorvida de grandes e raros pensamentos, de certo em harmonia com a sua indole romanescas, não de accordo com o burro, pacifico e somnolento, em que montava.

O general Calavera, espiritado como sempre, transudando mocidade pela pelle velha e suberosa, corria de um para outro lado, fallando com todos, interrompendo todas as conversações e provocando, mais de uma vez, o riso forçado dos que o escutavam.

Ao chegarmos ao ponto que leva ao alto da serra todos

parámos instinctivamente, para contemplar a formosa e animada paizagem que nos ficava atraz. Visto de cima, o vale de Guimar parecia ainda mais bello do que contemplado da beira-mar.

O sol illuminava em cheio as anfractuosidades do valle e desenhava nitidamente os montes, as quebradas, os grupos escuros das arvores, as fórmãs das aldeias e casaes, alvos como cysnes. O verde da vegetação vigorosa parecia despenhar-se do alto dos antigos montes vulcanicos, como agua espumosa de uma cascata e, por entre ella, sobresaíam, aqui e alli, as nervuras negras desenhadas pelas torrentes de lava, hoje congeladas mas ainda não decompostas pela acção lenta mas invencivel da vida vegetal. Aquella explendida alcatifa de verdura ia parar junto do littoral, onde antigos cones vulcanicos e os recifes alcantilados e arenosos do oceano lhe oppunham uma barreira arida e invencivel.

— Que linda que é a minha aldeia! — exclamou Carmen com lagrimas na voz. — E que pena hei de sentir se algum dia me separar d'ella!

D. Saturnina comprehendeu logo o pensamento da filha; em tom um tanto agridoce, que buscava enconder-se em forçada jovialidade, disse sorrindo:

— Todos se separam do que mais querem no mundo,

filha . . . e todos esquecem o bem que possuem pelo bem que esperam. Consolar-te-has como os outros se tem consolado.

Estas proposições banaes da philosophia romanesca da Senhora de los Mareos fizeram uma impressão dolorosa no espirito melindroso da sensivel Carmen. O seu coração sentiu-se, mais do que nunca, preso ao passado, de que fallára D. Saturnina e assustada pelo futuro que lhe acabava de apparecer cercado de trevas insondaveis; tornava-se isto evidente no olhar de viva saudade, que a Carmensinha lançou ao valle de Guimar, na expressão de involuntario terror com que olhou para as rochas negras, que formavam a estreita e escura quebrada, em que iamos entrar.

Depois d'esta curta scena, em que as palavras pouco diziam e os gestos diziam tudo, a cavalgada entrou, como se receiasse perturbar o silencio da serra deserta, no principio estreita, por onde corria o caminho sem dizer mais palavra.



XI

O Pico de Teneriffe

Para comprazer com lady Fly, que desejava vêr de perto o famoso pico de Teneriffe, desviamo-nos do caminho de Orotava e indireitamos para o alto da serra.

Depois de penosa viagem de algumas horas por quebrada escabrosa, não sem mais de uma queixa da esquiatica esposa do general Calavera, chegamos por fim, já ao cair da tarde ao cume do alcantilado monte, subindo sempre; passamos uma região povoada de formosos pinheiros que assombreavam o caminho e derramavam no ar perfume balsamico. Aos pinheiros seguia-se uma zona de giesteiras cobertas de flôres de ouro. Por fim chegámos á região coberta da *retama*, cujas flôres brancas como prata, exhalavam perfume inebriante. Depois de descermos a custo as escarpadas muralhas cyclopicas, que

cercam o vasto recinto das Canhadas, chegámos ao formoso planalto onde se eleva o pico de Teyde.

Milady, levada de entusiasmo poetico, começou a declamar os bellos versos de Tasso:

Lor s'offri, di lontano, oscuro un monte
Che tra le nubi nasconde la fronte.

E'l vedean poscia, procedendo avante.
Quando ogui nuvol già n'era rimosso,
Alle acute piramidi sanbianta,
Sottile inver la cima e in mezzo grosso.

— Parece que Tasso viu esta portentosa paisagem, quanto com tanta exactidão a descreveu—accudiu D. Faundo.

Tinhamos diante de nós um dos mais phantasticos quadros, que a natureza selvagem póle mostrar aos olhos surprehendidos do homem.

Estavamos no que fôra a cratera de immenso vulcão, cratera de enorme diametro, de seis a sete milhas, a qual se estendia, como uma arena immensa cercada de muralhas quasi a prumo, que, vistas de longe, pareciam os restos de castello derrocado de gigantes coroando a serra immensa. As rochas, que errompiam da planura, tinham recebido da mão do grande escultor, o tempo, as mais

variadas fórmas. Aqui erguia-se uma muralha em ruínas; mais além a fórma sinistra de um frade envolto em larga capa, parecia representar a meditação perpetua no meio da immutavel natureza; um monstro de elevado dorso e cabeça possante semelhava a esphyngue do deserto, rojando-se pela terra ao encontro de serpente tremenda, no momento d'esta desenrolar as suas espiraes immensas para se defender do mysterioso monstro.

Estas muralhas, estas feras, estas fórmas phantasticas ostentavam variadas côres, que tornavam mais sinistro ainda o seu aspecto. O vermelho escuro era atravessado de faxas de vermelho vivo, entrecortado de purpura mais ou menos clara, em que desenhavam arabescos alguns veios amarello-dourados.

Onde achavam solo penetravel, em que podessem fixar-se o *codesso* e a *ratama* cobriam em profusão a planura; e de ramo em ramo, por entre as folhas verdes e as brancas flôres, saltavam os canarios selvagens, cujos cantos melodiosos enchiam de vida e de alegria aquelle deserto.

Caminhavamos lentamente para o grande pico do Teyde, que se erguia, immenso cône coroado por ponta branca de neve, a mais de trez mil pés acima do chão das Canhadas. O ceu, de azul purissimo, d'onde baixavam os raios do sol em torrentes, parecia ter um movi-

mento de vibração, que se communicava a todos os objectos que nos cercavam. Eram as ondas do ar aquecido que subiam das encostas, e trepavam oscilando e ondulado, até ao cimo do pico.

O pico do Teyde é formado por duas montanhas sobrepostas e empilhadas sobre a grande serra de Teneriffe. Parece que aquellas grandes serras foram, por esforços titanicos, dispostas umas sobre as outras para escalar os ceos.

Correntes de lava negra e brilhante, solidificadas a diversas alturas, ficaram suspensas, como pingos de enorme toxeiro, aos flancos do grande pico, dando-lhe um singular aspecto.

— Não me cança nunca admirar este prodigioso quadro! — exclamou D. Facundo Primigenius, dirigindo-se a lady Fly.—Aqui se veem os vestigios dos grandes movimentos que sacudiram a terra nos primitivos tempos da sua agitada *genesis*. As erupções succederam-se, por muitos seculos de seculos, umas a outras, e todas deixaram abertas as temerosas crateras por onde vomitaram, em fogo, as lavas com que ajudaram a levantar este esplendido montão de ruinas. Os vulcões novos foram abrindo novos caminhos ou se formaram como parasitas, sobre mais antigos vulcões. Estas formas monstruosas

são as do primitivo mundo vulcanico, taes como ainda hoje os astrônomos as encontram na velha lua

— Teneriffe é um muzeu do mundo antigo, conserva até aos nossos tempos — observou o Dr. Wearisome.

— Não se engana, doutor — respondeu o antiquario, com enthusiasmo. — Não se engana. Aqui estamos vendo o grande esqueleto da terra, apenas coberto por ligeira mortalha de verdura, rasgada em muitas partes. Os que primeiro desembarcaram nas mysteriosas Affortunadas, encontraram estas ilhas habitadas por um povo primitivo, de costumes singelos, de vontade inergica, usando armas de pedra e tendo a industria pastoril como principal riqueza e a cultura da cevada como unica industria. — Como vê, doutor Wearisome, estamos aqui n'um verdadeiro muzeu de antiguidades . . . naturaes e anthropologicas. O celebre Cadamosto ainda observou o pico do Teyde ardendo sempre como o Ethna. Os primeiros conquistadores encontraram os guanches como os povos da denominada edade da pedra, taes como a sciencia nos mostra que eram esses povos prehistoricos.

O antiquario dispunha-se a levar mais longe a sua dissertação philosophica, mas, não encontrando attenção nos ouvintes, julgou mais prudente o calar-se. Lady Fly ia inteiramente entregue aos novos amores que sentia in-

vadirem-lhe o coração, e que transpareciam nos seus pulidos olhos de porcelana, que se voltavam, a cada instante, menos amortecidos que de costume, para o esplendido Aguahuco. Este era todo cuidados pela desbotada inglesa, a qual parecia estar a ponto de desfalecer e quebrar-se. O doutor inglez não parecia indifferente á transformação porque via passar a sua doente, transformação da qual resultava serem menos attendidos os seus preceitos, por haver a lady encontrado remedio efficaz, que elle não tinha na sua pharmacopea.

O general Calavera e D. Saturnina estavam absortos contemplando a tristeza subita de Carmen, que não ria nem declamava os seus versos favoritos, e mal trocava algumas palavras com o velho D. Serapião. Eu buscava descobrir o segredo d'aquelle drama que, subitamente, encontrara no sereno e viçoso valle de Guimar, entre flores e perfumes.

As difficuldades do caminho escabroso augmentavam ainda a distracção, com que todos ouviamos as dissertações de D. Facundo.

Atravessamos a chã, coberta de *retamas*, que leva ao Pico, monotona e coberta de ligeira camada de pedra pomes, que foge debaixo dos pés. Uma rocha escura, com apparencia de vidro, por vezes irisado á superficie,

de pontas agudas e cortantes, aqui e allí, como vidro quebrado, forma um irregular anel na base do pico. Penetramos por uma quebrada d'esta rocha, e, depois de subir alguns metros pelo monte acima, chegamos, quasi noute, ao sitio chamado a *Estancia*. Aqui deviamos passar a noute e aqui terminava a nossa digressão ao Teyde, porque, apesar da sua energica vontade, lady Fly não podia ir mais longe.

Ao abrigo das rochas, n'um logar onde não chegava o vento, que, felizmente era pouco e morno, os arrieiros, que nos acompanhavam, fizeram de palha umas camas para as senhoras e abrigos para os homens e, assim cobertos com mantas e capas, esperamos que a cea se fizesse, contemplando de perto o pico monstruoso que nos fazia sombra.

A scena era verdadeiramente maravilhosa.

Deante de nós abriam-se varias crateras, algumas d'ellas deixavam ver abertos profundos abysmos precipitosos, indicando a immensidade dos cataclismos que lhes haviam dado origem. Os ultimos raios do sol-posto douravam ainda a ponta do pico, sobre a qual a lua cheia, brilhante como polido disco de prata, parecia, caminhando lentamente, vir pousar-se para completar o magnifico quadro.

Tudo na natureza, estava em profundo repouso. A serenidade do ceu, onde a luz tomava varias côres, desde a brilhante côr de laranja no horisonte, até ao azul escuro no zenith, onde resplandecia a branca lua, correspondia o silencio da immensa chã, d'onde se exhalava o suave perfume das *retamas*. As *fringilas*, as aves mimosas da serra, haviam callado os seus cantos suaves escondendo-se nas folhas do *codesso*.

Só, de tempo a tempo, algum dos arrieiros, que accendiam o lume ou cuidavam dos cavallos, soltava as notas garganteadas da alegre siguidilha.

Ha, entre a musica e a natureza, mysteriosas relações que se não podem desconhecer. Cada nação tem, na musica popular, caracteres distinctos, que se harmonisam com o character dos homens e a physionomia propria dos campos, das serras, das plantas e dos animaes.

Nos desertos, as canções desatam-se em sons estri-dentes, sem rythmo, entrecortados de notas, que imitam o sibilar do vento na immensa solidão entre nuvens suffocantes de areia, ora subindo aos tons mais agudos, ora baixando sem transição ás notas mais graves.

As melodias do deserto, ao atravessarem o Mediterraneo levadas pelos mouros a Hespanha, transformaram se — tomando maior doçura — em tons mais alegres e

rythmo mais definido; transformaram-se em melodias que falam de amor entre risos, meigos, sensuaes, onde o viço da natureza e a incomparavel belleza das mulheres suavemente se combinam.

Nas canções andaluzas sente-se o genio arabe e veem-se ondular as fôrmas gentis e brilhantes, os olhos luminosos e namorados das formosas andaluzas.

Ao passar a fronteira portugueza a canção perde o character arabe. Apenas de tempos em tempos se ouvem nos campos alguns cantos tradicionaes; herança degenerada que nos ficou dos mouros e que os bois parecem entender melhor do que os homens. A cantiga portugueza tem um *estyllo* que lhe é peculiar. Não se sente alli a inspiração arida e phantasiosa do deserto; mas ouve-se o murmurar monotono das aguas do mar beijando a praia docemente, ou o ruido suporifico dos regatos correndo sobre os seixinhos; adivinha-se o écco saudoso das queixas dos marinheiros longe da patria.

A canção franceza, uma das mais graciosas, é variada na fôrma, como a terra em que nasceu, alegre ou melancolica, zombeteira ou seria, amorosa ou solemne; sempre, porém, repassada de espirito como o genio da França. Filha das melhores inspirações dos trovadores provençaes e do chiste gaulez, a canção franceza tem

um character puramente europeu, por isso, a sua inspiração penetrou toda a Europa da meia idade.

Quem não conhece e não admira a musica italiana, em que falam as paixões dramaticas; em que ri a comedia e a tragedia chora; em que, quasi sempre, se espreguiça a morbidez meridional por entre sorrisos ou lagrimas, em que, por vezes se sente o bater compassado dos remos das gondulas nas aguas dormentes das lagunas.

Assim dava Primigenius largas á sua *vis philosophandi*, a proposito da canção dos arrieiros, quando Lady Fly o interrompeu, perguntando-lhe :

—E da musica ingleza, o que pensa o sr. D. Facondo?

Embaraçado com a pergunta, Primigenius parou um instante, depois, pensando na difficuldade respondeu :

— Na Allemanha a inspiração dos artistas gasta-se muitas vezes nas especulações da sciencia, em vez de estudar as manifestações da natureza : é assim que se originam essas escolas convencionaes de pintura e de musica, que são verdadeiras maravilhas para os que as comprehendem, mas deixam, frios e indifferentes, os profanos. Quando, porém, os artistas da germania recebem da natureza as poderosas inspirações, que ella só sabe

dar ; quando escutam o murmúrio profundo das florestas, o ecco vago que roçou pelas serranias; quando na sua phantazia, os artistas dão corpo ás incertas formas, que fluctuam nos nevoeiros, por sobre os lagos alumiados pelo luar; quando interpretam os suspiros da áragem pelas arcadas dos velhos templos ou os gemidos lugubres das paixões tumultuando na alma dos homens ; então a musica dos grandes mestres allemães, é a musica do mundo.

— E a dos inglezes? — insistiu, perguntando, Lady Fly.

— Se a Inglaterra tivesse um maestro comparavel ao seu Shakspeare... então... não haveria musica superior á ingleza.

— Mas... das melodias?...

— Das melodias inglezas?... — interrompeu D. Fa-cundo, que via acercarem-se novos embaraços para a sua propensão discursadora, nem sempre lucida. — Melodias, não ha que fallar d'ellas agora. A musica, como a comprehendem e sentem os allemães e... os inglezes tambem, não se alimenta senão de harmonias poderosas.

Felizmente, vieram n'este momento os gritos dos arrieiros distrair a attenção de milady e deixar em descanço a critica musical do velho antiquario.

Os tenerifenhos gritavam, em coro :

— Tio José... Eh! tio José!...

E, ao mesmo tempo, arremeçavam pedras, atiravam os queijados a uma cabra montez, negra e selvagem, que ia saltando, a pequena distancia, de rocha em rocha, com extraordinaria ligeireza.

Os arrieiros, animados pelos proprios instinctos venatorios, corriam atraz do ligeiro animal; era, porém, evidente que o não poderiam alcançar.

De repente, detraz de um penedo saltou um cabreiro da serra, ligeiramente vestido de pelles, como os antigos guanches, levando na mão um queijado, que semelhava o *banoé*, de que usavam os povos antigos; como estes,

Se despeñava de los cierros altos
Como un dardo en las manos decayendo
Muy recto: en sus tercios estrivando

Alguns segundos apenas durou a vertiginosa carreira e, subitamente, a cabra montez e o caçador precipitaram-se n'um barranco, com grande pasmo nosso, enthusiasmo dos arrieiros e terror de Carmen, que havia reconhecido, no caçador, o filho da sua protegida a velha Anna.

XII

Um presente

Pouco depois, chegava diante de Carmen o Manuel de Arafo e depositava-lhe aos pés o gracioso animal, que apanhara na carreira, envolto na manta, vivo e a tremer assustado ao ver-se preso.

— Esta cabrinha da serra vem, também, pedir a protecção da menina Carmen: o anjo de Guimar, como lhe chama minha mãe—disse Manuel.

— Dá-lhe a liberdade, Manuel — accudiu, com solicitude, a filha do general, acariciando, com doçura, a cabrinha.

— Não a quer proteger? . . . — perguntou o pastor.

— A melhor protecção que o pobre animal pode ter é a liberdade que perdeu.

— Não . . . não, menina — balbuciou Manuel — mais que a liberdade vale o ser escravo . . . com tal senhora.

Em quanto o pastor dizia estas estranhas palavras, com uma voz branda que fazia contraste com os seus modos rudes, semi-selvagens e com as suas proporções atléticas, Carmen, vermelha como uma romã, continava a acariciar a cabeça graciosa e o pescoço, coberto de pello negro e brilhante como seda, da cabrinha captiva.

Esta, surprehendida e como magnetisada, voltou para a sua protectora, olhos em que transparecia aquella doçura, característica dos olhos de muitos dos herbiveros das serras e, ao mesmo tempo, soltava um balido que parecia um gemido de creança. Manuel, de joelhos aos pés de Carmen, ia desenrolando, lentamente, a manta que envolvia a cabrinha brava e beijando muitas vezes, o sitio onde havia passado a branca mão do anjo de Guimarães.

Por alguns instantes aquella scena extraordinaria se prolongou, sem que nenhum dos actores parecesse ter consciencia do que se passava. Eu, vivamente interessado, admirava o formoso quadro, que tinha por fundo o monie immenso para onde as nuvens, douradas pelo esplendido pôr do sol, trepavam lentamente.

Por fim o meigo animal, já de todo solto, em vez de fugir acercou-se timorato de Carmen e deitou-se-lhe aos pés com confiança.

Era um verdadeiro milagre. A belleza e a doçura tinham mais uma vez mostrado o seu maravilhoso poder, mesmo sobre a natureza de um animal selvagem.

Depois de haver beijado, com devoção, a ponta da mantilha, que pendia dos hombros da filha do general, o pastor desapareceu por entre os rochedos, como uma sombra.

Este curto e curioso episodio deixou, em todos, viva impressão; principalmente em Lady Fly, que se não cansava de fazer exclamações gutturaes sobre a agilidade do pastor, sobre a belleza das suas formas herculeas, sobre os cuidados que mostrava pela cabra da serra e o respeito carinhoso com que offerecera o gracioso animal á linda Carmen, sua protectora. A dengosa ingleza tudo era tentar fazer caricias á cabrinha brava; esta, porém fugia-lhe e, só a Carmen, a quem se afeiçoara, consentia que lhe puzesse as mãos.

Assim, entre risos e variados colloquios, passamos o resto do dia e nos preparámos para passar a noute que, felizmente, estava amena e de incomparavel belleza.

As estrellas brilhavam como diamantes immensos, engastados n'um ceu purissimo; a lua baixava rapidamente para o occaso; o ar corria brandamente sobre as flores da *retama* e carregava-se de perfumes suaves; os ulti-

mos clarões da fogueira tremiam, levantando-se em linguas de fogo, que lambiam titubiantes os madeiros carbonizados para perder-se no ar em tenues nuvens de fumo. De tempos em tempos, rompia o silencio do monte o resonar, em voz de contralto, de D. Saturnina acompanhado pelos roncões, em baixo profundo, de D. Serapião. A propria lady Fly, por fim, adormeceu, depois de tentar, em vão, contra o pesado somno, porque, dizia ella entre sonhos, não queria perder aquella feliz occasião de admirar os prodigios da natureza nos abandonados jardins da Armida. Só Carmen não podia dormir n'aquella solidão immensa e n'aquelle silencio profundo. A sua imaginação parecia estar povoada pelas imagens phantasticas do passado, pelos sonhos incertos do futuro, pelas saudades, pelas esperanças, pelos desenganos, por esse vago anhelos que agita o espirito das candidas donzellas e que se não pode definir em forma; Carmen não adormecêra e, junto d'ella, solta e livre, conservava-se a cabrinha, inteiramente domesticada já, e obedecendo á menor vontade da sua protectora, quando a podia advinhar.

XIII

Continua a viagem

Os primeiros clarões da manhã vieram pôr a caravana em movimento. A ponta do Teyde começava a dourar-se com os primeiros raios do sol e o horisonte immenso era visível, illuminado pela pallida luz da madrugada, quando nos puzemos a caminho para Orotava; não sem difficuldade, porque lady Fly e Carmen, que haviam subido parte da encosta do outeiro, se não cançavam de admirar o esplendido panorama. E com rasão.

O horisonte, que diante de nós se alongava, era immenso e maravilhoso. No primeiro plano a escabrosa ilha de Teneriffe, com as suas poderosas montanhas, superiormente terminadas pelo dorso espinhoso das *canhadas* do qual se destacavam numerosos contrafortes, separando, uns dos outros, estreitos valles cavados de profundos barrancos. Por cima d'esta rede confusa de mon-

tes e vales fluctuavam, aqui e alli, nuvensinhas tenues e brancas, que cortavam caprichosamente a severa paysagem. Banhando a *ilha do inferno*, o mar, a que os primeiros clarões do dia davam reflexos de aço brunido, estendia-se ao largo, onde, pouco a pouco, um tenne nevoeiro esfumava a athmosphera, mal cobrindo todos os contornos e deixando advinhar, por entre um veio, indefinidos horisontes, vagos e como a fluctuarem no espaço.

— Formosa vista esta, que d'aqui se disfructa! — exclamou D. Facundo, não para dar expansões ao entusiasmo, mas para excitar o entusiasmo nos que o escutavam — Para alli se estende o bello valle de Orotava, para onde vamos e, mais alem no mar, para o oriente, entre sombras que as não deixam perceber bem, lá se advinham as duas ilhas de Lançarote e Forteventura... as primeiras ilhas que conquistaram os normandos. Aqui, mais perto, menos encuberto pelo nevoeiro, podemos observar a Grã-Canaria, que d'aqui parece quasi tocar em Teneriffe.

— É de maravilhar este vastissimo panorama! — exclamou a ingleza — Pena é que o nevoeiro o não deixe admirar em toda a sua plenitude!

— Não, não — accudiu Carmen — É melhor assim.

Este vago . . . este incerto . . . este indefinido, dá a tudo maiores proporções, belleza mais repassada de mysterios

Cenida de una nube
De vaporosa gasa,
Que el aire lleva en torno
De suavissimo ambar,
De rosa y asucenas.

Assim a natureza é mais enebriante, o espaço mais illimitado . . .

— O positivo desaparece diante do ideal e é isso de que gostam as almas como a da minha *flór silvestre*—interrompeu com bonomia o antiquario.

— A alma da nossa Carmen . . . da nossa *flor silvestre*, e quantas almas se tem rasgado nos espinhos da vida . . . nas realidades do mundo—murmurou, com um suspiro, a romanesca lady.

— Busquemos nas realidades do mundo bellas que, a mais exaltada phantasia, não ousaria talvez sonhar—acudiu D. Facundo—creia que a phantasia tem, muitas vezes, calumniado a realidade, que não poderia imitar e, ainda menos, exceder . . . Onde pode imaginar-se espectáculo mais grandioso, mais bello do que este que temos diante dos olhos? . . . A realidade, n'estas afortuna-

das ilhas, vae muito alem do que phantasiou o grande Tasso.

Como para desmentir o antiquario, lady Fly declamou

E erau queste l'isole Felici
 Così le nominó la prisea etate
 A cui tanto stimava i cieli amici,
 Chè credea voluutarie e non arate
 Qui partarir le terre e'n piu graditi
 Fruti non culte germogliar le viti
 Qui non fallaci maí fiorir gli olivi
 E il mel dicea stillar dall'elci cave,
 E scender giúda lor montagne iriri
 Cou acque dolci è mormorio soave,
 E zefiri e rugiade i raggi estivi
 Temprarvi, si che nullo ardorv' e grave,
 E qui gli elisy campi, e la famose
 Stanze delle beate anime pose.

— São lindos esses versos milady, mas quanto mais formosa é a natureza?! — exclamou Primigenius — O Tasso sonhou as affortunadas como a antiguidade e as vagas descripções dos viajantes lh'as liguraram na phantasia; mas, antes d'elle, já o Camões pintara com vivas côres a ilha dos Amores, que Venus pôz no caminho do Gama para

Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de cristal liquido e manso

Para julgar difficil cousa fôra,
No ceu vendo, e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores côr a bella Aurora
Ou se lha dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zefiro e Flora
As violas da côr dos amadores,
O lirio roxo, a fresca rosa bella
Qual reluz nas faces da donzella

—Alli,—acode D. Facundo—por entre o lirio e a rosa
o bosque e as aguas, corriam as formosas nimphas.

Fugindo as nimphas vão por entre ramos;
Mas mais industriosas que ligeiras
Pouco a pouco sorrindo e gritos dando
Se deixam ir dos galgos alcançando

Tambem alli — proseguiu o antiquario—se mostrava
um palacio encantado, onde recolhe o capitão e a maior
parte das nimphas a quem se humilha tudo e servo obe-
dece. A nimpha:

Tomando-o pela mão, o leva e guia
Para o cume de um monte alto e divino,
No qual a rica fabrica se erguia
De crystal, e de ouro puro e fino

As declamações poeticas do incorrigivel D. Facundo foram, n'este ponto, interrompidas pela forte voz de D. Praxedes, á qual a disposição do Pico dava uma resonancia quasi sobrenatural.

— Aqui temos, sr. D. Facundo — dizia elle a alguns metros acima de nós— aqui temos a fabrica de cristal de que falla o poeta, a que o sol da madrugada dá reflexos de ouro fino.

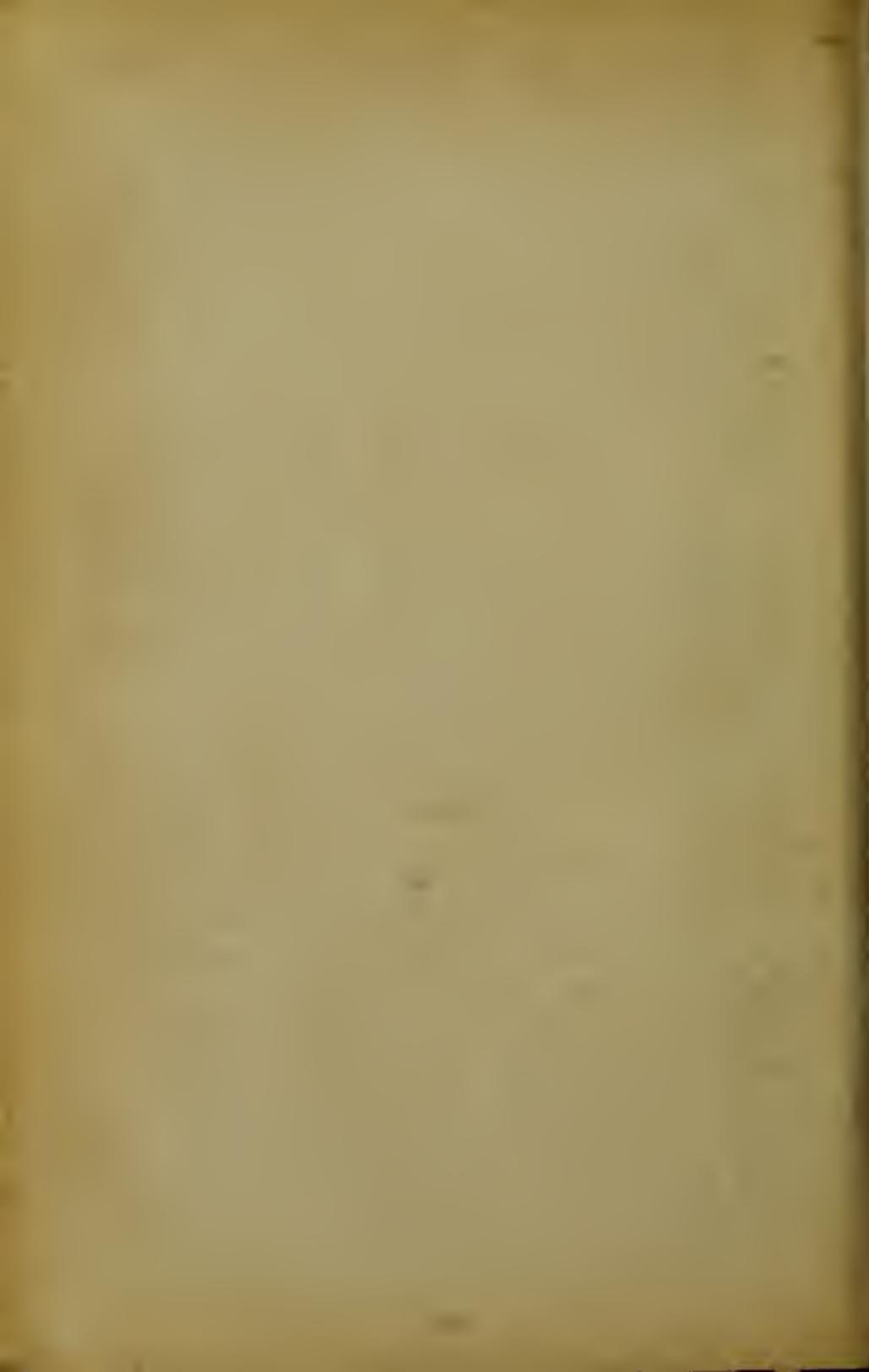
— É a cova da neve— disse o antiquario— uma das maravilhas do monte do inferno. No alto enxofre e fogo, em baixo gelo e frio. Vamos a vel-os depois de deixarmos estas regiões da phantasia.

Com grande esforço da ingleza subimos até onde estava Aguahuco e vimos ali a maravilhosa cova da Neve. Esta caverna, aberta na lava, tem uma entrada estreita para o nascente e, por ella, áquella hora, entravam em pleno os raios do sol. Do tecto pendiam estalactites immensos de transparente gelo onde a luz do sol se decompunha em raios brilhantissimos, verdes, azues, roxos, escarlates e cor de ouro, que se entreteciam, se crusavam, se combinavam em confusa e desordenada harmonia. Dos lados, o gelo levantava-se em ligeiras columnatas, em pilastras massiças, em columnas irregularmente, toscas, coroadas de capiteis phantasticos. O solo

estava coberto de gelo esverdeado, como se fosse talhado em esmeralda polida e mimosa.

—Esta caverna não tem fundo conhecido—disse o antiquario—E' tradicção que communica com uma caverna mortuaria, que se abre perto de Ycod, a oito milhas d'aqui. Conta-se que um cão caindo n'esta caverna foi dar a Ycod.

Depois de muitas exclamações de Milady, que pensava em seguir o exemplo do cão explorador, conseguimos descer do monte e pôr-nos alegremente a caminho para Orotava.



XIV

Formosa madrugada

Os primeiros clarões da madrugada espalhavam, na planura das Canhadas, luz tenue e alvacentas, a qual deixando tudo ainda no vago e indefinido, pouco a pouco ia bruxoleando a suave paysagem. O frescor da manhã era vivo e penetrante. O silencio da natureza entorpecida começava a deixar-se interromper pelas notas curtas e soltas, como murmuradas a medo pelas graciosas fringillas, que esvoaçavam de quando em quando pelas ramadas da *retama*. Aquella branda e doce luz, as brancas flores do matto, cujos perfumes suaves penetravam e embalsamavam o ar purissimo da serra, pareciam flocos de pura neve. A natureza estava ainda entre adormecida e desperta e nós estávamos como a natureza, quando um murmurado suspiro da linda Carmen nos veio a todos despertar.

Foi o primeiro a romper o silencio o antiquario. O somno não lhe tirou a vontade de philosophar.

—Que tem a minha bella *flôr silvestre*?—disse elle—
Que tem, para começar o dia por um suspiro tão incerto
como a luz primeira da madrugada?

—Nada, meu querido D. Facundo—respondeu a Carmensinha, com a precipitação de quem quer conter curiosidades importunas.—Não tenho nada. Acordei.

—E acordou para admirar uma madrugada tão formosa como os sonhos da sua candida alma—acudiu Primigenius.

—Que formosa madrugada!—exclamou Lady Fly, tomando parte na conversação.

—Não é verdade?!—perguntou D. Facundo.—A luz incerta dá mais grandeza ao Teyde, illuminado por um lado, ainda no escuro da noite por outro lado, o Pico parece maior. A luz incerta da manhã torna mais visiveis as trevas, dá formas vagas e phantasticas ás negras rochas da Serra.

—Que perfume tão suave se exhala do matto!—exclamou Carmen.

—A tua cabrinha gosta tambem do perfume e anda vagando já por entre a *retama*—acudiu o general Calavera.

—Que maravilhoso é o despertar da natureza?—proseguiu D. Facundo.—A alma do universo vibra ao leve contacto da luz. De tudo . . . dos montes, das verdejantes planícies, do mar prateado, do céu que parece cuberto de fluctuante veo . . . levanta-se uma harmonia profunda, que parece murmurar em sordina o grandioso hymno da criação. O ar que se respira ainda está impregnado dos efluvios da noite, que da terra se levantam nas gottas diaphanas da ligeira nebrina, sobre esta vaga harmonia começam a bordar-se os sons que as alegres avesinhas soltam, como perolas vivas e sonoras. O bramido do mar, ao longe, vem juntar uma nota triste a esta festa da natureza. Teneriffe faz como a minha bella flôr campestre. Accorda sorrindo e suspirando.

A graciosa Carmen, de pé, as roupas soltas ao vento, os cabellos caídos em desordem, o riso na bocca, os olhos brilhantes como puros diamantes a fitar a ponta do Teyde, dourada pelo primeiro rayo do sol, exclamou:

Salve, llama creadora del mundo,
 Lengua ardiente de eterno saber;
 Pura germen, principio fecundo
 Que eucadenas la muerte á tus piés.
 Tu la inerte materia empoleas,
 Tu la ordenas juntarse y vivir,

—Bravo!—exclamou Lady Fly, arrebatada—Explendida poesia, digna das grandezas da natureza!

—Os primeiros raios do sol illuminam o que está mais alto—disse rindo, o antiquario.—E' o grande principio da egualdade, que todos proclamam quando estão de baixo, é o grande principio ensinado pela natureza. A luz vae primeiro ao mais alto e deixa nas trevas o mais baixo.

—É sempre assim—acudiu o dr. Wearisome, que se presava, ás vezes, de ser philosopho pessimista.—Os homens proclamaram todos os principios que a natureza contraria. A egualdade não a admite a natureza senão ao nascer e ao morrer. Tudo se absorve na eternidade, tudo se perde no infinito. No acto da evolução as desigualdades manifestam-se e o dominio é dos mais fortes. São estes que persistem, são estes que tomam logar no mundo e o conservam em quanto não vem outros mais vigorosos, que os vençam e os despogem.

—E assim caminha o progresso humano—suggeri eu, modestamente.

O doutor inglez olhou para mim com ironico sorriso, como se em mim visse um ente digno de dó.

—O progresso humano!—exclamou elle—E o que é? Em que consiste esse progresso?

Assim como o rotundo bretão se resolvia a fallar, decidi-me eu tambem a romper o meu mutismo systematico. Era o ar fresco da manhã que a ambos nos excitava? Não o sei: mas, o que era verdade é que a minha vontade de fallar ia diminuindo á medida que o sol se elevava no horisonte, e que acabei por me callar.

— O dr. Wearisome não sabe em que consiste o progresso?— perguntei, enfadado —A intelligencia humana penetra, cada dia mais, os segredos da natureza e a natureza sugeita-se humilde á vontade do homem, trabalha para elle, cria-lhe riquezas, movimento, vida. Não sabe onde está o progresso?—prosegui —E o vapor e a electricidade? As distancias vencidas com vertiginosa rapidez: as poderosas machinas trabalhando dia e noute com inergia incançavel, com maravilhosa pericia, os esplendores roubados ao sol pela luz electrica alumando as noutes tenebrosas: a chymica a revelar-nos os intimos segredos da materia: a liberdade do homem proclamada pelos povos...

—Tudo isso são triumphos da phantasia ou conquistas da materia—acudiu o bretão—Teem os homens de hoje a vaidade estulta de terem descoberto o que as gerações passadas ignoravam: mas todos esses descobrimentos tem a sua raiz no que as gerações passadas conheceram. O

methodo é mais perfeito, o systema de observação mais escrupuloso: mas isso não é razão para a geração presente ter tão grande orgulho.

— Não exagere, doutor, a sua malquerença contra este nosso seculo—disse D. Facundo.

— Não exagero. Este seculo não é peor que os precedentes, mas tambem não é nem melhor nem mais feliz.

— Que está dizendo, doutor! — interrompeu Lady Fly.

— Repito o que muitas vezes me tem ouvido, milady. Por correrem mais, os homens não vivem mais nem melhor. Por trabalharem mais machinas do que homens, não ha menos miseria. Por ser cultivada a terra como se fora um laboratorio chymico não ha menos fome no mundo. Por se cantar a liberdade em todos os tons, não ha menos escravos nem menos tyrannos. Os homens de pouco se lisongeam e, facilmente, acceitam, como conquistas do seu trabalho e da sua sciencia, as ironias da sorte.

— Está, como sempre, descrente, doutor. É um pessimista!—disse Lady Fly.

— Serei, sim, lady, serei pessimista. Mas a vida não ensina outra cousa senão a comprehender a ironia. Alguns bens materiaes tem, a sciencia moderna realisado,

o mundo é mais feliz por isso? Hoje os homens aspiram todos a gosar, aspiram a não soffrer, nem a oppressão, nem o trabalho: querem um mundo de machiias que obedeçam, e de homens livres, que todos governem, que todos sejam independentes, que sejam todos felizes. Estas phantasias, irrealisaveis, perturbam os espiritos, exaltam a sensibilidade e fazem soffrer os homens mais do que os escravos. Á força de buscar a liberdade e a egualdade, a sociedade moderna encontrou a tyrannia dos brutos, que a dominam pelas ruins paixões, e a inveja, que armaram uns contra os outros os seus elementos fundamentaes. O egoismo corre a vapor pela terra toda e busca esconder a sua natureza vil em palavras sonoras, com que illude os innocentes.

— Não quer admittir nada que seja grande n'este nosso tempo de progresso e sciencia, doutor? — disse ironicamente o general.

— Engana-se, general — atalhou o inglez — Admitto sem hesitar, a grandeza da hypocrisia das sociedades modernas. Todos buscam bravamente enganar-se uns aos outros e, para isso, servem as palavras sonoras, que illudem a consciencia e servem para a prespectiva. O progresso é uma *blague* á qual alguns descobrimentos da mechanica dão apparencia de verdade. O espirito hu-

mano nada tem progredido. A falsa philosophia destruiu as crenças. A falsa liberdade aniquilou a ordem. A falsa litteratura suffocou a imaginação. O realismo extinguiu a arte. A sciencia, depois de trabalhar para o chamado progresso, trabalha agora para a destruição social. As armas de guerra, as machinas com que se servem os assassinos, aperfeiçoam-se para melhor produzir a morte, a ruina, a anarchia. Os antigos socialistas, que sonhavam harmonias irrealisaveis, phalansterios impossiveis, não fizeram senão acordar paixões, que hão de lançar n'um abysmo insondavel o mundo civilisado. O imperio Romano foi inundado pela invasão dos barbaros: o mundo moderno ha de subverter-se nas ondas da demagogia. A ironia da sorte é arrastar a humanidade á ruina, cobrindo-lhe de esperanças e de palavras sonoras o caminho.

Cançada de ouvir as declamações pessimistas do seu medico, lady Fly interrompeu-o.

— Todos os medicos propendem para estas negras idéas de anatomia social,— disse— costumados a tratar os males physicos, não veem senão os males da sociedade e serram os olhos para não verem o bem. Que admira, doutor Wearisome, se nem o sol da madrugada o illumina e aquece! Olhe o doutor para esta formosa natureza e não poderá desesperar do futuro do mundo.

— O mundo ha muitos seculos que é bello como hoje, e, ha seculos, o homem não contava as phantasmagorias do socialismo nem celebrava o... progresso por elle creado. Então admirava a natureza e adorava o creador. Agora adora-se a si proprio e a sua sciencia; parece-lhe que foi elle que inventou a natureza, quando nem sequer, a conhece.

— Para que discutir mais tempo o que nunca sabermos. Gozemos das maravilhas da natureza e adoremos o senhor, o creador de todas as cousas—accudiu Carmen—O grande segredo só... a morte no-l'o dirá um dia.

E proseguiu declamando.



XV

Encontro

Finalmente partimos.

Depois de longo trajecto pelo deserto arido e triste do monte, que se formou na cratera immensa do antigo vulcão, d'onde nasceram depois muitas outras. Tendo atravessado a larga charneca, onde a *retama* e o *codesso* não chegam a cobrir a pedra pomes que escorrega debaixo dos pés, chegámos a um medonho barranco por onde se sáe do circo das *canhadas*.

Ainda aqui não estavam acabados os trabalhos da nossa penosa viagem.

Ao sair do estreito porto das *canhadas*, baixamos por entre lava, de barranco em barranco, sempre cercados de montesinhos escalvados, ensaios incompletos de novos vulcões do mais triste e desolado aspecto.

Vencida esta região entrámos n'outras que foi antes

uma floresta mas onde appareciam agora alguns arbutos, urzes, faziam camas graciosas que mal vestiam a terra. Pouco a pouco ia mudando a paysagem e o perfume das flores principiava a embalsamar o ar ; á urze juntava-se o medronheiro e zambojeiro; ao myrtho abraçava-se a hera; os fetos enlaçavam as suas frondes com as estevas floridas e o cheiroso tomilho. D'entre esta onda de folhas e de flores, de perfumes e de côres suaves, levantava-se, erguia-se como monumento gigante, o colossal pinheiro do Darnaglito que escapou da lucta e successiva destruição da grande matta, que soffrera por aquelle lado a serra e abrigava os Guanches no tempo da conquista.

A' sombra do enorme pinheiro esperava-nos uma figura exotica; mistura hybrida do Quixote e do seu escudeiro Sancho Pança, participando no physico e no moral de um e de outro.

Era um homem baixo, roliço, anafado, cobertos os membros flaxidos de uma boa camisola de tecido adiposo, como Sancho. Uma cara longa e ossuda, ornada de negro e espesso bigode; olhos vivos e escuros, escondidos á sombra de compridas sobranceiras; cabellos cahidos em volta da cabeça em desordem pouco pittoresca. Triste figura do cavalleiro andante onde se misturavam

alguns caracteres ousados do toureiro com as formas rudes do cabreiro da serra. Calção azul, aberto desde o quadril e ornado de botões de filagrana de prata; polaina de coiro cozido sobre o sapato ornado de larga fivela, cinta vermelha sobre o colete bordado de ouro, jaqueta de alamares com feixos de prata, pequeno chapéo andaluz tambem com agulhetas de prata, completavam a grotesca apparencia do desenxabido cavalleiro.

Junto d'elle, tendo dois garranos pela brida, estava uma especie de criado, meio lacaio meio escudeiro, vestido como os camponios de Teneriffe, com manta de lã branca deitada aos hombros o qual deixava vêr uma chapa de prata com armas; pendente ao pescoço e na cabeça um chapéo de palha com laço de libré.

Os garranos, pequenos, magros, escanifrados, não chamavam menos a attenção do que o lacaio. Daspareciam quasi debaixo dos xaireis que lhe cobriam a anca toda e onde se admiravam, bordadas em relevo, as armas do nobre fidalgo que tinhamos deante de nós. As cabeçadas eram de lã vermelha com tantas franjas e guizos que quasi cobriam as cabeças dos inquietos garranos.

Quando nos viu o Sancho-aquixotado veio-nos ao encontro, com os braços abertos, em que se deixou, sem

resistencia cahir o general, exclamando n'um extasi de alegria:

— Que prazer tenho de o vêr, meu caro D. Diogo el Pillo de la Grã-Graça.

— Aqui estava esperando desde a madrugada, e já me iam tardando — disse D. Diogo el Pillo — A casa já está prompta para os receber e o dono da casa em alvo-roço desde hontem.

— Salve Deus o sr. morgado da Grã-Graça, interrompeu o cura, com riso de alegria familiar, que mettia medo pelo feio.

— E como está seu pae, sr. D. Diogo?—perguntou D. Saturnina com interesse.

— Como velho. Para se não cançar é que não veio até ao pinheiro. Bons desejos não lhe faltavam... mas faltavam-lhe as forças, o rheumatico não o deixa sahir.

— Pobre D. Felix!—exclamou Carmen.

— Pobre não—accudiu D. Diogo—porque vae ter agora o prazer de ver a sua afilhada, a sua flôr de romã, como elle lhe chama.

Depois, olhando para Carmen e lembrando-se talvez de que era futuro morgado da Grã-Graça, proseguiu — A flôr de romã está hoje flor de retama, pelo branco das faces — e acrescentou — A côr da romã via-a eu passar

hontem pela villa. Levava-a roubada, essa bella côr, aquelle desalmado D. Ramon del Tornus.

A Carmensinha, ao ouvir estas palavras imprudentes, fez-se vermelha como uma romã.

— Ah! ah!—exclamou, rindo el Pillo—Voltaram as côres á nossa Carmensinha. D. Ramon roubou-as, eu trouxe-lh'as.

A conversação tornava-se embaraçosa para a innocente e namorada menina. Com o fim de desviar as attenções, observou Carmen ao pae que ainda nos não havia apresentado a D. Diogo.

O desorientado morgado, sem esperar mais nada, acudiu logo—Os amigos do general Calavera, os hospedes da casa de los Mareos são os nossos amigos, os meus hospedes, sem que sejam precisas apresentações afrancezadas.

Apezar da interrupção, Calavera começou as apresentações, como cortezão de velha data, que era.

—Lady Fly — disse—Tenho a honra de lhe apresentar D. Diogo el Pillo, filho do meu velho amigo o morgado da Grã-Graça. D. Diogo, viu Lady Fly em Teneriffe...

— A voar pelas ramadas dos mattos, como um louva-a-deus... e não lhe deve de ser difficil pelo leve que

é... o perigo é que o ar a leve—interrompeu o Pillo de Orotava, soltando uma gargalhada descomposta.

D. Saturnina receiou, com razão, que a ingleza se escandalisasse: mas esta estava tão satisfeita que ouviu, sem se magoar, as indelicadezas do Grã-Graça.

Para pôr termo ás inconveniencias do morgado sancho-quixotesco, buscou apresentar-lhe o doutor Wearisome, medico de milady.

— Bem escolhido—disse o Pillo, continuando a rir— Bem escolhido por certo. Ella vôa e elle rebola... É um bom contrapezo que não deixará que o vento a leve.

As graçolas de D. Diogo, eram evidentemente desagradaveis e importunas; mas elle dizi-as tão naturalmente e com tal bonhomia, a sua figura tinha um tal ar de insignificancia e de irresponsabilidade, que ninguem as podia tomar a serio.

Chegou a minha vez de ser apresentado. D. Diogo apertou-me cordialmente a mão. Eu julgava que tudo estava terminado, quando elle exclamou, como se fosse um dever do seu nome dizer uma graça, o seguinte, rindo do que dizia:

— Vem este senhor portuguez para render S. Miguel, que está velho e cansado.

— Render S. Miguel!—exclamei eu sem o entender.

— Está claro—respondeu elle—o pobre S. Miguel está ha trezentos annos de sentinella no Pico do Teyde, e é tempo de ser rendido.

— Não intende, talvez a allusão?—me disse D. Facundo.

— Não, respondi.

— Allude ás armas de Teneriffe, S. Miguel de lança, pendão e escudo, pousado no alto da serra envolto pelas chammas do vulcão. Do bom d'este archanjo disse o chronista Vieira:

Miguel, Angel Miguel, sobre esta altura
Te puso el rey Fernando en Teneriffe
Para ser del asuffre y nieve pura.
Guardia, administrador y almojarife.

Sem intender ainda a allusão, perguntei :

— Por que hei de ser eu almoxarife do enxofre e da neve?

— Porque?—respondeu o atrevido D. Diogo—porque para render S. Miguel em taes alturas só póde servir um portuguez *finchado*.

Uma gargalhada geral obrigou-me a acceitar a phrase impertinente do Pillo. Que havia de fazer? Carmen ria com tanta graça!

Passado isto, D. Diogo e o creado montaram nos garanos e puzeram-nos a caminho, não sem rirmos dos saltos extravagantes que dava a alimaria grutesca que levava, não sem dificuldade, o morgado da Grã-Graça.

XVI

Orotava

Ao baixar do grande pinheiro do Dornajito, a vista fascinante do immenso panorama de Orotava apresentava-se-nos em todo o seu esplendor. O que admiravamos com avidez era indiscriptivel. Não ha imaginação de poeta, sonhando encantadas ilhas, nem pincel magico de pintor phantasiando paysagens maravilhosas, que possa dar tenue idéa, sequer, de tanta formosura, de verduras tão vivas e variadas, de contrastes tão inesperados entre a sombra e a luz, de tal placidez infinita, de suavidade tão inebriante como o do grandioso vale de Orotava. É o que ha de mais delicioso no mundo, como disse Humboldt ; e disse a verdade. É em vista de Orotava que se conhece porque a antiguidade pôz aqui, n'estas ilhas afortunadas, os campos Elysios e o jardim das Hesperidas, e porque o Tasso sonhou os jardins de Armida aos pés do Teyde.

Por traz de nós erguia-se o Pico, inundado da luz rosada do sol nascente, escondendo-se a custo atraz das altas muralhas das canhadas. Diante de nós estendia-se vasto panorama, que profundas quebras sulcavam. De numerosos precipícios, recostos cubertos de matto, de jardins, de viçosas culturas, de aridos penhascos, de cabanas isoladas, de pittorescas aldeias, de quintas preciosas se formava o delicioso quadro. A vegetação africana, n'esta região de fertilidade e abundancia, combinava-se em graciosa harmonia com a vegetação europeia, e, uma com outra se grupavam, em faxas distinctas, da base ao vertice da montanha, onde apparecia como torre derrocada, o immenso Pico. No fundo, perto do mar, estendiam-se as escabrosas ribanceiras da costa; accumulção desordenada de escorias, de torrentes de lava, de enormes penedias, e, por entre este cahos negro, as casas do Porto, povoação a poucos kilometros da villa, alvejavam alegres e illuminadas já pelo clarão da manhã.

Entre os paroxismos de entusiasmo de lady Fly e os grunhidos do Doutor, provocados pela admiração real dos esplendores da natureza e, muitas vezes tambem pelas desigualdades do caminho, por onde os cavallos baixavam, escorregando a cada passo, chegamos por fim á villa de Orotava.

A villa, fundada em principio do seculo desaseis, tem uma apparencia antiga, nobre, pittoresca, mais de campo que de cidade.

È um idylio, mas não idylio velho ; o qual as vaidades fidalgas dos castelhanos não conseguiram transformar de todo n'um poema heroe-comico da côrte. Fizeram, com-tudo para isso os possiveis esforços : d'aqui resultou di-vidir-se a villa em duas, a villa antiga, e a villa mo-derna.

Nos primeiros tempos da conquista o Adiantado cedeu aos seus companheiros as melhores terras e, como a idéa dominante era a preponderancia aristocratica, cada um d'elles quiz edificar o seu solar mais alto que o dos seus visinhos e começaram a trepar pela serra ingreme até que as zonas da vegetação, tornando cada vez mais pobres as culturas, poseram termo á desordenada ascenção; a não ser assim o mais nobre dos fidalgos iria plantar o seu solar na cratera do Teyde. Quando se tornou evi-dente que a ascenção era já impossivel começou a tor-nar-se evidente que era melhor descer para ir buscar ter-renos mais accessiveis e mais ferteis, clima mais ameno e mais formosa paysagem. As edificações desceram pelo monte e novos solares de antigas familias se gruparam em volta de numerosos conventos, acompanhados de in-

numeras capellinhas, cada uma votada a um dos santos do paraizo.

N'esta população de fidalgos e frades, ornada pelas prodigalidades da natureza, toda a vida estava coacetrada nos campos e isolada do mundo externo, como no paraizo terreal. Isto porém não poude durar sempre, como não durou sempre a solidão florida, onde escondia a sua innocencia o nosso pae Adão em companhia da sua Eva, curiosa e bisbilhoteira. As necessidades de commercio tornaram-se sensiveis, trazidas pelas nossas exigencias da vida civilisada e pelas excitações do luxo. Orotava conservou a sua aristocracia e fastidiosa immobilidade e, junto do mar onde se abria um porto accessivel aos navios, levantou-se uma povoação de commerciantes e pescadores. O porto exporta os vinhos que a Villa produz; manda-lhe os productos da industria, ensinalhe as modas; tem armazens de *novidades* e transformou em theatro onde se representa a *Traviata*, um velho convento. Nunca, em tão estreito espaço, foi tão evidente a historia da transformação do mundo antigo no mundo moderno, da fanatica idade dos frades e dos sermões, para estes felizes tempos dos figurinos e dos parlamentos. O sangue azul fez-se encarnado; d'esta extraordinaria mudança de côr nasceram os burguezes, viscondes ou ba-

rões de fresca data. Estes trouxeram ao mundo a tola soberba dos agiotas; mas, como o espirito de egualdade domina as sociedades modestas que temos a fortuna de possuir, uns e outros se fizeram malcreados e, uns e outros aspiram a cultivar a politica e o *sport*, sem entenderem de nenhuma d'estas cousas.

A casa para onde a caravana se encaminhou, dirigida por D. Diogo el Pillo, ficava a meia encosta, entre as duas regiões; abaixo da região florestal dos velhos troncos da aristocracia, e muito acima da região das plantas productivas e vulgares.

O solar dos morgados da Grã-Graça dava para uma rua estreita e ingreme, coberta de herva florida como um prado. Um muro alto e nú, onde se abria largo portão, rematado por historiado escudo de armas, fechado de todo, dava para um largo pateo, ao fundo do qual se erguia o palacio, cujos largos balcões davam sobre uma varanda corrida e sustida por pilastras de pedra. Por baixo da varanda abria-se a porta do palacio onde nos estava esperando o velho morgado encostado a grossa muleta.

— Sejam todos bem vindos a esta sua casa — disse elle — Viva por muitos annos a minha linda afilhada, cada vez mais formosa, louvado Deus!

E, ao dizer estas ultimas palavras, apertava ao coração a Carmensinha, que se conchegava alli como n'um ninho.

Era evidente que o velho morgado tinha no coração e nas maneiras, delicadezas que o filho não conhecia; era claro, porém, que o pae e o filho eram naturalmente hospitaleiros.

Feitos os primeiros cumprimentos, com a cordealidade singela de um lidalgo de aldeia, D. Felix conduziu-nos ao primeiro andar da sua arruinada casa, e, ajudado do filho e dois antigos creados, encaminhou cada um de nós aos seus aposentos.

Uma hora depois estavamos todos no terraço da casa admirando os esplendores, que a exuberante natureza desaffrontada, ostentava n'aquelle paiz privilegiado de Orotava. D. Felix fazia-nos observar tudo com o enthusiasmo que os velhos proprietarios ruraes tem pelas bellezas da natureza que os cerca, e elles tomam como cousa sua; porque as conhecem de ha muito, vivem ha largos annos com ellas, viram de perto cada sitio mais ou menos pitoresco e é tudo visinho da sua quinta e habitado por amigos ou conhecidos.

O velho morgado contou-nos miudamente a chronica de cada monte, de cada casa e mesmo de cada arvore.

— Mas de todas as arvores — proseguiu elle — a que merece mais admirações, por ser um monumento vivo da antiguidade, porque tem sido celebrada no mundo e porque é o maior ornamento d'esta quinta da Grã-Graça... a que é mais digna, em toda a ilha, de causar pismo mesmo a quem ha muitos annos a conhece, é aquella.

E apontava para um moustro de proporções descommunaes, que se erguia a pouca distancia do arruinado palacio. Era uma arvore enorme, de fórmãs, para algum de nós, inteiramente desconhecidas, para mim familiar, porque as havia muitas vezes estudado no jardim da Ajuda, onde existe o mais bello exemplar de dragoeiro que um botanico póde conhecer.

Torre vegetal a derrocar-se, assente sobre larga base de alvenaria, em cima parecia lançar de si os corpos monstruosos de rebustas serpentes ornadas de agudas espadas de metal verde e coroadas de grinaldas de flôres brancas e ligeiras.

O gigante dos bosques parecia estar ali para representar um dos remotos periodos da historia da terra. Era a eternidade consumindo lentamente seculos no seu viver mysterioso. Mas a illusão promptamente desaparecia ao contemplar aquelle monumento construido pela vida, como o Pico do Teyde fôra construido pelo fogo.

As tempestades haviam combatido e vencido o antigo dragoeiro à sombra do qual se juntavam, em conselho, os chefes heroicos das velhas tribus guanches.

Era aquelle o fabuloso dragão do jardim das Hesperidas. Era aquella a arvore maravilhosa que Humboldt celebrou nas suas viagens immortaes. Mas onde os ventos, sacudidos pelos temporaes, não poderam conseguir sós, conseguiram-n'o os seculos com a sua acção lenta e irresistivel. Os ramos começaram a cair derruidos pelo tempo e a fibra resistente da poderosa gigante já não era mais do que tecido flaxido e cariado, que parecia monte de isca comprimida. Em meio seculo, a derrocada começou no grande dragoeiro e fez rapidos progressos. A velhice tinha-lhe feito perder a faculdade de resistir ao esforço dos temporaes, a um ramo que caia contra outro; a alma do immenso tronco foi-se carcomendo pela carea inflexivel e, em poucos annos, o celebre dragão das Hesperidas não será mais do que uma recordação, no vale de Orotava.

Ao grão-monarcha, prestes a extinguir-se, preparam-se dois successores: um cypreste de triste aspecto, que parece estar chorando ali a perda do seu velho companheiro e uma graciosa e veneravel palmeira que ergue até às nuvens a sua capa froude.

É a historia da humanidade, symbolisada nas arvores magestosas. A serenidade, que tende a extinguir-se; a rebustez, que aspira a substituir o que se vae; a melancolia que chora o passado e não crê no futuro.

O dragoeiro, a palmeira, o cypreste.

A contemplação das arvores arrastou-nos, naturalmente, a tristes considerações, que aterravam os velhos e faziam tituhear a confiança dos moços.

— Não ha que preoccupar-se com o fim da existencia, — dizia o Primigenius, — Acabar é um alivio que a natureza dá ao homem, em compensação da fatalidade do principio. Os elementos juntam-se, a vida dá-lhe impulso o trabalho de elahorações prosegue, mantendo-se o equilibrio entre a composição e a decomposição, entre a continuada luta da vida com a morte. Por fim o equilibrio distroe-se; o primitivo impulso gasta-se; a decomposição sobreleva a composição: a morte vence a vida e nada resiste a essa transformação funesta das forças no organismo. Quanto mais lenta é a elaboração, mais a vida se prolonga, mas a morte chega por fim.

— Deixemos todas essas cousas de que falla D. Facundo e que eu não intendo — interrompeu o morgado, rindo — Não tratemos mais do meu pobre dragoeiro. É um velho amigo que se vae, mas que ha de, assim mes-

mo como está, velho e pobre, durar muito mais do que eu. Tudo acaba — proseguiu D. Felix — Tudo acaba, como disse o nosso D. Facundo, que vive, ha muitos annos, como sensato. Até estas grandes casas que nos cercam e que eu conheci tão habitadas, estão hoje desertas e os seus habitantes, os que ainda vivem que poucos são já, andam espalhados por esse mundo. Foi um temporal... o vento das revoluções, que os dispersou pela terra.

Era claro que o antigo morgado da Grã-Graça chorava pelos tempos passados: pelos fidalgos e pelos frades.

XVII

Prepara-se a guerra

Era de admirar o entusiastico ardor com que D. Felix nos contava as tradições e grandezas de Orotava, a historia dos conventos de frades e freiras que haviam occupado os vastos cenobios que avultavam na villa, assim como em todas as povoações das Canarias. Como se fora só para alojar aquellas anafadas servas de Deus, que se fez a conquista das ilhas affortunadas e se sacrificaram os povos barbaros que as habitaram por muitos seculos.

Entre as historias monasticas de Orotava, uma, mais que todas, animou o entusiasmo do velho narrador. Foi a historia das religiosas de Santa Clara; que estrictamente se ligava com as tradições gloriosas da Grã-Graça.

— Aquelle convento que veem ali — dizia o morgado — aquelle convento é novo, ainda não tem um seculo. Ali vieram a acabar as nobres freiras de Santa Clara, cuja existencia tão atribulada foi. . . pelo fogo.

O filho, o D. Diogo, que até ali, se conservara calado, interrompeu o pae, exclamando :

— Foi o castigo dos muitos incendios que as freirinhas semearam nos corações sensiveis dos cavalleiros... que sacrificaram a ellas e aos bellos *bolos borrachos* o socego da alma e o descanço do estomago.

— Calla-te, Pillo — disse D. Felix, severamente — Tu não és capaz de intender os melifluos extasis de um...

— Freiratico! — accudiu o filho — De certo que não, pae. No meu tempo todas as freiras são velhas e não fazem extasiar ninguem.

D. Felix não poude deixar de soltar uma gargalhada, dizendo:—Essa é uma razão, e razão forte. Mas eu que as conheci moças e bonitas!

Aqui, uns assomos de vaidade animaram os olhos amortecidos do velho freiratico.

—Tinha gosto em ouvir a historia das freiras — disse, com curiosidade, Lady Fly.

— Nada pôde dar mais clara idéa do que era a vida, ha uns cem annos — disse D. Facundo,

—E, sobre tudo, esta historia — acrescentou o velho morgado. É das mais curiosas!

— Conte, conte-a, — interrompeu a Carmensinha —

conte a Milady a tomada do convento dos jesuitas pelas freiras de S. Clara.

Todos insistimos com D. Felix, até que se resolveu a narrar a seguinte historia.

— Ainda em principios de seculo xvi, os homens graves de Teneriffe começavam a preocupar-se da grande necessidade que então já havia de um convento de freiras na ilha, a fim de que a elle se podessem recolher as damas e donzellas sem dote para casar-se e que eram de mais nas familias nobres onde é preciso guardar o nome fidalgo.

— E conchegar o ninho, onde se guarda o nome, embora a familia fique sem abrigo e sem pão. Os filhos frades ou militares; as filhas, freiras—acudiu com animação o general Calavera.

— Para realisar estas santas ideias e accudir a esta necessidade da fidalguia de Teneriffe, tratou-se de obter que os franciscanos cedessem ás nossas freiras o seu convento de Orotava. Os frades, porém, depois de muitas promessas, resolveram não ceder senão um conventinho que tinham na Laguna... a troco do hospital da Villa. Foi este o primeiro convento de freiras, que em Teneriffe, se instituiu; não, como veem, sem resistencia dos frades.

— Essas guerras entre os frades e as freiras sempre foram communs — accudiu D. Facundo.

— Mas aqui, na nossa ilha, mais do que em parte alguma andaram sempre accesas essas guerras—disse D. Felix — Não passaram muitos annos sem que os franciscanos disputassem ás freiras de S. Clara o convento que elles espontaneamente lhes haviam cedido. Por intrigas e demandas alcançaram os frades que as pobres freiras fossem intimadas a sair do convento.

— Santos exemplos davam os frades do respeito á clausura — observou Calavera.

— Uma senhora devota e generosa tirou as freiras de embaraços, promettendo-lhes fazer um convento novo, o qual fez em poucos annos. As freirinhas, em devota procição, saíram do convento dos frades para se recolherem ao seu novo claustro. Mas o odio, entre freiras e frades, incendeu-se a ponto que não acabou mais nas Canarias.

— Agora, que as freiras de S. Clara estão no seu novo convento, não ha rasão que justifique odio tão sacrilego — observou brandamente Carmensinha.

— As servas de Deus, coitadas ! pouco tempo tiveram de descanso. O fogo entrou-lhes no convento e reduziu a cinzas a nova fabrica — proseguiu o velho morgado —

De novo andaram as religiosas em busca de domicilio onde esconder a sua vida devota.

—Felizmente—proseguiu D. Felix — n'aquelle tempo, já em Orotava havia convento de freiras de S. Clara, graças á piedosa generosidade de meus avós. As boas freiras não foram aqui mais felizes do que na Laguna.

— Mas foram mais energicas — accudio Aguahuco.

— Talvez. Aqui, porém, entre familias fidalgas e que sabiam comprehender melhor tão preciosos thesouros de doçura e de belleza, as freiras tinham maior poder e maior energia. A vontade das Claras era a vontade de todos os cavalleiros moços da Villa... Todos as adoravam.

— Bravo, sr. D. Felix — não poude lady Fly deixar de exclamar.

— Não se admire, milady — atalhou D. Facundo — No tempo de D. Felix... no nosso tempo, morgado, os homens viviam para dizer finezas ás freiras.

— E morrerem pelo rei e pela patria — concluiu Calavera.

— E hoje para que vivem os homens? — perguntou o velho morgado — Para adorarem o ouro... e... não morrerem, mas viverem á custa da patria. Ninguém, hoje, saberia fallar com as freiras... é demasiado cara-

mello. É melhor fallar nos clubs... prégar disparates ás turbas e dizer graças pesadas ás pescadeiras do Porto...

— Talvez que não sejam bonitas! — Disse irreverentemente D. Diogo el Pillo.

— São bonitas, são... e sem vergonha; que é do que gostam os cavalheiros de agora. Os de antiga raça acabaram.

— Não nos deixe sem a sua historia, sr. D. Felix — disse Carmen, para evitar um conflicto entre os dois morgados. — Já agora, queremos saber o resto.

— Eu vou contar o resto á minha afilhada — respondeu D. Felix, com bondade. — A verdade, porem, é que me não soffre o animo ouvir dizer mal do meu tempo e, sobre tudo das freiras e dos freiraticos. Nos outeiros, á portaria dos conventos n'esses nobres certames poeticos, gastava-se mais talento, do que hoje se consome n'uma academia de litteratura.

— Mais talento e mais bolinhos... — acudiu o prosaico Primigenius.

— É verdade accrescentou o morgado — as freiras adocavam os costumes e as gargantas com as suas vozes alambicadas e os doces que offereciam no locutorio.

— Já temos o convento das freiras de Santa Clara

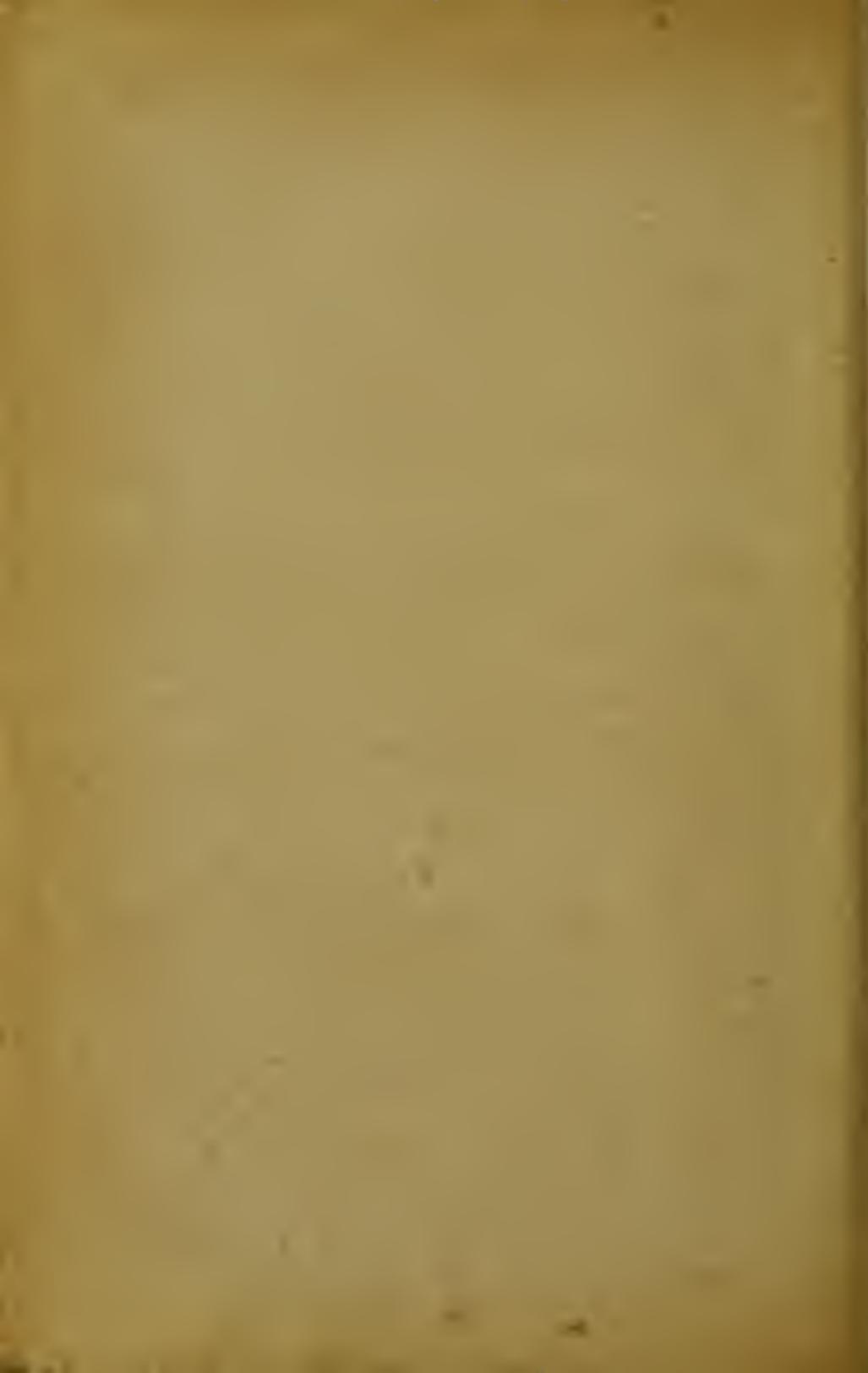
em Orotava. Aquelle que alli está — disse D. Saturnina, apontando para o pesado edificio que D. Felix indicara.

—Aquelle não; outro que ardeu sim—accudiu o velho morgado. Conforme diz Vieira, «aquellas virgens religiosas, parece que dormiam com luzes accesas» por que os seus conventos ardiam todos. O mosteiro onde as formosas servas do Senhor viviam antes da tomada do convento dos franciscanos tambem ardeu. Este mosteiro era pegado com as casas dos marquezes de Zelada, com que communicava pela tribuna da egreja. Esta historia é larga e temo massar estas senhoras.

—Venha a historia toda — disse Lady Fly—É curiosa. Deixe-nos vêr o passado como elle foi e não como o descreveram os historiadores.

—É o realismo da historia de que poucos gostam—ohservou o philosopho de Teneriffe.

—Visto consentirem contarei tudo—concluiu o morgado da Grã-Graça.



XVIII

Proclamação de guerra

—As freiras ao estabelecerem-se em Orotava, poze-ram-se na sujeição dos frades da sua ordem e viveram assim em santa paz. A paz porém não tardou em se quebrar e as lutas, entre freiras e frades, lutas de interesse, de precedencias e talvez de independencia, tomaram grandes proporções, azedaram-se; acabando as freiras por sujeitar-se ao bispo, e os frades por tomar ás servas de Deus implacavel odio.

—Guerras de sachristia e de claustro: as guerras mais peçonhentas que ha!—interrompeu o cura de Guimar, que se tinha conservado calado até alli.—Deus perdoe a esses frades de S. Francisco, que tão grande damno fizeram á religião de Christo.

—As freiras não tardaram em sentir as graves consequencias do odio dos frades—prosegiu D. Felix, que

era, evidentemente pelas freiras.—Começou a espalhar-se por Orotava que, de noite, uma chama baixava do ceu sobre a casa visinha do convento e que, depois, passava ao telhado das freiras e alli desaparecia. Diziam os amigos dos frades, que era aquillo um signal do ceu, que ameaçava o convento de proximo incendio.

—Que singular prophecia—exclamei eu.

—Singular! será. Mas eu vi, com estes olhos a luz passar de noite, de telhado para telhado—affirmou D. Felix—e, poucas semanas depois um incendio reduzia a cinzas o mosteiro. Esta minha casa serviu ás freiras de recolhimento por alguns mezes e, aqui n'este mosteiro se tramou a conspiração que deu em resultado a tomada do convento dos frades.

—Como foi isso, sr. D. Felix?—perguntou Carmen.

—Como foi?—respondeu—Foi como lhe vou contar agora, minha querida afilhada. Aqui, n'esta varanda, punham-se, de noite, as freiras que entravam na conspiração. Alli, no jardim, nós os homens, que desejavamos servir os interesses justos das santas freiras. Tratava-se de arranjar, promptamente, um convento onde se recolhessem, por que as freiras mal cabiam n'esta casa. No convento dos franciscanos, onde se podiam recolher as freiras, á vontade, não havia então senão dois frades: o

padre Solemne, reitor; o coadjutor, padre Gili. A gaiola era grande de mais para tão pequenos mochos. Resolvemos ter uma reunião magna, logo que toda a communi-
dade estivesse de accordo no que projectavamos.

—Bravo! Havia de ser curiosa a assembléa! Todos os conspiradores entraram, homens e freiras—accudiu, rindo Aguahuco que tomou o maior interesse pela historia.

—Todos. Está visto. O principal agitador, o conspirador mais ousado, entre as freiras, era uma noviça, filha de pescadores, protegida por uma fidalga do Porto de Orotava, que lhe dera meios para poder professar. Essa freirinha era um encanto n'aquelle tempo. Bonita, como um anjo, ladina como abadeça experimentada. A *Maruja*, que assim lhe chamavam por alcunha, era a cabeça da revolta.

A este nome, a formosa Carmen fez-se muito pallida e teve que sentar-se para não cair.

—A *Maruja* trazia louco de amores um official, havia pouco chegado a Teneriffe. Estava elle estabelecido no Porto, onde comprara uma grande casa e, promptamente adquirira grande influencia pela sua energia, affabilidade e notavel disposição à loucura... heroica, que seduzia quantos o conheciam.

—Esse é o meu amigo D. João de Montemar. Conhe-

ço-o pela descripção que d'elle fez, sr. D. Facundo—interrompeu o general Calavera y Cursi.—N'esse tempo,—proseguiu o general—se bem me lembra, estava elle namorado, perdido, de uma linda senhora, que roubara á familia, na Laguna.

— Sim... a formosa Anna — respondeu D. Felix.— Tinha estado namorado d'ella. Mas a *Maruja* de todo fez esquecer... os seus antigos amores... e até o filho... o Manuel, que dizem andar de pastor na serra.

— O que me diz de D. João de Montemar?—perguntou D. Saturnina—Vê-o muitas vezes por aqui, D. Felix?

— Ha annos que o não vejo — respondeu este.— Dizem que endoideceu e teem-n'o fechado em casa, a *Maruja* e o filho, o D. Ramon.

— Endoideceu!... — interrompeu D. Diogo el Pillo.— Bem creio eu n'isso! Aqui anda mysterio... e não é cousa boa.

Esta rapida conversação sobre a familia de Montemar affectava profundamente a pobre Carmensinha, que estava cada vez mais pallida e mais desfallecida, o que irritava e fazia tremer D. Diogo, que contemplava a *flôr silvestre* com evidentes signaes de angustia.

O segredo que me chamou a attenção e despertou o interesse na festa de Guimar, principiava a desvendar-

se; mas, por isso mesmo, a tornar mais viva a minha curiosidade.

Para pôr termo aquelle martyrio da pobre menina, pedi a D. Felix que nos contasse o fim da historia das freiras de Santa Clara, pedido em que me acompanharam lady Fly e D. Saturnina.

—Uma noite reuniu-se a assembléa—proseguiu o velho morgado—n'esta sala que fica ao pé da varanda. As senhoras ao fundo da sala; os homens aqui, ao pé da varanda. A abbadessa presidia, tendo á direita a *Maruja*, a qual, apesar de ser a mais nova da communitade, tinha, n'esta conjunctura, o logar mais eminente. A abbadessa abriu a sessão com grande solemnidade, dizendo :

— Estamos aqui reunidas para resolver uma grave questão. A resolução é urgente; soror Caralumpia expor-lhes-ha o assumpto. Peço a attenção da assembléa.

A *Maruja* levantou-se então com energia e compostura. Era alta, delgada, flexivel, muito pallida e de formosas feições bem pronunciadas. Os olhos negros eram duas estrellas e, n'aquelle momento, tinham um brilho sinistro e quasi sobrenatural.

—Irmãos em Christo, cavalheiros—disse a *Maruja*—temos inimigos, temos quem busque destruir-nos. São os frades, os frades que mais nos deviam dar apoio e

socorro. Agora, os nossos implacaveis inimigos deixaram-nos sem abrigo e quasi sem pão... como já outras vezes tinham feito. Quando, ha muitos annos, almas piedosas quizeram levantar um abrigo para nós, pobres servas de Deus, n'esta abençoada Villa de Orotava, foram os franciscanos, que se lhes oppuseram, com as suas artes diabolicas. Agora, não descançaram em quanto nos não queimaram o humilde convento e... por cima buscaram ainda manchar, com a sua baba peçonhenta de frades sacrilegos, a boa fama das outras mulheres que viviam n'aquelle ninho. Estas affrontas ao nome divino do Senhor e á nossa ordem merecem exemplar castigo. Vinguemo-nos... como verdadeiras filhas de S. Francisco —bradou a Maruja com energia e erguendo o braço com gesto de ameaça.

Um grito de enthusiasmo se levantou em toda a assembléa.

—Vinguemo-nos—bradaram as freiras e nós acompanhámos o grito de guerra.

A Maruja, depois de uma pausa, continuou o seu discurso :

—Estamos sem casa : aqui, n'um palacio emprestado pelos generosos morgados de Grã-Graça. Esta situação não se pode prolongar. Aqui perto, ergue-se um mostei-

ro de frades, dos nossos inimigos. É um vasto mosteiro, com largos claustros e numerosas celas, uma igreja de muita devoção, espaçosa e rica : e esse mosteiro não tem n'este momento senão dois frades velhos... Deus não pode levar a bem que as suas servas humildes estejam sacrificadas a dois frades, que vivem á regalada no maior convento de Orotava. Ponha-se termo a este escandalo! Vamos tomar posse do convento, e os frades, que são dois apenas, façam asylo n'outro convento. Os frades lá se accomodarão e não lhes faltará onde recolher-se. Nada de hesitações : lembremo-nos que somos mulheres e adiante! As cousas, n'este mundo devem ser para quem as precisa e as sabe conquistar. Abaixo os frades, que são nossos inimigos e nos perseguem. Vivam as freiras de Santa Clara.

Ao terminar o seu revolucionario discurso, a Maruja foi acclamada por quantos estiveram presentes, sobre tudo pelo joven Montemar, que, logo ahi, se offereceu e nos offereceu a todos para servirmos as freiras na projectada expedição.

A Maruja, orgulhosa pelo triumpho oratorio que obtivera, apressou-se a expor o seu plano de campanha, que foi unanimemente approvado, ajustando-se todos em juntarem-se na madrugada seguinte para o levar á execução.



XIX

Guerra

—Curiosa historia! Eloquentemente e energicamente freira!—exclamou a phantastica ingleza.—Essa freira ainda vive?

—Vive—respondeu D. Felix.—Deixou-se roubar do convento por D. João de Montemar. Casou depois com elle, obtida dispensa do Roma, e vive hoje ahi no Porto de Orotava.

—A maruja é a mãe d'aquelle D. Ramon que hontem viu, milady, lutar nas festas de Guimar e vencer o pastor da serra—disse Aguahuco.

—E aquella velha de Arafo, que separou os luctadores—acrescentou Primigenius—dizem ser a mesma Anna, que D. João abandonou quando fugiu com a freira.

—Então o pastor da serra e o cavalheiro D. Ramon de Montemar . . .—interrompeu Calavera.

—São irmãos, ao que parece—concluiu Primigenius.

Eu tenho seguido, ha muito tempo, a singular historia de Montemar e poucas duvidas conservo ainda a tal respeito.

Ouvindo isto, notando a angustia de Carmen e vendo a physionomia transtornada e triste do picaresco D. Diogo el Pillo, pareceu-me adivinhar todo o inigma que, havia algumas horas, o acaso exposera á minha curiosidade.

Calei-me e esperei que os factos confirmassem ou apagassem as minhas suspeitas. A sorte da linda Carmen interessava-me vivamente e aquelle anjo, candido e singelo, tinha o seu destino unido por mysterioso laço aquella freira sacrilega e revolucionaria, que a minha imaginação me pintava com horriveis côres.

— De madrugada — disse o morgado da Grã-Graça, proseguindo a sua narrativa—estavamos todos esperando as freiras, para as acompanharmos n'uma procissão de quarenta freiras, levando adiante cruz alçada; acompanhavam a procissão varios cavalheiros... A communiidade parou á porta da egreja e, logo que um dos dois frades abriu a porta, entraram as freiras sempre em procissão.

Foi grande a admiração do coadjutor o qual apressado, correu a participar ao superior o sucedido, em

quanto as bellas freiras, de joelhos entoavam devotamente um hymno ao Senhor, pela victoria alcançada. O reitor, quando tal soube, atemorizado e receando ser expulso do convento, desceu á sachristia atraz do coadjutor, encarregando a este de convencer as freiras a abandonar o seu proposito e a voltarem para casa. Sem esperar o assentimento do pobre velho, seu subordinado, empurrou-o para o corpo da egreja e fechou a porta por dentro, para ficar mais seguro.

— Era um espectaculo comico que nunca poderei esquecer—proseguiu D. Felix—Era cousa muito para rir o ver o velho frade no meio d'aquellas freiras, suas inimigas e que lhe gritavam em tumulto. O coadjutor, tremendo de medo, empurrava, com a energia da desesperação, a porta da sachristia que o privara de asylo e defesa contra a commuidade revoltada.

Em vão gritou como homeni que se sente afogar:— Sr. reitor, sr. reitor! acuda-me. Abra a porta senão matam-me aqui estas mulheres!—O reitor, mais assustado do que o triste companheiro, quanto mais ouvia gritar mais fazia orelhas moucas: em vez da porta se abrir sentiam-se correr mais fexos cautelosamente.

Por fim, já sem esperanças de salvação, o frade principiou, com voz tremula:—Irmãs... irmãs em Christo...

em nome de Nosso Senhor... pelas chagas do nosso veneravel S. Francisco... escutem a voz da prudencia... Não comprometam a dignidade da communidade... Tenham dó de dois velhos, que não tem senão esta pobre casa.

O frade iria por diante na sua lamuria, se não fosse a Maruja cortar-lhe a palavra, subindo ao pulpito e declamando d'ahi em tom de sermão.

— Não deis credito, minhas irmãs, ás fingidas e choringadas palavras do astuto frade. O que elle quer é continuar a crúa perseguição que os seus fizeram sempre ás pobres freiras de Santa Clara. Diz o frade que lhe não tirem o convento, para não ficarem, elle e o velho reitor, ao abandono por essas ruas; o que querem os franciscanos é guardar para si as rendas todas, para as entesourarem.

— Não lhes queremos as rendas — clamaram as freiras.— Queremos o convento. As rendas que as guardem os cubiçosos frades.

— Não de servir-lhes de muito, no outro mundo, para remirem os seus peccados—dizia uma.

— Esta é gaiola muito grande para tão poucos passaros—observava outra.

— O habito não faz o frade... nem a freira. Todos

somos do mesmo habito. Sahem os frades e entram as freiras—acrescentava uma terceira.

A abbadessa, mais prudente mas não menos teimosa, acudiu dizendo ao medroso coadjutor:—Em nome d'esta communitade desamparada, afflicta e sem convento nem disciplina, vá, padre, supplicar ao sr. reitor nos' desculpe esta ousadia, filha da necessidade. Os padres acharão facilmente asylo em qualquer parte: e não podemos nós crêr que os abandonem ao desamparo.

—Senhora . . . —exclamou o frade.—Senhora abbadessa, os desejos de vossa reverendissima não podem ser satisfeitos. Dois pobres velhos não podem ficar sem casa. — O sr. reitor, que tem oitenta annos feitos, não ha de ficar na rua. Seria matal-o: e vossas reverendissimas não o querem matar, de certo.

Em quanto o frade fallava, mais senhor de si, algumas freiras tanto fizeram que arrombaram a porta da sacristia, onde já não encontraram o reitor, mas acharam as portas que davam para o convento todas fechadas.

Descoberto isto, cresceu o furor das freiras e começaram todas em côro, que seria infernal se não fosse entoado por anjos, a chamar pelo reitor para que abra as portas. Por entre este clamor, ouvia-se a voz do velho reitor, que dizia de dentro do convento, para animar

o companheiro, que estava em risco de ser espedaçado.

—Paciencia irmão. Veja se pode livrar-se d'essas senhoras. Sai-a da igreja e *venha pela portaria das bea-las*.

Uma gargalhada monstruosa, que eccoou por toda a igreja e pelo convento, respondeu á *bernardice* do franciscano.

A Maruja, que tinha mais espirito pratico do que as outras, gritou pelo buraco da fechadura: — Padre reitor, é resolver-se prompto, senão fica hoje sem jantar.

N'este instante entravam pela porta da sachristia muitos creados com o jantar para as freiras, acompanhado de doces e vinhos. Os cavalheiros punham-se em posição para servirem á meza das gentis servas de Deus.

Ao tenir dos pratos e ao riso alegre das freiras, o velho reitor não pôde resistir. A porta que dava para o convento abriu-se, com hesitação, e um velho alquebrado pelos annos, cuja cara exprimia a angustia do medo e da fome, entrou na sachristia.

—Seja Deus louvado—disse em voz tremula.

—Deus o ajude, padre guardião—responderam as freiras em voz argentina.

—Quer jantar comnosco?—perguntou a abbadessa.

—Bemdito seja o Senhor. A carne vence o espirito. A

fome traz-me aqui — proseguiu elle rindo com bonomia — vencido a entregar as chaves do convento a vossa reverendissima.

Um clamor de triumpho resoou pela sacristia e pela egreja, quando a abbadessa recebeu as chaves das mãos convulsas do pobre frade.

—Respeitem, ao menos, esta egreja, onde o Senhor não ouviu nunca senão as orações devotas dos fieis — observou o guardião solememente e com energia, indreitando-se.

Fez-se silencio geral. A abbadessa corou, envergonhada mas não constricta.

De novo se poz a procissão em movimento e foi tomar posse solemne do convento. Quando chegou ao refeitório já estava posto o jantar e todos se sentaram alegremente, não sendo os dois frades os que menos honra fizeram ao lauto banquete.

Ao terminar a festa, tinham desaparecido a Maruja e D. João de Montemar. Um anno depois, á força de dinheiro e empenhos, estavam casados com dispensa de Roma.



XX

O dragoeiro

Com estas duas historias, de uma arvore e de um convento, terminou a conversação no terrado da casa de Grã-Graça.

Pouco depois, cada um, movido pela curiosidade ou pelas suas preocupações, espalhava-se pelos jardins do velho palacio.

Encaminhei-me para o famoso dragoeiro, que desejava ver de perto; junto d'elle encontrei o Primigenius, que parecia profundamente absorvido nas suas cogitações. Vendo-me, o antiquario aproximou-se de mim.

—Vem admirar o monumento, que a vida e os seculos levantaram n'este valle, para ser testemunha dos grandes successos da terra e dos homens?—perguntou-me elle.—Tem que admirar... mas são ruinas e, em pouco... d'aqui a um ou dois seculos... tudo será pó e não ficarão, sequer, vestigios d'este colosso immenso.

— É um prodigio de vegetação — disse eu — e tem muito que admirar estas ruinas

— Aqui, á sombra d'este dragoeiro, se reuniam os antigos chefes dos guanches, os antigos Menceys—proseguiu Primigenius—e aqui, mais de uma vez se sentou a formosa Guaya, aquella da qual conhecemos a memoria e de quem, em pouco tempo conhecerá a historia.

—A minha curiosidade é grande e a de lady Fly tambem o é; pode crêl-o sr. D. Facundo.

—Quando voltarmos para S. Cruz, dir-lhe-hei a historia da minha mumia. Agora, aqui, temos... temos a historia de outra Guaya... mais formosa talvez e por quem de mais perto nos interessamos—disse, hesitando, o antiquario.

—Ah!—exclamei—A pobre Carmen!... É d'ella que me falla?

—É. Não tem observado o que se passa?

—Tudo — respondi — e receio que o candido coração da timida donzella vá por trilho errado.

—Observaremos—disse D. Facundo, com gravidade —e, se poderemos salvar esse pobre coração... Por em quanto nada se pode fazer.

Depois de eurtá pausa, o antiquario proseguiu, observando. — Quem sabe consolar-se acha consolações no

mundo... pela bem conhecida doutrina de *Solatium est miseris socios hebere*...

—Essa doutrina, como lhe quer chamar sr. D. Facundo, essa doutrina é uma perfeita...

—Tolice, bem sei—interrompeu o Primigenius.—Mas tolices são todas as doutrinas dos philosophos, para uso da vida. Não ha nada que prove mais inexperiencia do que a experiencia dos sabios. Houve um tempo em que não se buscava nem uma rasão, nem uma verdade, o que se buscava era uma phrase, um texto de antigo escriptor e, o texto era argumento irrespondivel, allivio para todo o mal, conselho e lição. Achado o texto ficava tudo dito e resolvida a mais intrincada questão. Uma rede de textos latinos fazia a gloria de um escriptor e levava ás nuvens a fama de um prégador. A fortuna dos homens é variavel : a das mulheres tambem. Á grandeza succede a prostração : á prosperidade a desgraça, em tudo a velhice, a morte a anniquilação. O homem mais orgulhoso, caindo dos pinaros da grandeza nos abysmos da abjecção pode consolar-se, ao contemplar esta incensível dragoeira : *alivio e consolação*.

—Velho, quebrado, a desfazer-se em pé, como agora se vê... —proseguiu o antiquario, depois de breve pausa —este dragoeiro... um macrobio das arvores do mun-

do... assistiu ás primeiras idades do homem e, provavelmente, fixou as raizes na encosta do grande vulcão antes do apparecimento do moderno pico do Teyde. Naturalistas ha que assignam a esta arvore monstruosa dez mil annos de idade! Os velhos guanches adoraram-n'a, de geração em geração, como genio tutelar, e sentiam no dragoeiro de Orotava, um espirito que vivia com elles, que os protegia, que era destinado a ser testemunha das suas prosperidades e dos seus soffrimentos. Os homens sempre foram dados a crêr que os espiritos habitam objectos insensiveis e, as arvores tiveram muitas vezes o privilegio de servir de habitação ás almas. La diz o Ariosto de Astolfo transformado em mirto.

Del grande iventi or presso al mar fugiou

Menos poeticos mas muito mais innocentes alguns habitantes de Burneo attribuem uma alma ao arroz, e chamam-lhe *kelah*. Quando o arroz está doente, exclamam :

—Oh! vem, arroz *kelah*, vem! Vem ao campo. Vem ao arroz.—Em Burneo é nas arvores que se recolhem as almas honradas. Os selvagens, que tal creem, dizem que ha arvores nas quaes residem espiritos bons e arvores em que entram os espiritos maus : quem cortar uma arvore causa a morte de um homem.

—Tudo isso—acudi eu—faz lembrar a floresta infernal do Dante, onde em cada arvore havia uma alma humana.

D. Facundo que tinha uma memoria prodigiosa, declamou então :

Allor porsi la mão un poco avante
E colsi un ramoxel da un gran pruno,
El tronco suro gridó: Perchè mi schiante?

—Fallemos do nosso dragoeiro. Companheiro e protector dos guanches, este dragoeiro solitario sabia advinhar o tempo e indicar a epocha das sementeiras. Vencidos os guanches abrigou á sua sombra a primeira missa dos vencedores. Foi este o dragão fabuloso dos jardins das hesperidas. E, depois de tantas grandezas e de tão larga historia, ahi o vemos a desfazer-se em pó, sustentado por massas de alvenaria.

Mais iria por diante a dissertação philosophica do antiquario se, havendo-nos acercado do dragueiro, o ruido de vozes, em animada conversação, nos não distrahisse.



XXI

Conversação no dragoeiro

As vozes pareciam sahir de um logar mysterioso, de invisivel conversa. Olhei para o Primigenius com olhos interrogadores. Elle comprehendeu-me e disse, em voz baixa.

— Estão dentro do dragoeiro.

E assim era.

Como vi depois, no tronco carcomido do dragoeiro abria-se uma verdadeira caverna, na qual havia um banco onde cabiam tres pessoas á vontade e que uma portinha de casca disfarçava perfeitamente.

Comprehendido o mysterio ia para retirar-me quando D. Facundo me deteve pelo braço, dizendo-me:

— Vamos, talvez, saber alguma coisa do segredo da Carmensinha.

— Então? . . . — perguntei.

—Podemos tirar d'isso vantagem... para lhe acudir em caso de perigo. Escrupulos... são bons quando não prejudicam ninguém. São muitas vezes mascara honesta para encobrir a debilidade, a preguiça ou a cobardia. Escutemos.

Obedeci. A resolução do antiquario dava-me confiança.

—Não quiz deixar perder esta occasião de lhe fallar com a franqueza de um amigo antigo—dizia uma voz que logo reconheci ser a de D. Felix de la Grã-Graça.

—O assumpto é grave—respondia D. Saturnina—depende d'isso a felicidade da minha querida Carmen.

—Por isso mesmo—respondeu o velho morgado—Não me leva a fallar n'isto o proprio interesse, apesar da honra que teria em alliar a minha casa à casa de los Mareos: fallo pelo interesse que tinha pela Carmensinha; pela minha afilhada, que vi crescer em belleza, em graça e em virtudes.

Depois de unia pausa, D. Saturnina respondeu exalando um suspiro, docemente vocalizado.

—Não sabe o que são raparigas, sr. D. Felix? Já se não lembra?

—Sei. Apesar dos annos que passaram. De conseguir eu ser captivo e, apesar do meu grande anor, não conseguir que ella me quizesse.

—É sempre assim—observou D. Saturnina, com uma voz que parecia estar a fingir-se embaraçada—As meninas são como as borboletas! Fogem da sombra que as agasalha e as occulta e vão queimar-se na luz que as fascina e as deixa sem azas.

—Evitemos a fascinação á pobre Carminha. Eu offereço-lhe a sombra e o abrigo. . . Se ella soubesse quanto D. Diogo, o meu bom D. Diogo, lhe quer! É uma adoração!

—As mulheres não se levam por adorações; deixam-se levar por lantejoilas. . . e D. Ramon está coberto d'ellas—disse a dama de los Mareos convicta.

—É verdade, e o meu filho não as tem: mas tem um bom coração, um amor sincero. . . e um character bem formado. . . porque não teve nunca maus exemplos que o pervertessem.

—Eu não ponho em duvida as boas qualidades do sr. D. Diogo. Não tem lantejoilas, é verdade. . . —acrescentou D. Saturnina em tom ironico.

—É simples e rude — acudiu D. Felix.—Tem graças pesadas mas que não offendem.

—A's vezes—interrompeu a dama.—Mas essas graças não seduzem as meninas educadas com o recato fidalgo com' que eu creei a minha Carmen.

Era evidente que D. Saturnina pensava como a filha e não se deixava seduzir pelos graciosos meritos do sancho quixotesco da familia de Grão-Graça.

O velho D. Felix, com voz tremenda, exclamou:

—É verdade. O meu pobre rapaz não tem seducções para meninas educadas, mas é leal, dedicado, sinceramente enamorado... honrado.

Interrompendo-se e com voz supplicante e humilde, o velho acrescentou:

—Senhora D. Saturnina, não fallemos mais em Diogo. Consolar-se-ha como poder... buscará a felicidade como souber. Do que se trata...no que eu penso agora é na minha linda Carmen, que está á beira de um precipicio... que é preciso salvar.

—Porque diz isso, D. Felix?—perguntou D. Saturnina com sobresalto.

—Pois ainda não viu, minha senhora, que a Carmenzinha está enamorada de D. Ramon de Montemar?

—Namorico de creança... que pouco vale!

—Vale pouco!—exclamou o velho.— Parece que se esqueceu já, D. Saturnina, do que são os corações das meninas innocentes ao entrarem na vida! As primeiras impressões são as mais energicas, as mais pertinazes se a tempo se lhes não acode.

O morgado de Grã-Graça fallara com tal vehemencia, que bem parecia não só que formulava uma proposição da qual estava convencido, mas que estava recordando á sua interlocutora scenas dolorosas dos tempos passados. A mesma preocupação de aludir ao passado se adivinhava no tom com que a senhora de los Mareos respondeu a D. Felix.

—A alma busca, naturalmente, o que a faz vibrar, senhor D. Felix. O sentimento nasce de subito, como uma surpresa, da qual a razão não nos defende. Não se admire do que lhe vou dizer, meu velho amigo, o coração da mulher busca, ao entrar na vida, a impressão e não a harmonia. As regras da moral, as lições da prudencia enganam-se, quando querem indicar o norte ao coração das raparigas. São estas que procuram achar o seu norte. . .

—Mas vão, muitas vezes, quebrar-se n'um rochedo que nem se quer o mar esconde — concluiu D. Felix.

—Eu quero muito á minha Carmen : quero-lhe como mãe. . . mas, sinceramente, não vejo perigos em que ella aceite a côrte de um fidalgo, que é dos primeiros em Orotava, rico, de boa familia. . .

—Deus permitta que não haja em tudo isto uma triste

illusão, D. Saturnina. O desengano pode chegar tarde... para a nossa Carmensinha.

Estas ultimas palavras foram ditas em voz irritada.

—Já disse isso tudo ao general?—perguntou ella, ironicamente.

— Não. Se o coração de mãe as não quer escutar...

Em seguida sahiram ambos de dentro do dragoeiro. D. Saturnina com ar mais magestoso que do costume; D. Felix humilde e abatido, coxeando como se o rheumatismo se houvesse agravado.

Escondemo-nos, eu e D. Facundo, para que nem um nem outro nos vissem.

XXII

Sinistra revelação

Continuando o nosso passeio pelo jardim abandonado, vimos, minutos depois, D. Felix a coxear ao lado do filho por uma das ruas. O velho parecia estar contando ao filho o que passara com a fidalga de los Mareos. D. Diogo, vencida a natural chocarrice, gesticulava com violencia como quem estava muito irritado.

Pouco depois, D. Diogo, deixando o pae, correu ao general Calavera, que vinha pelo nosso lado. O illustre Pillo—palido, tremulo, sem chapéu, cabellos em desordem, bigode arripiado como pellos de cão damnado, a cinta a cair-lhe, o que o obrigava a apertar as mãos no estomago, como se estivesse ali a causa do seu mal—solto um grito ao acercar-se de Calavera e, agarrando-lhe pelo braço sem nenhum respeito, arrastou-o para um serrado, que ficava do lado em que D. Facundo e eu passavamos.

O general, surprehendido, deixou-se levar sem resistencia.

Outra vez estavam nós a ser involuntarios confidentes dos segredos das duas casas fidalgas de los Mareos e de la Grã-Graça.

Os dois interlocutores não nos aperceberam e a sua calorosa conversação, quasi disputa, tinha logar a poucos passos de nós, de quem apenas os separava uma sebe de fuxias, hortensias e formosas trepadeiras, que corria ao longo da rua em que andava-mos.

—Preciso fallar-lhe, general. Trata-se de uma cousa grave e que não pode passar assim—disse D. Diogo, em tom de quem estava cego de raiva.

—Que é, que é, amigo Pillo?—respondeu o general, em tom zombeteiro, como quem falla com homem sem responsabilidade.— Que lhe fizeram, homem? De quem se queixa?

—A mim... nada me fizeram. Ninguem me fez nada, a mim—respondeu D. Diogo.—Mas, do que se vae fazer serei eu uma das victimas... e é o que menos importa.

—Então o que se vae fazer? Eu não o entendo.

—Vae entender já, general — interrompeu o da Grã-Graça.

—Pois vamos a isso . . Mas socegue.

—Socegue! . . . Isso não posso eu. Só matando-o é que poderia socegar.

—Matando-o! . . . A mim, talvez!? — exclamou o general, dando uma gargalhada.

— Oh! general! A si . . . ao meu amigo, ao amigo de meu pae! Ao homem que me pode salvar . . . que pode salvar a Carmensinha!

—Mas explique-se, por Deus—interrompeu Calavera impaciente—Esta charada . . . é preciso que a adivinhe. Falle D. Diogo.

— Já o sabe. Eu amo muito a menina Carmen—disse por fim, o sarcho quixotesco em voz tremula e com expressão piegas e grotesca, na qual se adivinhava, porém, a influencia de um affecto profundo.

—Bravo! Sr. D. Quixote! Escolheu para sua Dulcinéa a minha filha! Grande honra para a casa de los Mareos —acudiu com ironia o General.

Desesperado D. Diogo el Pillo, irrompeu com violencia.

— A casa dos morgados de la Grã-Graça a nenhuma é inferior em fidalguia! Meus avós combateram com D. Alonso de Lugo na conquista de Teneriffe. Não ha familia mais nobre e que tenha mais fundas raizes em Hespanha do que a Grã-Graça.

— Bem, bem ! Já o sei. Já o sabe Tenerife inteiro. Mas a minha Carmen não é para o maior fidalgo da ilha — respondeu Calavera com impaciencia.

D. Diogo el Pillo estava tão exaltado pela paixão, que se não apercebia da irritação do general. São assim os espiritos fracos, que, nem a razão nem a vontade dominam; difficeis de exaltar, quando saem de seu estado normal de quietação, nada os pode deter nem sossobrar.

— D. Santiago — exclamou elle suffocado — a mão da formosa Carmen não será premio para o mais fidalgo... mas parece ser o premio... destinado ao mais forte...

— Que quer dizer isso, D. Diogo? — perguntou o general.

— Vão casar a Carmensinha com D. Ramon de Montemar... porque foi o mais forte na lucta.

— Como a todas as meninas hespanholas, ninguem obrigará a casar, contra vontade, a minha Carmen... nem com o mais forte, nem com o mais fidalgo... e o que eu faço, sendo pae, não consentirei que outros o tentem contrariar.

— É a sua resolução, general? — perguntou Diogo el Pillo, em voz cava e tremula. — Quer que caminhe abandonada a perder-se a sua filha? Parece que não sabe que D. Ramon é um máu homem... máu filho e máu ami-

go... É verdade que tem tido boa mestra! A mãe — a Maruja, a antiga vendedeira do Porto, a freira sacrilega que fugiu do convento. — A mãe roubou, dizem, o marido, metteu-o n'um subterraneo do palacio, dando-o por louco; para que não busquem saber d'elle e se não descubra o segredo. Em tudo isto, D. Ramon ajuda a mãe... Entrar a Carmesinha em tal familia!... Não, não pode ser.

D. Diogo disse isto com grande volubilidade e energia. O general hesitou em responder, mas, por fim, disse em voz sonora:

— Não será verdade isso que dizem.

Levado, de certo, pelo desejo de dar provas da verdade do que dissera e, ainda mais, dominado pela paixão, Pillo deu largas á sua loquela sobre-excitada.

— Tudo isto é pura verdade. Tenho provas.

— Como? Que provas?

— Ha muito que estou enamorado da Carmesinha. Sem esperança, porque já, ha muito, a perdi de todo. Mas, com o esvaecer da esperança, sr. D. Santiago, cresceu em mim o odio mortal contra D. Ramon, que me roubou o coração da dama dos meus pensamentos.

— Bravo! Sempre o cavalleiro andante — interrompeu, rindo o general; que havia rocochado o seu sangue frio.

D. Facundo, que havia escutado com viva attenção, este longo dialogo, voltou-se então para mim, dizendo-me:

—O general ri-se d'este pobre louco e faz mal. Naturezas lrouxas, espiritos sem energia que a rasão deixa fluctuar sem rumo, vontades meio selvagens, como a d'este D. Diogo, podem assumir caracteres pavorosos, quando as paixões acordam.

— Cavalleiro errante, que se não deixa levar de illuções, sabe vingar uma injuria e defender uma dama! — exclamou, com ironia, D. Diogo. — E mais vale ser cavalleiro errante do que carrasco do pae, luctador de praças.

—Prudencia, prudencia D. Diogo—acudiu o general, surprehendido de tão grande energia. — Essas injurias podem chegar aos ouvidos de D. Ramon... e elle não é homem que as perdoe...

—Que me importa? — disse el Pillo, com bravura — Não tenho medo. Tomara elle que eu não contasse o que vi. D'isso é que Ramon teria medo. Miseravel!

—Mas o que viu — perguntou por fim, Calavera com curiosidade.

Depois de uma pausa, D. Diogo el Pillo respondeu:—

—Vou contar-lhe tudo. Assim é necessario! Um d'estes dias, indo eu a caminho do Porto de Orotava, saiu-me

ao encontro um pastor. Era escuro já, não o conheci a principio. Vi, depois que era o Manoel de Arafo, o lobis-homem, o filho da bruxa.

—Que queres Manoel?—perguntei um tanto irritado.

—Que quero, sr. D. Diogo? -- respondeu-me o lobis-homem.—Mostrar-lhe uma cousa pavorosa... para que me ajude a salvar um homem.

E, encaminhando-me ou antes arrastando-me, quasi, d'aqui ao Porto, levou-me por uma ribanceira abaixo—um precipicio que dava para o mar—até meia altura; onde se abria uma caverna, escondida pelas aguas espumosas da cascata de Gordejuela, ao lado da qual descemos. Entramos na caverna, não sem nos molharmos. A cova era pequena, cheia de anfractuosidades e pouco illuminada; a agua da Gordejuela, caindo em massa, fazia um ruido, que tornava mais tenebroso aquelle sitio e mal me deixava ouvir a voz do labishomem, que me dizia :

—Tenha cautela ! O chão escorrega e, cair aqui, é ir para o mar. Venha aqui para o fundo da furna... se quer ouvir.

Entrei e, a principio, não ouvi nada. Pouco a pouco distingui, por entre a bulha que a agua fazia, vozes, que fallavam com vivacidade as quaes promptamente soube de quem eram.

—Ainda não?—dizia a voz desfallecida de D. João de Montemar.—Ha tanto tempo aqui, n'esta prisão escura e infecta! Que foi... para os meus me prenderem, como um criminoso? Quando tornarei a ter liberdade?

—Quando estiveres melhor da cabeça — respondia, claramente, a Maruja.

—Infamia!—exclamou, com energia, D. João —Infamia! Querem-me fazer passar por doido, para me rouba-rem... e tem-me preso aqui, para se não saber a verdade!... Ha de saber-se a verdade... Acudam-me... acudam-me—gritou o pobre doido com raiva.

—De nada serve gritar assim, João. Ninguem te acode, ninguem te pode ouvir. O que tens a fazer de melhor é assignar uma doação de todos os teus bens a Ramon, e dizer-me onde escondes aquelle formoso thesouro.

—E' o que querias, para que depois o teu filho me matasse e não se ouvisse fallar em mim. Vens preparado para o parricidio, filho maldito?! — proseguiu — Fei tua mãe que te armou a mão?... O que guarda a vida é o meu segredo. Não saberão nunca onde está escondido o diamante... O diamante vale um imperio, mas ha de andar comigo... se eu não achar quem o mereça...

Um grito soffocado cortou a palavra nos labios de D.

João. Entre gemidos e um como estertor ouvia-se-lhe ainda dizer.

—Não me mates ainda... Ramon... Não me mates... Ai! Que me soffocas... Não me apertes a garganta... esmagas-me o peito... Ai!

—Onde está o thesouro?—bradou Ramon.—Onde está?... Vou matar-te se não respondes.

A velha Maruja gritava, como uma furia:

—Aperta... aperta-lhe as guellas... a esse velho miseravel!... Ha de dizer o segredo com medo de morrer...

Vendo, porém, que o filho lhe obedecia de mais a velha acudiu:

—Deixa-o. Vaes matar-o... e é teu pae!

Livre das mãos de aço em que o tinha apertado o lutador, o heroe das festas de Guimar, D. João de Montemar exclamou, respirando a custo.

—Ainda me não matas-te... filho de uma freira sacrilega. Tua mãe... a Maruja deteve-te o braço parricida... por cubiça... mas não ha de saber o segredo... não ha de... porque lh'ó não direi nunca.

E as palavras entrecortadas do velho, terminaram por um estertor, prolongado e convulso, que podia ser uma gargalhada ou um gemido de moribundo.

Depois, tudo entrou em absoluto silencio no subterraneo, onde se passara aquella horrivel scena e continuava sem interrupção o ruido da cascata de Gordejuela.

— Olhe — disse-me Manoel, apontando para uma anfractuosidade de rocha no fundo da cova—Por ahi o hei de livrar. Pobre velho!

—Como—perguntei.

—Não vê aquelle huraco?—me disse.—Já communica com o subterraneo e, d'aqui a pouco, estará de todo aberto.

la para fazer algumas observações, quando Manoel me interrompeu.

—Elle já sabe tudo e espera.

Com difficuldade, trepando pelo rochedo a pique, saímos da cova.

—Que horror—exclamei eu, para D. Facundo.

—Não se admire. A cubiça pode muito—respondeu o antiquario.—O homem é uma machina que, todas as circumstancias, todas as acções externas, modificam.

Uma natureza aspera e severa, uma existencia passada a lutar com as ondas do mar e os pricipicios da serra, tudo isto no meio dos esplendores de exuberante vegetação, debaixo de um ceu luminoso e puro, actua no animo dos homens e faz d'elles heroes ou criminosos deprava-

dos. Em Ramon a influencia da natureza externa exerce-se n'um sangue viciado; combinação do sangue de um louco com o sangue grosseiro de uma mulher sem educação, que não sabe respeitar nem a religião nem a moral. O fructo não podia ser outro. A materia, em Ramon, domina tudo. A machina não tem regulador e obedece estupidamente á força que a impelle.

—Como se explica, D. Facundo, a attracção que um homem assim exerce sobre um espirito delicado, uma alma candida e poetica como a da formosa Carmen? — perguntei.

—Não se admire —respondeu o antiquario. — Existe mais de uma analogia entre a flor agreste de Guimar e o atleta de Orotava. Carmen é uma hespanhola, em cujas veias corre, talvez, o sangue selvagem dos guanches aquecido pelo sol africano. Aquella natureza delicada é, naturalmente, attrahida pela força, pela aspereza physica, que lhe representa a natureza rude e exuberante que, desde a infancia, a cerca. Mais pelos sentidos do que pelo espirito sente Carmen todas as harmonias da arte e da natureza. A poesia e a musica, que lhe fallam aos ouvidos, como a todas as hespanholas; as flores que a inebriam com os perfumes e as côres. . . a força do homem, que a seduz pela fórma e lhe dá a imagem do po-

der da natureza, irrompendo nos vulcões e fazendo tremer as montanhas : tudo tem poderosa influencia sobre aquella organização delicada em que dominam nervos não educados. O contraste é uma seducção e é, tambem, uma das causas da admiração da delicada Carmen pelo grosseiro espirito e rude organização de Ramon.

XXIII

Consulta

N'esse mesmo dia, o general teve uma larga conversação com D. Saturnina. Esta, posta de parte toda a solemnidade de porte e de linguagem, veio, acabada a conversação com o marido, quasi correndo ao encontro de D. Serapião, com quem eu passeava na larga varanda que dava sobre o jardim.

Sem mesmo se preoccupar com a minha presença, a fidalga de los Mareos disse ao cura, com voz tremula e suffocada.

—Que havemos de fazer... para evitar uma grande desgraça? — perguntou D. Saturnina.— O tempo urge. Esta tarde virá ahi D. Ramon e a mãe, para pedirem a mão da minha Carmen... e, se perdessemos o tempo, não poderíamos fazer nada mais tarde.

Surprehendido da angustia em que viu a fidalga e sem entender uma palavra do que ouvia, o pobre D. Serapião

voltou-se para mim como para pedir uma explicação. Fiz apenas com a cabeça um gesto de negação, para o desenganar de que não devia esperar auxilio. Esse gesto, quasi imperceptivel, foi notado por D. Saturnina.

Com a familiaridade, que nasce subitamente nas horas de aflição e n'um tom que vivamente me enterneceu, a senhora de los Mareos voltou-se então para mim, dizendo:—Deve desculpar... uma mãe não pode esconder as suas angustias, os seus sustos, quando vê em perigo a felicidade da sua filha.

Murmurei algumas palavras, mal articuladas e ia retirar-me, quando ella me deteve.

—Não... não se vá embora. Pode, talvez, dar-nos um conselho... ajudar-nos a salvar a pobre Carmen.

—Que posso eu fazer?

—Ouçam... D. Serapião, trata-se da nossa Carmensinha — disse a fidalga, como para excitar o interesse do velho cura.

Este estava attonito, perplexo, sinceramente afflicto.

—Mas o que ha?—perguntava, interrompendo-se com suspiros, que parecia sahirem d'um antro profundo e resonante.

Então D. Saturnina contou-nos, a mim e a D. Serapião, ahi stória que eu sabia já, e quando acabou de nar-

rar o que D. Diogo el Pillo contara, havia pouco, ao general, a desolada mãe exclamou:

— E Carmen está enamorada d'aquelle monstro! Sou eu, talvez, a culpada d'esta desgraça. Antes de seduzir o candido espirito de Carmen, seduziu o meu. Vendo aquelle moço guapo, forte, nobre... e rico — diziam — sonhei... Sonhos de mulher... romanesca! — Aqui, a fidalga de los Mareos soltou um suspiro. — Sonhei que D. Ramon era o unico marido... digno da minha Carmen. Ella, a pobre innocente, não pensava senão nas suas flores e em Nossa Senhora da Candelaria, quando eu, com as minhas imprudencias, lhe acordei o coração de mulher.

— Será facil ainda acudir ao mal feito... se está feito — interrompeu D. Facundo Primigenius que se havia acercado e escutava a conversação como se isso fora um acto perfeitamente natural, a que a sua velha amisade lhe dera direito incontestavel.

— Está feito, está — respondeu, tristemente, D. Saturnina — mas não será facil acudir-lhe a tempo. Eu conheço bem o coração de Carmen. E' tal qual o da mãe. Energica, persistente, sensivel... melindrosa... como eu. Não é facil apagar, d'almas assim, o que n'ellas penetrou profundamente. Não me atrevo a dizer-lhe a verda-

de. Não me acreditaria talvez... Carmen não seria capaz de resistir á vontade de sua mãe... isso não... Mas eu sei o que soffrem as almas sensiveis... e receiosas.

O antiquario, com verdadeiro interesse acudiu então :

—Disponha de mim, D. Saturnina. Eu e D. Serapião, os velhos amigos de Carmen, podemos fallar-lhe...

—Com cuidado. Com cautella—observou a fidalga de los Mareos.—E' preciso não precipitar cousa alguma. Tive grande trabalho, agora mesmo, para evitar um escandalo do general, com o seu genio fogoso, que hesita entre o amor que tem á nossa Carmen e o desejo de ver realisado este casamento.—Aqui D. Saturnina estava representando, evidentemente, uma comedia. Ella dominava o marido e não precisava empregar esforço algum para o sujeitar á sua vontade, cuja energia se disfarçava sob uma apparencia de debilidade e uma somnolencia real. Depois proseguiu.—A Carmensinha é como as avesinhas, que esvoaçam por entre as flôres da retama, assustadas, fogem com inergia a quem as busca apañhar e deixam-se colher por quem lhes sahe fallar com meiguice.

—A natural doçura da nossa boa Carmen dá-me a certeza de que se poderá conseguir—interrompeu o cura na sua voz de canto chão.

—Não se illudam com a doçura de Carmen. Não se illuda, D. Serapião—disse a fidalga—minha filha é meiga, caritativa, obediente... mas é tambem, como eu, firme nas suas afeições e nas suas resoluções. Não oporá senão uma resistencia... passiva; mas essa, a não a vencermos pela brandura, será inabalavel.

—A voz da obediencia será bastante para que a nossa Carmen não pense mais n'um noivo que lhe não convem —acudiu o cura —Bem sabe, Sr.^a D. Saturnina, quanto lhe quer a Carmensinha e a auctoridade que os seus conselhos e os seus desejos tem n'ella.

—Mas não se trata agora nem dos meus desejos nem dos meus conselhos... nem das minhas ordens. Fui eu propria que, sem o querer, ateei um incendio, que não sei agora apagar. E, entretanto, é preciso ir preparando o espirito da minha Carmen... Dentro em pouco virá D. Ramon buscar-nos, para nos levar a casa, onde a mãe nos espera.

—E' preciso não ir—acudiu D. Serapião, com energia.

—Pelo contrario, é preciso ir — interrompeu D. Facundo.—E' uma visita promettida ha muito e, a não inventar algum pretexto para a não realisar, seria preciso dizer a verdade. E que motivo ha para que a possam

acreditar? A historia contada por D. Diogo el Pillo? Iriamos comprometerl'õ... romper as relações d'estas duas familias... arriscar a vida do pastor de Arafo... o que é peor... destruir todas as esperanças de salvação do meu pobre... amigo, D. João de Montemar E' preciso ir... talvez que alguma circumstancia inesperada venha revelar o terrivel segredo á nossa Carmensinha. Com o character que tem, com a sua alma virtuosa, seria impossivel que n'ella o amor resistisse ao desprezo e á indignação... E quem sabe se tudo isto será verdade? Pode haver uma illusão, uma intriga... Ha interesses, paixões que podem cegar os mais lucidos espiritos... E o espirito de D. Diogo não é... dos mais perspicaces.

— Conto sempre com a sua amisade, D. Facundo — disse D. Saturnina.—E agora confio-lhe, a si e a D. Serapião...—acrescentou ella, para não desconsolar o cura, em cuja energia parecia não ter grande confiança— confio-lhes a escabrosa direcção d'este melindroso negocio. E' preciso evitar, com cuidado, que o general se não entrometa e faça alguma imprudencia. Moderação... moderação — disse ainda, como se tivesse medo que a compromettessem—o tempo fará o resto... e é preciso contar com elle sobre tudo quando se trata de modificar

as paixões ainda verdes, de uma menina costumada a ver o mundo ainda illuminadõ pela luz rosada de uma auro-ra de primavera.

—Esteja socegada, Sr.^a D. Saturnina. Faremos o possivel para conseguir que a alma candida e sensivel da nossa Carmen receba, sem violenta magoa, a dôr que a espera. . . A perda das suas primeiras illusões !

—A alma christã d'aquella santa saberá ter resignação e força para supportar as tribulações da vida!—acrescentou D. Serapião.

— Porque são esses receios tão vivos, quando a filha do general me não parece muito namorada de D. Ramon? — perguntei eu ao antiquario, quando fiquei só com elle e o cura.

—Porque?! . . . —me respondeu D. Facundo com gravidade. — Porque a candida e innocente Carmen é um espirito energico n'um corpo delicado, um espirito d'estes que veem um dever contraído onde houve apenas uma manifestação effémera dos proprios sentimentos, d'estes que creem ser a vida um tecido de bronze e que o dever é duro diamante. Ao mesmo tempo, a pobre Carmen é sentimental e apaixonada; tem sangue de andaluza aquecido pelo sol africano. De mais, é preciso ver a verdade como ella é. Carmen crê na mãe com viva

fê... D. Saturnina não é muito prudente. O casar a filha com um cavalheiro, que monta bem a cavallo, tem força e ousadia como ninguém, vive n'um palacio isolado sobre rochas batidas pelo mar d'onde se despenha uma catarata virtiginosa... um cavalheiro moço e guapo, que passa por ter fortuna e ter a cabeça um tanto estouvada... a que ella chama *romanesca*... tudo isto a incanta e a seduz. O que ella sentia, persuadiu á filha que o sentia tambem. Ha que tratar com espiritos exaltados... o que sempre é muito melindroso.

Depois de pensar alguns instantes, D. Facundo continuou:

—Por outro lado nada prova que tudo isto seja assim. D. Diogo é interessado no assumpto... está enamorado de Carmen. E' um espirito fraco, uma natureza grosseira e sem escrupulos. Pode exagerar... ou mesmo... mentir. O pastor é um selvagem, que odeia D. Ramon. Dizem que é filho de D. João de Montemar. E será verdade. O pobre D. João foi sempre um doido, d'aquelles que não veem nas mulheres senão um meio de passar tempo... uns animaesinhos bonitos, que se soltam quando já não servem. Modo de sentir, este, muito commum, que nasce do egoismo e do vicio, em almas brutas que a sensualidade domina. E' preciso descobrirmos

a verdade, antes de lançar na alma melindrosa da nossa Carmen uma grande angustia.

Surprehendido pelas considerações do antiquario, que o seu espirito singelo não chegava a comprehender, D. Serapião, que o escutava boquiaberto, soltou um suspiro ruidoso e disse :

—Pois tudo isso será assim? Ai! A minha rica Carmensinha! Nossa Senhora da Candelaria lhe acuda, que bem o pode fazer. O que me disser, sr. D. Facundo, é que hei de fazer. Tem mais juizo do que eu e conhece melhor este triste mundo.



XXIV

Conversação com Carmen

No dia seguinte, ao anoitecer, quando eu passava com D. Facundo n'um terrado d'onde se gosava uma esplendida vista, de um lado até o cimo da serra, do outro lado até ao mar, contou-me o antiquario o que havia passado com Carmen pela manhã:

—Encontramos Carmen na parte mais abandonada do jardim, escondida quasi pelos arbustos em flor, que a falta de cuidados e o vigor da vegetação deixaram crescer e entretecer-se em espessas moitas. A pobre menina, tão alegre sempre, estava triste e abatida, desfolhava distraidamente por entre os dedos brancos, as rosas que colhera pouco antes. O que podia explicar aquella melancholia, em alma tão jovial, aquella expressão de dor, em tão formoso e tão expressivo rosto de donzella? Era um presentimento?

— Terá a *flor silvestre* desconfiada dos perigos que ameaçam os seus sonhos de felicidade?—perguntei.

—Vae ouvir: Visto que tanto interesse toma pela nossa *flor silvestre*.

E proseguiu:

— Quando me acerquei d'ella, em voz baixa para a não sobresaltar, perguntei-lhe a causa de a encontrar só n'aquelle logar ermo. Ella estremeceu ligeiramente, sorriu-se com tristeza e respondeu-me com uns versos do seu poeta favorito:

Sin direccion las miradas
Y sin norte las ideas ;
Está en una de esas horas
De misteriosa pereza,
De tranquilidad y calma,
En que nada nos inquieta
Nada nos place ni turba . . .
Y nada nos interessa.

Este ultimo verso disse-o ella acompanhado d'um suspiro, que era um desmentido formal de quanto dissera.

Não acreditei n'aquella indiferença e, de novo, insisti; mas, para me conformar com a propensão do seu espirito dado á poesia, disse:

Una mujer! Es acaso
Blanca silfa solitaria,

Que entre el rayo de la luna
 Talvez misteriosa vaya?

 Talvez se sienta, talvez
 Asorada se levanta,
 El jardim recorre anciosa,
 Talvez a escuchar se pára

 Esas hojas de esas flores
 Que distraída tu arrancas
 Sabes adonde, infeliz,
 El viento las arrebatá.

—Vão em busca de paz e de conforto para um pobre coração — respondeu ella amargamente e como levada pela acção que a poesia podia exercer sobre ella.—Só a Virgem de eterna doçura pode dar paz e alegria a almas... assustadas como a minha.

—Assustada? E de quê?

Eu julgava que encontraria a formosa Carmen embevecida na alegria d'um primeiro amor; fiquei surprehendido de a achar tão triste e desanimada, como se lhe tivesse chegado aos ouvidos a terrivel verdade.

—Não... não é nada — acudiu Carmen como querendo cortar a conversação.

—Não nos queira enganar, Carmensinha. Tem alguma cousa que a intristesse... que lhe dá cuidado. Es-

tou-a desconhecendo... Ella! Tão alegre sempre!—acudiu o cura, com verdadeira angustia.

—Não quero enganar o meu bom D. Serapião —acudiu Carmen.—Não tenho que me entristeça... um sentimento talvez. Apoderou-se de mim um vago..... sentimento de terror.

—Porque?...—perguntei.

— Não sei... Desde aquella funesta lucta de Guimarães... Parece-me... illusão, decerto... parece-me ver diante de mim um grande crime. Aquelles dois homens a quererem matar-se... os gritos da pobre Anna... Quizeram fugir...

Como para a distrahir, proseguiu o antiquario, exclamei :

Huies y dejas llanto y desconsuelo !
Oh! mujer! que en imágen ilusoria
Tan pura, tan feliz, tan placentera,
Brindó d'amor á mi ilusion primera!

A graciosa Carmen acudiu logo:

Los años, ay! de la ilusion pasaron;
Las dulces esperanzas que trajeron,
Con sus blancos ensueños se llevaron,
Y el porvenir de oscuridad vistieron.

—Sonho é o crer, ao despontar da vida, n'um fu-

turo sem luz e sem sonhos, minha querida Carmen — disse-lhe então. — Se uma phantasia, se uma esperança se desvanecem, novas esperanças e novos sonhos se erguem na vida para a illuminar... quando o coração tem, como o seu, thesouros inexauriveis de bondade e candura.

Carmen respondeu, segundo o costume, com dois versos, que a memoria lhe suggeriu :

Ay ! el que descubre por fin la mentira,
Ay ! el que la triste realidad palpó!...

—O poeta—proseguiu Carmen—falla assim com lastima, de quem conhecia a realidade; que faria de quem, como eu, desconhece a realidade, mas se sente tomada de terror por uma vaga apprehensão, que se origina n'um pavoroso conflicto onde se esconde um terrível segredo.

—Talvez...—interrompi, sem poder concluir.

—Talvez a verdade seja mais sinistra do que eu a ouso suppor—interrompeu Carmen, com um movimento de terror.

—É preciso ter confiança em Nossa Senhora — disse então D. Serapião, com a monotonia com que os padres consolam os que padecem, sem ter consciencia do que fazem e sem comprehenderem os males alheios.

A formula banal do cura não fez impressão na Carmen, sempre tão sinceramente religiosa. A filha do general apenas desenhou um ligeiro gesto de impaciencia. Foi então que eu—proseguiu D. Facundo—me convenci de que aquella alma innocente estava profundamente affectada e n'ella se agitavam paixões que eu não podia comprehender.

A occasião pareceu-me asada para cumprir a missão que D. Saturnina me confiara.

—É bom, minha querida Carmen, escutar a voz dos obscuros presentimentos, mas não lhes dar inteira fé. Os presentimentos são o resultado, vago e incerto, de raciocinios, que o espirito segue inconscientemente, sobre factos indefinidos; sentimentos incompletos, impressões sem nexo... São o producto inesperado de uma fermentação mysteriosa do espirito, que se realisa fóra da acção da livre vontade.

—São ás vezes uma divina inspiração — disse ella — que a providencia nos manda para nos salvar do perigo.

—Inspiração ou raciocinio; pouco importa. É bom não desprezar os presentimentos, mas é bom tambem não ter n'elles uma confiança cega.

Depois de ficar calada alguns segundos a filha do general Calavera disse, com vivacidade.

—O sr. D. Facundo não crê em milagres, mas o meu bom D. Serapião, que tem uma alma singela como a minha, ha de crêr-me de certo, quando eu lhe contar o pavoroso sonho, que, esta noite, me despertou.

E, voltando-se para mim, a minha *flor silvestre* disse, com um sorriso de benevolencia que dulcificava os amargores dos versos de Zorrilla, que repetiu :

Ciego que sabe que la luz existe,
Que oye elogiar el resplendor del cielo
Y no le es dado desgarrar el velo
Que ante sus ojos á la luz resiste...

—Esse cego de que falla o poeta era um atheo, minha querida Carmen...—disse eu.

—E D. Facundo — acudiu Carmen—o meu amigo D. Facundo...

—Não é atheo, mas... não acredita nas cousas sobrenaturaes, com que se quer enganar... Não fallemos mais em tal. Conte-nos, Carmensinha, o sonho pavoroso...

Depois de curto silencio a filha do general começou, entre seria e comica :

Era mas de media noche
Antigas historias cuentan,
Quando en sueño y en silencio,

Lobrega envuelta la tierra,
Los vivos, muertos paresen,
Los muertos la tumba dejan.

Estava só no meu quarto — proseguiu. — Aberta a janella que dava sobre a varanda, donde se vê todo o campo até ao mar, illuminado por debil clarão da lua. Eu estava sentada ao pé da janella e sentia-me adormecer. Uma immensa prostração me invadia o corpo e me entorpecia os movimentos. Parecia-me sentir correr nas veias um poderoso, um irresistivel narcotico e os nervos estremecerem sobresaltados sob a acção poderosa d'uma influencia mysteriosa. De repente, pareceu-me que acordava assustada e que via diante da janella, á tenue luz do luar, o vulto de um homem. Affirmei-me para ver melhor e reconheci distinctamente... D. Ramon de Montemar. Tive susto... fiz esforço para me despertar de todo e, com aquelle movimento machinal, a primeira illusão transformou-se, e reconheci que não era D. Ramon que estava diante de mim mas sim Manuel, o pastor das Canhadas, que me pareceu então a viva imagem de D. Ramon. Uma voz suave e lugubre, mas que distinctamente ouvi, disse-me ao ouvido. «É' o irmão...» E era!

— O espirito condensou, n'um sonho incoherente,

todas as impressões das ultimas horas. A razão soube, por o alto trabalho, descobrir mal seguras verdades — observei eu.

Carmen proseguiu:

—Novo esforço para despertar-me, foi igualmente infructuoso. O turpôr continuou a invadir-me os membros; o somno proseguiu como d'antes. Eu propria me senti gemer, com angustia. O sonho, porém, transformou-se mais uma vez, mas sem descontinuar. Pareceu...—proseguiu Carmen com terror—pareceu-me ver aquella forma humana desdobrar-se, de subito, e vi distinctamente, D. Ramon e Manuel, como na lucta de Guimar, lançarem-se um ao outro como feras. A lucta durou alguns instantes, até que Ramon lançou por terra o seu adversario. Levantando sobre elle um punhal, ia para o matar, quando diante de mim se ergue outro vulto. Era um velho, com a ropa rasgada, os cabellos brancos em desordem, barba que lhe descia á cintura, gesto irado, gritando n'uma voz que parecia a da trombeta do anjo no juizo final «filho maldito, queres matar teu irmão como matas-te teu pae... Parricida... Fratricida... És filho da Maruja!» Aterrada, soltei um grito soffocado e acordei. A visão tinha desaparecido; mas aos meus ouvidos soava:

Voz admirable, y vaga, y misteriosa,
Viene de allá del alto firmamento,
Crece bajo la tierra temblorosa,
Vaga en las alas del callado viento.

—E o que dizia a voz?—perguntou o cura assustado.

—A ira do pae é a condemnação eterna do filho.

—Sonhos, sonhos — disse eu. — Amanhã poderemos ver se são verdadeiros os presentimentos.

—Amanhã?! . . . —exclamou Carmen.

—Pois não é amanhã que vamos a casa de Montemar? —perguntei, simulando indiferença.

— Talvez . . . Mas eu receio . . . Minha mãe . . . quer casar-me com D. Ramon e não sei . . .

—A sr.^a D. Saturnina não quer senão a felicidade da sua filha—acudi.

Ella ia a fallar, quando D. Serapião a interrompeu, confirmando.

—Todos querem ver feliz a nossa Carmensinha.

—E poderei ser feliz?! . . . Eu?! . . . Se o terrivel sonho se confirmasse? . . . —disse a triste menina entre suspiros.

—Seria a Providencia divina . . . Seria Nossa Senhora que a haveria de livrar de um grande perigo, por milagre—observou o cura.

—Seria—respondeu ella e acrescentou, depois de uma pausa:

Todo en el mundo para mi acabó:
Los lasos que á la tierra me ligaran,
El cielo, para siempre desató.



Theoria de D. Facundo

— Admiravel terra, esta ! — dizia-me D. Facundo. — Tudo que ha de grande, de bello, de terrivel n'esses dois mundos, que a força do universo estreitamente une —o mundo physico e o mundo moral, o homem e a natureza—tudo passou n'este formoso valle de Orotava. Os grandes cataclismos, que vem das revoluções da natureza physica, deixaram gravados aqui os seus profundos vestigios. As luctas humanas passaram sem deixar signaes.

Um povo heroico perdeu a liberdade, e com a liberdade, a existencia. A força das armas subjugou o amor da independencia ; o ferro venceu o braço robusto dos que conservavam ainda puro o vigor genial das raças primitivas e, de tudo isto, ficaram apenas algumas tradições que a historia mal conserva, por entre o nevoeiro cerrado das vaidades estultas e dos fanatismos ignaros.

Assim fallava o antiquario, quando iamos caminhando

de Orotava para o Porto. Diante iam a formosa Carmen com Lady Fly e D. Ramon de Montemar, que nos viera buscar: atraz seguiam-se o general, D. Saturnina e o Dr. Wearisome e, no coice da pequena caravana, seguiamos nós; eu, o antiquario e D. Serapião.

—Ha poucos annos ainda, Guarachico, que vemos ali á esquerda á beira mar—dizia o Primigenius—era uma cidade rica e activa «Guarachico, puerto rico» dizia o povo. As grandezas da cidade eram symbolisadas n'um homem, sentado sobre uma rocha, tendo em uma das mãos um peixe, na outra formoso cacho d'uvas. O commercio, a actividade faziam a prosperidade da cidade em que se erguiam palacios, templos formosos, vastos e ricos mosteiros. O poder fecundo da constante primavera cobria de flores as rochas, impregnava de perfumes o ar, n'aquelle formoso e seguro porto, onde os navios encontravam sempre abrigo. N'um dia desapareceu tudo. Um terramoto horrivel abalou a montanha e, um vulcão medonho, se abriu na encosta, que domina a cidade. Torrentes de lava cobrem o solo, levando o incendio, a morte e a desolação aos campos e ás povoações, pouco antes alegres e prosperas. Chegando á beira das rochas alcantiladas, a lava precipitou-se, impetuosa, sobre a cidade aterrada. O mar recuava, como espavorido diante

das ondas de lava mais poderosas do que as d'elle, deixando o porto em secco. E, de todo este embate dos elementos nada ficou senão ruínas e miséria.

—Que horrível catastrophe!—exclamei.

—Horrível, sim—acudiu o antiquario—mas repetição de outras muitas eguaes ou maiores. Os homens estão sempre dispostos a crer que o mundo se creou para elles e só para elles e, por isso, referem a si todos os phenomenos da natureza. Essas grandes calamidades, como lhes chamamos, são puramente subjectivas. Para a natureza são meros accidentes, pelos quaes ella muda de face e atravessa as phases da sua laboriosa existencia. Esta irrupção vulcanica de Guarachico não foi mais do que um episodio do grande paroxismo, que começara pouco antes no planalto dos *Infantes* e que, depois, cubriram de lava o val de Guimar.

—Que perigo em que nos achamos aqui sempre. Virgem Maria! — exclamou o cura, aterrado, levando as mãos á cabeça.

—O mundo está sempre em elaboração e o homem é indifferente para as forças da natureza—acudiu o Primi-genius. — Quantos insectos esmaga o homem ao andar pelo campo?! Que importa? Fica alguém immovel para não incommodar as formigas?... A natureza tambem

precisa viver, mover-se, transformar-se : o homem para ella, não vale mais do que a formiga. Esses factos que nos aterram, que nos parecem prodigiosos, pela força que os produz e pelas consequencias a que dão lugar, são apenas movimentos imperceptiveis na vastidão illimitada do universo.

—Este D. Facundo tem idéas singulares!—não poude D. Serapião deixar de exclamar.

—Singulares! Não. . . Justas sim.—disse o antiquario, com gesto infatuado.—Os homens tem a estulta vaidade de suppôr, que o mundo é feito so para elles; ficam sorprendidos quando o theatro se agita para a mutação de scena e, sem más intenções, esmaga ou afoga alguns actores da comedia humana. Esquece-lhes sempre que as scenas mudam para preparar melhor o theatro, muitas vezes, ou, talvez, para abrir theatros novos. A terra está sempre em movimento, esta sempre a transformar-se. Cava-se um lago onde era antes terra firme. Aos continentes agregam-se novas terras. Levantam-se montanhas no meio das planices. Irrompem ilhas do meio dos mares; outras, depois de largos seculos de existencia, somem-se nas ondas. Os vastos continentes vão levantando-se n'uns logares, n'outros baixam lentamente.

—E n'este perpetuo movimento só é permanente o que vemos agitar-se sem repouso—interrompeu o medico inglez que se havia acercado de nós, atraído pela facundia do antiquario.—Assim o disse o poeta favorito de Lady Fly:

..... not so thou!

Unchangeable, save to thy wild waves' play,

Time writes no wrinkle on thine azure brow ;

Such as creation's dawn beheld, thou rollest now.

—O immutavel mar, de que falla Byron—disse o antiquario, fazendo alardo das suas opiniões phylosophicas, um tanto phantasticas—o immutavel mar agita-se hoje entre margens muito diversas das que o encerravam nas antigas edades da terra. Não é elle que muda, é verdade; mas muda em cada seculo e terra firme. A agua e o fogo são os escultores incansaveis da terra onde vivemos. Longe dos mares se encontram vestigios evidentes de que ali chegaram as ondas e de que foi por largos seculos a terra, hoje habitada, fundo do oceano. Estas ilhas em que estamos, dizem as antigas lendas, não são senão fragmentos de antigos continentes, habitados por uma população poderosa. Mas os sabios de hoje não crêem na velha Atlantida... E talvez tenham razão.

— Platão e os sacerdotes do antigo Egypto, que me diz d'elles?—perguntei.

—O espirito vae facilmente para a lenda; mas deve-se deixar encaminhar pela razão — respondeu o antiquario com hesitação, ao lembrar-se do que me dissera, quando chegamos a Tenerife.

—A antiga lenda de Citias seduziu o grande espirito de um bom observador francez.

—Bory de S. Vincent?—perguntou o dr. Wearisome.

— Sim. Esse mesmo — proseguiu D. Facundo. — O quadro que elle fez da antiga Atlantida e da sua destruição, seduz o espirito, que procura sempre a historia do homem na historia da terra. Nas lendas religiosas, bem sabem, a criação do homem acompanha a criação da terra. O homem recebeu directamente da divindade a sciencia do infinito, do eterno, do que é puro e verdadeiro. Pelo peccado foi decahindo atravez dos seculos, até que Deus julgou dever purificar a humanidade.

—Pelo diluvio universal—acudiu o cura.

—Pela destruição e pela renovação—proseguiu o antiquario. — Estas lendas satisfazem a nossa vaidade. . . Sempre a vaidade! A historia de todos os tempos e de todos os povos está cheia de tradições pavorosas, de diluvis d'agua, e de fogo. A intervenção divina vem corrigir

pelo castigo, os crimes dos homens e depois a longa gestação de uma civilização nova, coberto de ruínas o mundo e cheios de terror os homens. A historia da Atlantida é uma d'essas historias pavorosas, phantasiadas pela imaginação nas trevas do passado.

— E as suas opiniões, os seus estudos... abandonou tudo?—accudi eu.

— Não... não abandonei nada, nem estudos, nem opiniões — respondeu o antiquario. — A superioridade dos que buscam a verdade, sinceramente, é não se fixarem n'uma opinião para nunca mais a largarem. Isso é bom para os heroes da politica. Esses é que não mudam de opinião... porque não tem nenhuma. Mudam de interesses, isso sim.

— Confessa então, sr. D. Facundo, que já não crê na Atlantida de Platão, de que me fallou...

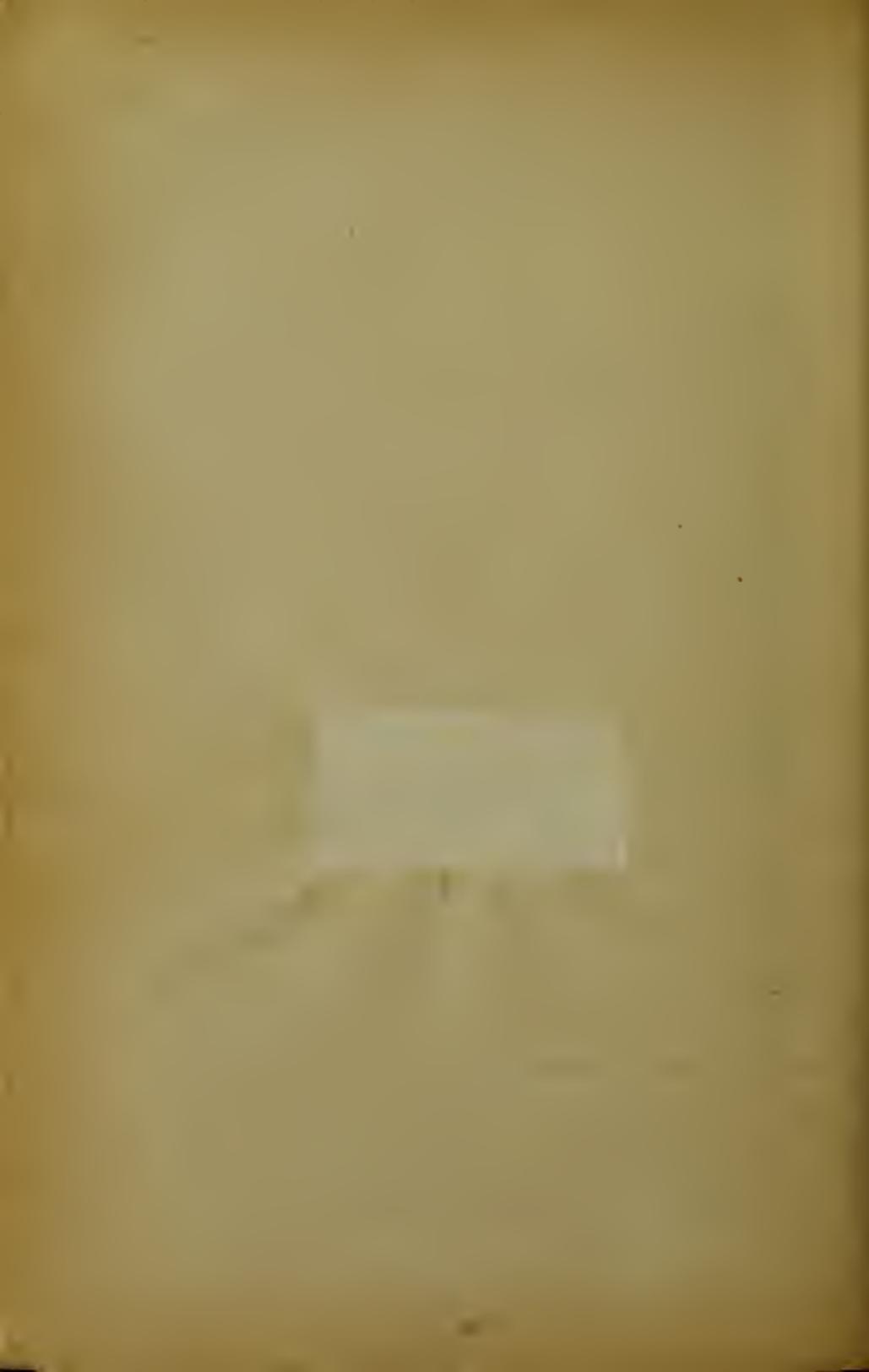
— Fallei-lhe d'esse paiz que já morreu... porque os grandes sonhos da antiguidade tem poder de seduzir os espiritos bem formados, eu queria-lhe fixar a attenção na grande Atlantida. Hoje que o vejo interessar-se tão vivamente pela minha patria adoptiva, podemos ambos abandonar as phantasias e buscar a verdade. Deixar a lenda para escutar a sciencia.

— E o que lhe diz essa impia sciencia, em que parece

ter tanta confiança? — interrompen D. Serapião, em voz severa e estrondosa.

— Não me diz nada a iocosa sciencia — respondeu, rindo, o antiquario. — Mas leva-me ella, pela observação dos factos actuaes e pela inducção, a concluir como as cousas se passaram outr'ora. — E depois de uma pausa, prosegue: — São numerosas, agora mesmo, as irrupções vulcanicas que, do fundo do mar, levantam acima das ondas novas illas: umas permanecem, outras se escondem, tempos depois, nas ondas que as cercam. Ao erguerem-se do fundo do oceano, as novas illas trazem consigo e conservam restos de animaes e vegetaes, que são como attestados da idade em que se soblevaram. O vento, as ondas, as correntes do mar, nos causas contribuíram para colrir de plantas e povoar de animaes as illas disseminadas pelos mares; è, porém, dos continentes mais proximos que deviam os novos povoadores chegar ali primeiro. E tudo isto nos está mostrando que as illas atlanticas tem uma origem, relativamente, moderna e não são as ruínas de um vasto continente, como seria a Atlantida se houvesse existido. As illas Canariás, como outras montas do Atlantico, são como museus, onde se conservaram as formas organicas que, n'uma idade recente, povoavam a Europa e a Africa. Os seculos pas-

sam, as edades da terra desinvolem-se, as fórmulas orgánicas modificam-se, os continentes mudam, mas, nas ilhas isoladas no meio dos mares, persistem as fórmulas antigas, como para nos indicarem em que época sahiram, coroadas de fogo, do meio dos mares. Já veem, como lhes disse, que das revoluções da terra, ficam vestígios, onde se póde ler a historia do passado. É o que vemos aqui, em Tenerife, onde, a cada passo, estamos lendo o que se passou em remotas eras.



XXVI

D. Facundo contradiz-se

— Assim pois, a Atlantida, cuja existencia ha poucos dias parecia estar provada, já não é cousa em que se creia—observei ironicamente.

— Nada é firme em sciencia. . . como em tudo, senão a observação directa e rigorosamente feita; nem preconceitos nem phantasias. As inducções que, dos factos observados, se tiram, podem alterar-se pela observação de factos novos ou pela melhor coordenação d'elles — acudiu o antiquario, perturbado e buscando desculpar a sua incoherencia.—É sempre o mesmo, o homem, sabio ou não sabio. É, por isto que o saber humano ou o que por tal se reputa, varia de tempos em tempos. Novos factos, novos homiems; novas doutrinas, novas verdades. O que é verdade aqui não o é n'outro tempo e n'outro paiz. Não nos illudamos. As verdades estão umas vezes á moda e outras são abandonadas e, não depende isso,

muitas vezes, do seu valor intrinseco mas da fôrma que revestem. Saber aceitar as ideas, as opiniões, as doutrinas do seu tempo, adoçando-lhe as asperesas, moderando-lhe os excessos pela acção do grande regulador da imaginação, pelo bom senso, é o mais a que pôde aspirar a sahedoria.

Este longo discurso do antiquario custou-lhe um grande sacrificio de vaidade. Elle que tanto exaltára a sciencia para a si proprio se exaltar, via-se forçado a pôr em duvida o que antes lhe parecia verdade incontestavel. A rasão humana já não era aquella divindade que, segundo elle, merecia a fê e a adoração do mundo.

D. Serapião, sem comprehender o que o antiquario dissera, ficou comtudo, radiante de alegria e exclamou:

— *Ó oriens splendor lucis ternæ et sol justiciæ, vehe et illumina sedentem in tenebris.*

— Dos grandes abalos da natureza são evidentes os vestigios — disse D. Facundo, fazendo que não ouvia o cura e deixando-o a ruminar o seu des-conchavado latino-rio. — Não acontece o mesmo aos combates dos homiens. Travam-se as lutas pela independencia e pela liberdade, caem derrocados os imperios, desaparecem os povos, extinguem-se as raças, de tudo isto, não ficam, muitas vezes, senão algumas vagas tradições... e, debaixo do

chão, alguma ossadas, onde, os oppressores e opprimidos, se confundem, onde as raças se não distinguem, onde todos os homens são eguaes.

E, depois de uma pausa, D. Facundo proseguiu:

— Era aqui, n'este formoso valle, que ficava situado a *Taguror de Aurotapala*, onde se reuniam em conselho os chefes ou *menceys* da poderosa confederação de Tenerife. *Taguror* era o nome do sitio onde os chefes reuniam conselho, á entrada da sua gruta. Aqui, em Aurotapala, se abria a *usero del principe*, vivenda do grande Bensomo o heroe e o Nestor do tempo da conquista. Quando chegou a hora dos combates pela defeza da liberdade e da independencia de um povo heroico, Bensomo soube levar os seus irmãos ao campo da batalha como um heroe antigo. Foi uma guerra titanica, mas em que foi vencido o velho Saturno. Vencido pelas armas hespanholas, o heroe guanche exclamava conforme diz Viana:

Mas ay! querida patria, que de veros
Sin libertad, sujeta y gobernada
Con otras leyes, y con otros fucros,
O por mejor decir, tiranisada?

Esse nobre ancião, esse povo heroico, vencido e despojado da patria e da liberdade, ficou esquecido pela

historia, que tanto se lembra e tanto celebra, em voz altisonante, as glorias dos conquistadores, dos heroes da carnagem, da tyrannia e do roubo. Ai! O homem é desprezível e não menos desprezível a historia!

—Pobres Guanches—exclamei.

— Era a signa d'este povo ser esquecido. Diziam as tradições que Deus lançara n'estas ilhas um povo de que depois se esquecera. Mais tarde, depois de ficarem por muitos seculos separados do resto do mundo, encontraram-n'os outros povos para os combater e escravisar. Defendiam, heroicamente, os Guanches liberdade e independencia, mas foram vencidos e de novo esquecidos. Depois da conquista, as antigas afortunadas até perderam o nome com que a antiguidade as designava.

—É um triste exemplo das injustiças da sorte—exclamou D. Serapião. — Mas talvez fosse castigo de Deus pelos erros da idolatria —concluiu, para ficar bem com a sua consciencia.

— Os idolatras eram um povo innocente, singelo e virtuoso — observou D. Facundo com severidade. — Os fanaticos estão sempre a buscar pretextos para desculpar a Providencia.

O cura ia para replicar, quando estavamos a entrar na pequena povoação do Porto, mas o general Calavera,

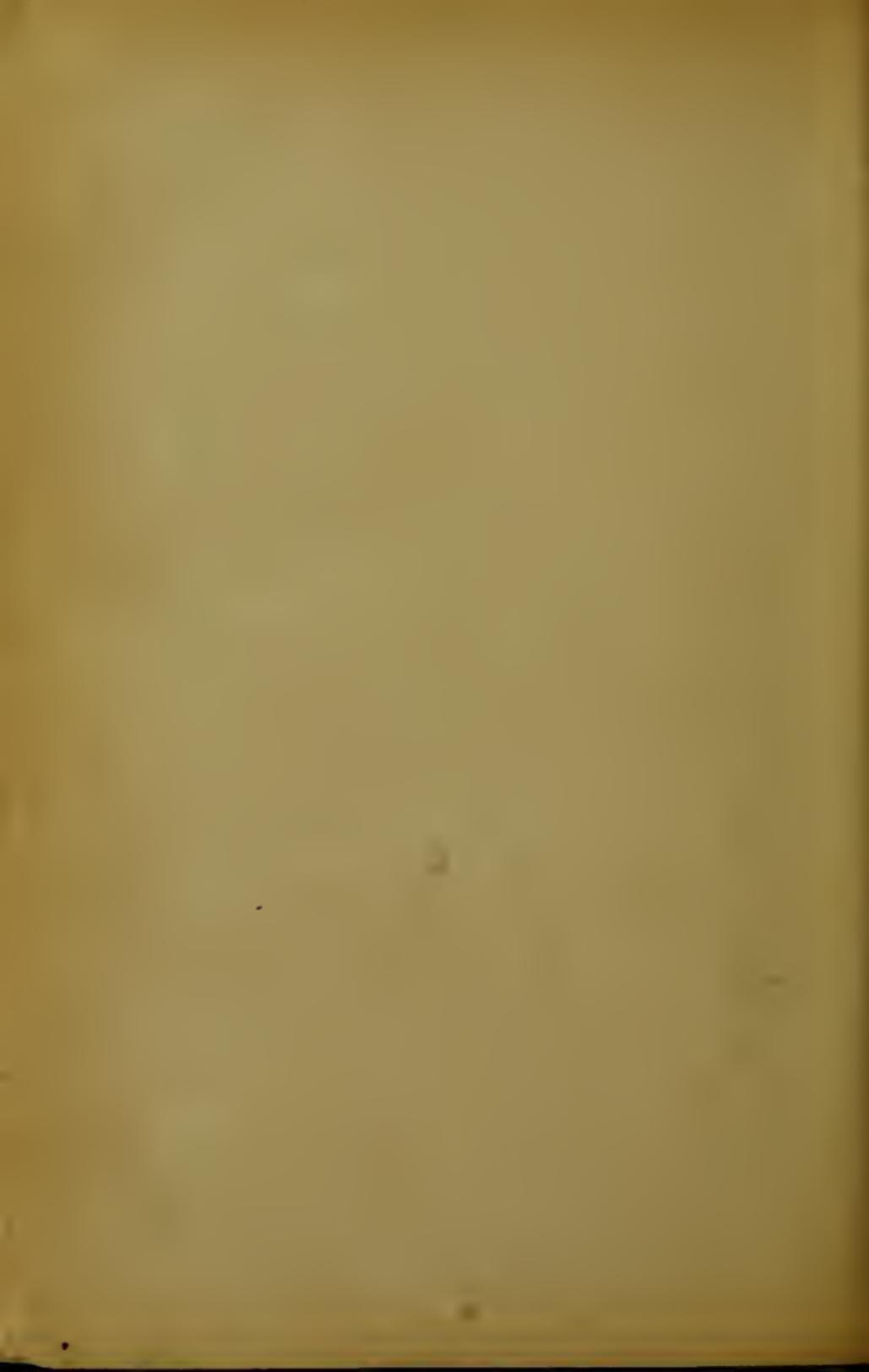
que tinha vindo, calado para junto de nós, interrompeu-o, dizendo em voz baixa aos dois contendores.

—D. Ramon tem feito extremos de amabilidade á minha Carmen; mas ella conserva-se indifferente e como assustada. Que será? É preciso, meus amigos, descobrir a verdade. Eu tinha receio de magoar a alma melindrosa da *flór silvestre*; mas acho muito mudada a minha Carmen. Mulheres!— exclamou por fim—Tão prompto as vemos namoradas como indifferentes!

—Agora é uma grande felicidade que assim seja; se o que conta D. Diogo é verdade.

—É—acudiu o general—O pobre Pillo não sabe mentir e estava aterrado com o que ouvira.

—A voz de Deus falla aos innocentes e, a nossa Carmensinha ouve-a—concluiu o cura.



XXVII

A Maruja

Estavamos na praça da Juguna, povoação do Porto de Orotava. Deserta e abandonada, o chão coberto de espessa e florida herva, por meio da qual serpeavam dois carreiros estreitos, que iam dar, um a uma fonte monumental que recordava as antigas grandezas do commercio de vinhos, o outro á igreja, que memorava o feliz dominio dos frades e a gloria burgueza dos fidalgos mercadores: a praça do Porto de Orotava era a viva imagem da decadencia de um povo.

A pouca distancia da povoação, pousada sobre negra e escabrosa rocha, erguia-se uma casa antiga, quasi sem janellas, cercada de muro alto, rasgado por uma porta apenas, que dava entrada para largo e deserto pateo, no qual dois enormes loureiros lançavam triste sombra.

Para traz a casa dava sobre profundo precipicio, a cuja raiz as ondas vinham quebrar-se com temeroso e compassado estrondo. Aguas correntes, caindo em cata-

dupa, despenhavam-se da base do velho solar até ao mar; por entre os veios da agua espumosa, rebentavam arbustos espinhosos de um verde pallido e triste. Por cima do portão, do alto do terrado que coroava a casa, das janellas fendidas e derruidas pelos annos, de toda a parte emfim, se debruçavam festões de folhas, pendiam grinaldas de flores. Era um delirio de vegetação exuberante que rompia com pujança por entre as pedras desconjuntadas e parecia querer derrocar a arruinada habitação.

Á porta, aberta de par em par, estava uma dama, magra, alta, vestida de negro e com manto de seda que, da cabeça caia em pregas sobre os hombros, deixando, porém, vêr abundantes cabellos brancos de prata, entrançados e dispostos em coroa no alto da cabeça.

A dona da casa de Montemar devia ter uns sessenta annos, mas mostrava mais talvez. Numerosas rugas lhe sulcavam a fronte estreita, proeminente e um tanto achatada nas fontes, parecendo querer-se esconder na sombra dos venerandos cabellos. A boca pequena, cujos labios mal se viam de finos que eram, curvava-se ligeiramente aos cantos como se exprimisse a dor ou a colera; os dentes ainda regulares e brancos deixavam-se ver, por entre um sorriso forçado e falso. Os olhos eram

grandes, negros e com reflexos metallicos; d'esses olhos que oscilam sempre como para evitar que n'elles se possa ler a expressão das intimas paixões. No perfil, nas linhas geraes, nos gestos que seriam graciosos se não fossem duros e violentos, advinhavam-se ainda os restos de uma grande belleza. As mãos eram longas e ossudas; os pés breves e calçados de setim preto.

Atraz da Maruja estavam dois creados, especie de pastores das Cañadas, cobertos de librés verdes, cuja côr, comida polo sol, tinha tons amarellados.

Logo que vio a mãe, D. Ramon apeou-se e correu a ella, beijando-lhe a mão respeitosamente. No seu gesto humilde havia um que de assustado.

—Mãe—disse—ali estão os nossos hospedes.

—Sejam todos muito beni vindos—respondeu a Maruja—n'esta casa triste e desolada. Aqui não ha senão lagrimas—proseguiu, dirigindo-nos a palavra e limpando uma lagrima—dês que falta o dono da casa... o meu pobre D. João.

Sem transicção alguma, D. Caralampia de Montemar passou a acolher cada um de nós com uma palavra de benevola hospitalidade; mas a physionomia conservava-se-lhe sempre immobil e séria como a de uma estatua. Quando chegou a vez de Carmen, uma contracção ner-

vosa agitou aquellas feições, dando-lhe uma expressão estranha. Os olhos, irradiando vivo fulgor, fixaram-se no rosto angelico da filha do general, as mãos descarnadas agarraram-lhe os braços delicados por um movimento titubeante, quasi convulso, puxando-a para si e pondo-lhe na face um beijo livido.

—Ha muito que te não via, Carmen—disse ella.—Estás mais crescida, uma mulher já. Ramon fallia-me muitas vezes de ti. Está namorado... não admira, tem razão.

Carmen parecia estar profundamente commovida e como assustada. Ao ouvir estas palavras corou muito e, logo em seguida, empallideceu como quem desfallece. Viu ella passar a pequena distancia, como sombra ligeira, o Manuel de Arafo, chegar á beira do precipicio e desaparecer. D. Ramon tambem aperebeu o pastor e por um movimento brusco correu ao cimo da rocha; mas, suppondo talvez que havia sido illusão, voltou pouco depois profundamente preocupado.

D. Caralampia conduziu-nos então ao interior do velho solar de Montemar.

O interior da casa correspondia bem á sua apparencia externa. A escada de marmore branco, era vasta e aparatosa, acompanhada, por um e outro lado, de azule-

jos com figuras de grandeza natural representando solemnes alabardeiros de arma em punho. Os degrãos tremiam debaixo dos pés; mais de um alabardeiro tinha os olhos de menos ou a lança quebrada.

Do largo patamar, em que a luz do sol penetrava por entre muitas teias de aranha, entrava-se n'uma vasta casa de entrada, com dois balcões que davam para o mar. Quatro cadeiras de couro, ornadas de pregaria de cobre, que o tempo tinha enegrecido, eram o unico ornamento das altas paredes cobertas de poeira. O tecto, elevado tinha, ao centro, resto de pintura de um brasão d'armas encimado por uma coroa. Os tijolos do chão, desconjuntados e soltos, davam um som de louça quebrada a cada passo que sobre elles fazia a numerosa comitiva dos hospedes de Montemar. Uma só nota alegre chegava aquella casa, velha e rica, era a que soltava, assustado, um passarinho, esvoaçando junto do tecto, em busca de saída.

A' casa de entrada seguia-se uma sala mais vasta ainda, mas não menos vetusta nem menos arruinada pelos annos. As paredes cobertas de pannos de Arráz, que representavam a marcha triumphal de algum general romano, mostravam bem que o general vinha de longe, pelo muito pó que o cobria. O tecto da sala era tão es-

curo como as paredes, porque tomava a todo, funebre pintura representando o Pico de Tenerife em plena erupção. Largas cadeiras de pau santo com assentos de damasco vermelho, rasgado e sujo, cercavam a sala em volta; uma poltrona immensa occupava no fundo, o lugar de honra, por baixo de um escuro quadro com o retrato de um soldado da guerra peninsular e, por baixo do retrato saiam de um lado a cabeça espavorida de uma das mulheres captivas que acompanhavam a marcha pomposa do triumphador romano; do outro, a acha ensanguentada de um lictor.

As largas janellas, por onde a luz entrava a jorros, sem chegar a alegrar a vasta sala, davam sobre um terrado amplo, cercado em roda por alegretes, em que vegetavam plantas selvagens, incultas e quasi mortas de sede. Do terrado que ia até á beira do precipicio, gosa-va-se a amplidão do mar e via-se cair a espumosa cascata que baixava, com impeto, precipitosa, até ao mar. Das ondas erguiam-se, a pequena distancia, dois rochedos, immensos e isolados, coroados de mato em que dominavam as enforbias lividas e espinhosas e a cujos pés as aguas se vinham quebrar com furia ruidosa.

Ao ver aquelle funebre precipicio, ao ouvir o troar das ondas e o rugido estrepitoso da catadupa, lembrei-me da

caverna cavada na rocha e do audacioso projecto do pastor Manuel de Arafo de salvar por aquelles precipicios o velho D. João de Montemar. Estremeci e affastei-me da beira do terrado.

Ao voltar para a sala estavam as senhoras sentadas a descansar, á excepção de Lady Fly, a qual contemplava a vista do mar e não parecia iuinteressar-se no que se passava em volta d'ella. D. Caralampia tambem estava de pé, mas fallava amiudadamente com as senhoras de los Mareos, D. Facundo e o general Calavera.

Tive então occasião de ver melhor aquella mulher, de quem sabia tão terriveis historias. A luz dáva-lhe em cheio. Ella estava de pé: o manto havia-se-lhe desprendido dos cabellos; o corpo parecia-me mais alto e magro, as mãos mais irregulares e alongadas; as unhas ponteagudas e negras davam aquellas mãos o aspecto de garras. A voz da Montemar era aspera e rouca, apesar d'ella lhe querer dar um tom compungido. A boca obedecia a involuntarias e desordenadas contracções, que lhe iam juntando aos cantos ligeiro veio espumoso. No todo notavam-se numerosos detalhes caracteristicos, que revelavam o character e a educação de D. Caralampia, a quem o convento e a fidalguia, real ou supposta, não fizeram esquecer os costumes da vendedeira do Porto de

Orotava. Com a caída do manto, os cabellos estavam soltos e desgrenhados, como se fosse este o seu estado normal. O manto, luzindo em parte como espelho, revelava o desleixo da velha furia. Os sapatos de setim eram novos, mas, por de traz, dobrados em chanquatos como os das graciosas pescadeiras de Orotava.

—Temos soffrido muito—dizia ella—e temos feito soffrer... sobre tudo o filho, o nosso Ramon, que é tão bom como o pae. É preciso tel-o, dia e noite, fechado n'um quarto... onde nada lhe falta, onde Ramon lhe faz companhia a maior parte do tempo... E é como D. João está bem, porque adora o filho. São duas creaturas inseparaveis. Atravez da triste loucura que ha annos lhe perturba a razão, só duas ideias lhe licaram, só duas paixões persistiram... Ramon e um cofre, no qual escondeu os seus antigos segredos, cofre que não larga nunca... Talvez o cofre não tenha nada e seja pura illusão... Coitado!—suspirou D. Caralampia por fim, com visivel esforço.

—Pobre D. Caralampia! Que dó tenho dos seus soffrimentos!—exclamou D. Facundo, ironico.

Um murmurio inarticulado pareceu assentimento da dama de los Mareos ás palavras do antiquario.

—Nós, os velhos, é que podemos avaliar quanto isto

lhe deve custar, porque conhecemos o muito... muito que deve ao meu pobre amigo, D. João de Montemar—acudiu o general, com aspereza, que não afinava com as palavras.

Ou, porque não se apercebesse ou porque julgasse melhor fingir que se não apercebia do modo porque se exprimia o general, a velha Maruja proseguiu no mesmo tom:—Por mim, estou resignada ao meu tormento. Cumpro o meu dever. O que me custa é vêr Ramon passar os annos melhores da vida n'esta triste solidão. Pohre moço! Tenho inveja da mulher que consolar aquella grande alma. Será feliz e dará a felicidade a quem lh'a saberá agradecer.

Os olhos de D. Caralampia buscaram então os olhos de Carmen. Esta porém, baixou-os com expressão de angustia e pavor.

Em quanto esta conversação entre D. Caralampia e os seus hospedes tinha lugar, D. Ramon, sentado ao pé de Carmen, dizia-lhe em voz baixa, palavras que a faziam alternativamente corar e empallidecer. Quando a Maruja soltou estas hypocritas expressões de amor maternal o atleta da festa de Guimar ousou levar mais longe as suas importunas seducções, e Carmen, vermelha como uma romã, ergueu-se com gesto indignado e veio ter com

a solitaria Lady Fly, a qual, parecendo indifferente, havia visto e ouvido tudo.

—Venha Carmensinha—disse carinhosamente a ingleza—Venha para quem tanto lhe quer.

—Ai! Milady. A sua bondade é consolação e abrigo para a minha alma!—suspirou Carmen.

A sentimental ingleza apertou-lhe affectuosamente a mão e deixou-se conduzir por ella até á extremidade do terrado, que olhava para o mar.

Acompanhei-as.

Estavamos a admirar a transparencia de esmeralda das aguas, a amplidão do horisonte que leve nebrina tornava vago e indefinido, o esplendor do ceu illuminado pelos raios avermelhados do sol baixando para o occaso, as formas phantasticas das rochas escabrosas e negras, quando, por entre os ramos flexiveis do *mocaneiro*, que se debruçavam sobre o precipicio, vimos apparecer cautelosamente, a cabeça de um homem. Carmen deu um grito involuntario e afastou-se com Lady Fly para a extremidade opposta do terrado.

Era Manuel de Arafo, que amarrava uma corda ao tronco de um arbusto. Baixando logo pelo temeroso precipicio, o ousado pastor, desapareceu.

O movimento, porem, não se passara tão rapidamente

que o não visse D. Ramon, que estava n'uma rocha ao lado da casa.

Caminhando cautelosamente, encostando-se á muralha do terrado e occultando-se atraz das folhas dos mocaneiros, D. Ramon chegou-se ao lugar aonde estava atada a corda, cortou-a rapidamente com uma navalha e, depois, enrolou-lhe ligeiramente a ponta a fim de parecer que não estava cortada. Era evidente que, quando no precipicio, o pastor buscasse segurar-se a corda cortada, cairia infallivelmente na estreita praia e seria arrastado pelas ondas.

Com um movimento de triumpho e um sorriso feroz nos labios, D. Ramon afastou-se da cascata do Gordejuela e encaminhou-se para casa.

XXVIII

Terror

O jantar estava a concluir.

Apesar dos esforços de D. Caralampia, que tinha, nas palavras e gestos, uma graça salgada como antiga pescadeira do Porto, excitada pela lisonja e mal polida pela clausura do convento, todos á mesa pareciam tomados de terror, como se estivessem esperando um successo pavoroso.

D. Ramon fallava com simulada animação a Carmen, que mal lhe respondia; de quando em quando, porém, prestava ouvido attento aos ruidos que entravam pelas janellas abertas. A noite tinha envolvido em sombras o horizonte. O vento tepido entrava na sala carregado de acres emanações do mar. Ao gemido da brisa, ao ribombo amortecido das ondas nos rochedos juntava-se o som lugubre e lastimoso de um grito de angustia, que o vento levou e se perdeu no espaço, deixando-nos, po-

rem, a todos arrepiados, frios e com a expressão do terror nas faces lividas.

D. Ramon poz-se, involuntariamente de pé: dilataram-se-lhe os olhos, agitaram-se-lhe, convulsivamente, os labios e buscava, mas em vão, esboçar um sorriso, que se extinguiu ao nascer indeciso.

—Que foi isto?—perguntou a Maruja.

—Algum pescador que deu nas rochas do Borgado— respondeu, friamente, o filho; não sem que a voz lhe trêmesse ligeiramente.

—Pareceu-me conhecer a voz que gritava, Ramon— exclamou D. Caralampia, levada de terror supersticioso e palida como uma morta.

Sem esperar mais, levantei-me e corri, com o antiquario, ao parapeito do terrado.

D. Ramon e a mãe ficaram immoveis, como petreficados.

Buscavamos, eu e o antiquario, penetrar as trevas, a que se misturavam ainda tenues reflexos do crepusculo, para ver se descobriamos a causa d'aquelle grito de angustia, quando D. Facundo me chamou a attenção para um vulto negro que parecia caminhar lentamente para uma d'aquellas torres naturaes que me haviam, pouco antes, fixado a attenção e a que D. Ramon chamava as

rochas do Borgado. Contei, então, ao antiquario o que se passára quando o cruel filho da Maruja cortou a corda, que Manuel de Arafo havia prendido ao tronco de um arbusto.

—É evidente que Ramon não conseguiu o seu cruel projecto—disse D. Facundo—Aquelle homem intrepido não pode ser, a esta hora, senão o pastor de Arafo. Teria elle tempo de salvar o pobre D. João de Montemar?

—Olhe D. Facundo, ali ao pé do rochedo, vejo mecher agora dois vultos—disse eu em voz haixa.

—Tambem vejo. É D. João, decerto. Valente rapaz! energico Manuel! salvou-se e salvou o desgraçado velho.

la para continuar quando vimos sair da casa para o terrado a Maruja e o filho; como estavamos na sombra e elles vinham da luz, não nos viram e tivemos tempo de nos esconder atraz de uns arhustos plantados no alegrete.

Depois da primeira surpresa, queria sair do esconderijo, para o qual me levava o antiquario, por me repugnar surprehender os segredos alheios, mas D. Facundo deteve-me, dizendo-me ao ouvido—É preciso livrar Carmen de um perigo e salvar um homem de morrer ás mãos do proprio filho. Escutemos.

—Que foi?... Aquelle grito!—dizia a Maruja a D. Ramon.

—Que importa?—respondia este com impaciencia—Um homem que caio ao mar e se afogou. Aquelle já não faz mal a ninguem.

—Pareceu-me a voz de D. João—exclamou ella, entre aterrada e satisfeita.

—Esse velho está fechado e bem fechado. Não queria, ainda ha pouco, que eu o afastasse do nosso caminho? Se fosse elle, que teria isso? Era um obstaculo de menos.

Este cynismo atroz parecia aterrar D. Caralampia.

Depois de uma pausa, disse ella com anciedade:

—Não sabes, Ramon, que se elle morresse sem revelar o seu segredo, perderiamos o thesouro que o avarento guarda... perderiamos o grande diamante de Ceilão.

—Não sei se existe ou não existe o maravilhoso diamante. Não o vi nunca. O que sei é que minha mãe tem medo de D. João... o segredo que elle guarda vale mais do que a joia preciosa. Mas agora não se trata d'isso. Deixemos meu pae, onde está. Cançado de padecer, acabará por fallar. Do que se trata é de Carmen, que eu adoro e que ha de ser minha.

—Que ha de novo?— perguntou com ironia a Maruja.

—Que ha? pois não vê que por uma causa que ignoro Carmen se afasta de mim... com horror. Aqui anda... Ah! se eu soubesse d'onde provinha esta subita mudança... saberia afastar esse obstaculo como os outros.

D. Ramon ficou um instante calado, a meditar.

No fundo luminoso da janella, projectava-se o perfil da Maruja, anguloso, deformado pelos annos e pelas ruins paixões; nariz adunco e fino, boca a unir-se entre o queixo descarnado que parecia querer subir e o nariz que baixava ao encontro do queixo. De repente aquelle perfil de velha Nemesis contrahiu-se; a boca sem labios escancarou-se n'um riso feroz e uma gargalhada soluçada e tremula passou ligeira sobre aquelle silencio.

—D. João... —disse por fim—teu pae, que era entendido em mulheres, dizia muitas vezes; as rosas tem menos espinhos e um perfume mais suave para aquelle que primeiro as colhe.

E outra gargalhada da Maruja poz termo a este aphorismo pornographico.

Uma tal alegria não era do gosto de D.^e Ramon, que interrompeu a mãe colerico:

—Não se trata agora do que dizia D. João. Elle nunca

teve opinião sobre as mulheres puras e innocentes, como Carmen. Não as conhecia.

Esta injuria á propria mãe, nem offendeu esta, nem pareceu ter valor para D. Ramon. Tanto valia a mãe como o filho.

—Eu amo com paixão a formosa Carmen—proseguiu elle—É preciso que fique ajustado o casamento, agora que ella está e os paes estão n'esta casa... Noto, em todos, má vontade agora... uma desconfiança de mau agouro. Não sei explicar isto.

—Não o sabes, Ramon, nem é preciso que o saibas. Este casamento, que tu desejas, é necessario. Tudo que se tem passado se pode descobrir um dia, e ficaríamos perdidos se não estivéssemos alliados a uma familia poderosa, influente, rica e estimada. Os Calaveras y Cursi estão n'este caso... Verdade é que o general não passa de um filho de frade, mas hoje é general. D. Saturnina é filha de uma freira, mas o pae, o Principe da Paz deixou-lhe a casa dos Mareos, que é grande, e deixou-lhe o prestigio de princeza... Os homens, Ramon, não valem o que valem, mas o que vale o nevoeiro, luminoso ou obscuro, de que a opinião os envolve. O nevoeiro da casa de los Mareos é brilhante e precisamos de nos esconder n'elle. Escuta—proseguiu a Maruja—este é o quarto

onde ha de dormir Carmen... Fica longe de todos—e apontava para uma janella que dava sobre o terrado ao lado da sala—Por este lado do terrado é facil descer para o campo...

Algumas palavras, em voz baixa, terminaram as infernaes instrucções da Maruja ao filho. Este fez nova exclamação de horror e indignação: por fim, os dois pareceram intender-se e se afastaram, entrando juntos na sala.

—Prepara-se aqui um grande crime, que devemos evitar—disse-me ancioso o antiquario.

—Devemos e assim será—respondi eu.

—Em todos estando recolhidos, voltaremos para este mesmo logar... mas armados—acudiu, energicamente, D. Facundo.

—Voltaremos—afirmei.

—Vejamos onde estão os dois homens, que vimos ha pouco, nas rochas do Borgado.

A noite havia-se tornado muito escura, mas os nossos olhos já estavam costumados ás trevas e, com esforço, podemos descobrir dois vultos que caminhavam lentamente ao longo da estreita praia e se encaminhavam para um ingreme carreiro que, nós sabiamos, trepava, a poucos passos de distancia, da praia á planura onde se erguia a casa de Montemar.

XXIX

Tragedia

Reinava profundo silencio na casa dos Montemar quando voltamos, eu e o antiquario, ao terrado; o que podémos conseguir sem o meuor ruido, por terem ficado abertas as janellas da sala.

Estavamos, havia pouco, escondidos no nosso mal seguro esconderijo, armados de rewolveres e de ouvido attento, quando vimos apparecer a velha Maruja, com uma grande lanterna na mão, seguida pelo filho.

A luz dava em cheio no rosto de D. Ramon e punha bem patente a expressão bestialmente sensual, que lhe dava apparencia repugnante. Como fera, domada por poder mais forte, D. Ramon dobrava a cerviz ao jugo materno com humildade mal segura e ferocidade reconcentrada.

—Agora ahi tens o que desejas — disse a Maruja — o resto depende de ti.

D. Ramon respondeu apenas com um rugido inarticulado de besta fera, que agarra, alegre, a cubiçada presa.

—Ainda podes perder tudo com a tua . . . violencia desatinada—disse a mãe.

—Oh!—respondeu o filho.

—Sempre fostes um . . . bruto. Não o sejas agora; ou finge que o não és.

Pondo então a lanterna ao canto da parede, sobre o alegrete, empurrou docemente a janella cerrada que dava para o quarto de Carmen, dizendo:—Vae . . . e que Deus te ajude, filho.

D. Ramon entrou cautelosamente no quarto, como lobo no redil, em busca da victima innocente.

D. Facundo e eu armamos, simultaneamente os revólveres e iamos a dar um passo para seguir D. Ramon, quando vimos apparecer por cima do parapeito do terraço a figura de um velho, magro, com longos cabellos e barbas brancas de prata, rasgadas as roupas como as de um mendigo, olhos que pareciam lançar luz sobrenatural; na mão uma longa navalha catalã. Estacamos ambos levados de indisivel espanto.

A Maruja que vio ao mesmo tempo que nós a terrivel visão, deu um agudo grito de terror.

Quasi ao mesmo tempo que D. João de Montemar saltava no terrado saltou tambem Manuel o ousado e vigoroso pastor de Arafo.

Ao grito aterrado da Maruja respondeu outro grito afficto de Carmen. Ouvindo a voz da filha do general, Manuel lançou-se com violencia no quarto, dando na Maruja um empurrão que a fez cair quasi inerte aos pés de D. João.

Tudo isto se passou n'alguns segundos.

Instantes depois saiu do quarto, fugindo, a formosa Carmen quasi nua, rasgada a camisa, soltos os cabellos, perdida a voz, suffocada de medo, de angustia. Sem perder o sentimento instinctivo da candida pudicicia, a *flor silvestre* buscava cubrir-se com a camisa e os cabellos e occultar-se nas sombras da noite. Assim veio cair nos braços do antiquario, que a confortou em voz baixa e a escondeu cautelosamente atraz dos arbustos que até então nos haviam servido de abrigo.

Enlaçados um no outro, cobertos de sangue que saia em borbotões de larga ferida aberta no peito de D. Ramon, este e Manuel vieram cair, aos pés de D. João de Montemar, junto á Maruja a qual agonisava, traspassado o peito pelo golpe que lhe vibrara o irado velho.

Os dois potentes luctadores de Guimar proseguiram ali

a lucta de implacavel odio travado n'uma festa e que vinha concluir-se em horrivel tragedia. D. Ramon fazia esforços para deter o braço armado do vigoroso pastor, ao tempo que buscava apontar o reвольver que tinha na mão direita á cabeça do seu adversario; este desviava o golpe. Com a perda do sangue, o filho da Maruja ia perdendo as forças, mas conservava sobre Manuel a superioridade que lhe dera a victoria na lucta de Guimar. O instante era supremo. O menor desfalecimento era a morte inevitavel. Não era porém a idea da morte que os preocupava; mas a idea da vingança que dava a um e outro forças sobre-humanas.

D. João de Montemar, que parecia deliciar se contemplando a agonia da Maruja, voltou por fim os olhos para os dois gladiadores que se lhe debatiam aos pés. A face de espectro do velho Montemar tornou-se mais livida ainda e como illuminada pelo odio e pela vingança.

A lucta proseguia feroz, implacavel. Um supremo esforço desembaraçou o braço de D. Ramon, que se baixou repentinamente e apoiou o cano do reвольver na frente de Manuel.

Um instante e o tiro partia. A pavorosa scena ia acabar pela morte do pastor, ou talvez pela morte de ambos.

D. João viu o perigo. Movimento vigoroso e rapido,

que se não podia esperar de corpo tão alquebrado e abatido pelos annos e pelos padecimentos, veio pôr termo á angustia de todos nós. Arrancando a faca do peito da Maruja, o velho Montemar vibrou um golpe tal na nuca de D. Ramon que este caiu subitamente, como massa inerte sobre o seu adversario, sem descarregar a arma homicida.

Por entre as sombras da morte a Maruja pareceu intrever esta pavorosa tragedia ; fez inutil esforço para levantar-se e n'esse esforço exalou o ultimo suspiro quasi ao mesmo tempo que o seu cumplice.

Todos os hospedes da casa de Montemar tinham corrido ao terrado e assistido a esta dolorosa scena. A pobre Carmen transida de frio e medo foi esconder-se nos braços trémulos da mãe. O Serapião assistiu aos agonisantes com orações que elles já não ouviam e, ainda menos, mereciam. Eu e D. Facundo soccorremos a D. João de Montemar o qual, depois d'aquelle esforço supremo e da agitação de tantas e tão violentas paixões, perdêra os sentidos e parecia que ia expirar ao lado das suas victimas.

Só, passadas algumas horas de cuidados, dirigidos pela sollicitude medica do dr. Wearisome, é que D. João tornou a si.



XXX

Reconhecimento á hora da morte

—Que é? . . . Onde estou?—exclamou D. João de Montemar ao voltar a si.

—Descance. Não se afflija, meu velho amigo . . . cumpriu-se a vontade de Deus—acudiu D. Facundo, que fôra o mais sollicito em soccorrer o velho moribundo.

—Não sei . . . Estranho tudo quanto me cerca. Não estou já costumado a vêr luz . . . faz-me mal . . . cega-me.

Cerrada a janella do quarto, D. João começou a recobrar os sentidos entorpecidos e a distinguir os objectos e as pessoas.

—Vejo em roda de mim . . . amigos . . . que ha muitos annos não via . . . E elles?!—exclamou com sobresalto; contrahido o livido rosto, espantados os olhos, com esgarres de loucura.—Elles não vem? . . . A Maruja e Ramon não virão aqui?!

—Não vem . . . não pódem vir—disse o general Calavera.

—Deus se amercie das suas almas—acudiu com compunção o pobre cura.

—Vejo a Maruja e o filho como em nuvem de sangue! —exclamou o louco espavorido.—Vem para me matar e me roubarem o diamante e o meu testamento... escondido na medonha cova... Ai! Acudam-me, acudam-me!...

E caiu na cama, de que buscava levantar-se, perdidos de novo os sentidos.

Quando tornou a si estava mais tranquillo; o nariz, porém, tornára-se afilado; os olhos cavos e sem brilho, a côr livida, a bôca, semi-aberta, exalava respiração rápida e estortorosa; a voz era abafada; as palavras inarticuladas.

—Já as enterraram?—perguntou elle ao cura.—Não sou criminoso. Elles queriam-me matar e roubar.

Depois de uma pausa, D. João proseguio:

—Não me accusem... sem me ouvir, a Maruja não era minha mulher... Ramon não era meu filho... Foi a Maruja que me separou... dos meus... A Anna é quem é minha mulher... Manuel... o meu filho...

—Que diz?... Falle... Diga-nos a verdade—interrompeu D. Facundo, agarrando-lhe a mão que se estendia sobre o lençol e se contrahia em sobresaltos automaticos, como se buscasse alguma cousa.

Manuel que se conservara affastado, no fundo do quarto, ao ouvir estas palavras acercou-se da cama, ajoelhou e beijou a outra mão do moribundo, com humildade, com resignação mas sem alvoroço interesseiro.

D. João vio o movimento e sentiu o beijo do pastor de Arafo. Os olhos retomaram-lhe um leve fulgor, que promptamente se esvaeceu.

—Foste tu filho que me salvaste... de morrer abandonado... ás mãos dos assassinos... sem cumprir o meu dever... A consciencia pesava-me... e Deus... nunca me perdoaria.

Descançou um pouco, depois proseguiu, passando a mão tremula, com gesto incerto, pela cabeça do pastor da serra.

—Vae, Manuel... filho. Vae abaixo... ao subterraneo... No fundo, da direita... ha uma pedra branca... levanta a pedra e... n'uma cova... e por baixo... esta uma caixa... Ali acharão tudo... a verdade... toda... Perdoae-nos.

Cançado d'este longo esforço, D. João perdeu, de novo e para sempre os sentidos.



XXXI

Notas

A caixa continha papeis escriptos, em parte a lapis, com mão tremula e incerta; por vezes, quasi inteiramente apagados os caracteres. Além d'isso havia ali, cuidadosamente guardado n'uma segunda caixa um manuscrito em lettra antiga, apagado pelo tempo e a humidade em muitos logares, carcomido o escurecido papel.

Escutamos attentos a leitura que fez dos papeis soltos, parte escriptos a lapis, o antiquario, o qual affirmava conhecer a lettra de D. João. A veiha Anna de Arafo, que o filho fora buscar para assistir ao enterro de D. João de Montemar confirmou o dito de D. Facundo.

.....

20 de Sept. de 18...

«Montem Anna mostrou-me, com orgulho a sua linda Pepita.

Essa formosa rapariga! Alta, esbelta, graciosa... cabellos negros de azeviche, caindo em crespos anneis sobre a fronte e as faces de um branco dourado pelo sol... olhos grandes e brilhantes, como diamantes, com reflexos azulados... boca encantadora, pequena, que parecia dizer, sem descerrar-se, todos os segredos da paixão, todas as maravilhas da mulher... Um seio que se deixava advinhar por entre as dobras do lenço descuidoso; saia curta que punha a descoberto as pernas finas e nervosas e os pés brancos que sustinham, por milagre de equilibrio, umas chinelasinhas de cordovão azul.

«Senti, ao ver a linda Caralampia, que a minha alma se me ia toda para ella, como levada por poder sobrenatural. Anna viu o que em mim se passava, a impressão que me causara a bella Maruja, e resolveu fazel-a entrar sem demora, no convento de S. Clara de Orotava.

«Raiva feroz me subiu á cabeça. Tive força para me calar.

«Irei buscar ao convento a bella Maruja. Anna affastal-a-ha de mim.

«E Manoel... nosso filho?

«Isso não importa?

10 de outubro 18...

«Entrei já no convento.

«Antes de partir, a gentil Maruja acolheu a ardente confissão do amor que lhe consagro

.....

«Uma creança apenas, creada na praia entre redes de pescadores, Caralampia tem todas as delicadesas da alma, todas as finuras de espirito, de uma fidalga creada entre flores e adorada por cavalheiros da cõrte. Esta encantadora creança advinha tudo. A sua voz vibrante disse-me palavras que me enlouqueceram.

«Aquella alma delicada sente já os duros espinhos do ciume. É porque corresponde ao carinho que lhe tenho.

«Para lhe dar animo disse-lhe que me ia separar de Anna e me casaria com ella depois.

«Pobre Anna ! Mal sabe ella que a sua protegida quebrou os laços que nos uniam.

23 de outubro 18...

«Humilde, sem energia, dominado pelo amor...

«Devo reconhecê-lo. Sou um perverso, um escravo das paixões ruins.

«Ella, a desgraçada Anna, que tudo sacrificou, foi-se sem uma queixa e prometeu não voltar mais.

«Ao partir, abandonada, com o filho nos braços, disse-me apenas:

«—Lembra-te, D. João, que temos um filho e que o abandonas, a elle e a tua mulher.

«Minha mulher! Quem saberá nunca d'esse casamento secreto realiado, de noite, na Laguna.

«Só assim pude vencer os escrupulos de Anna.

«Se um dia ella tirasse dos registros da egreja dos Remedios certidão de casamento? Ficava perdido, era...

«Não era.

8 de dezembro 18...

«Seria uma felicidade ou uma desgraça?

«Por emquanto, uma desgraça.

«Todas as noites, pelos telhados, entrava no convento das freiras de St.^a Clara. Agora conheço bem a formosa Caralampia. É um milagre de talento, de viva alegria e de belleza. Horas felizes as que passei ao pé d'ella na estreita cela do convento.

«Um voraz incendio veio cortar esta vida delirante de felicidade. E fui eu, a causa d'este incendio calamitoso.

«Todas as freiras se salvaram.

«Na hora do perigo não faltaram dentro do convento, cavalheiros heroicos e dedicados. D'onde vieram?

«Eu fui um dos primeiros...

22 de dezembro 18...

«Estão em plena revolução. E, a mais energica, a mais eloquente, a mais ousada do convento é a Maruja.

«Por vezes tenho-lhe medo!

«Essa differença entre ella e Anna! Pobre Anna, onde estará escondida?

«A Maruja falla-me n'ella muitas vezes para me recomendar que a não veja, que a não busque.

«Essa formosa Caralampia quer-me tanto, que os ciumes a tornam perversa. Ella tão boa sempre! Se eu tornar a pensar na Anna, diz-me ella, abandonar-me-ha, não quererá ver-me nunca mais.

«Que mal lhe faria a Anna?

«São ciumes... n'uma alma de fogo.

20 de janeiro 18...

«As freiras tomaram de assalto o convento dos frades,

e foi a bella Maruja quem dirigiu o combate, quem preparou a conspiração.

«Bem merece que a admirem, que a amem, que tudo lhe sacrifiquem.

«Eu sacrifiquei-lhe a pobre Anna e o filho. Mas isso não moderou o odio implacavel que a Maruja tem á sua antiga protectora. É o amor que a cega. É tão boa, tão encantadora a formosa Caralampia!

«A paixão tudo póde!

10 de fevereiro 18. . .

«Os meus desejos estão satisfeitos. Por mim deixou tudo, a Maruja. Abandonou o convento, abandonou tudo para buscar um asylo nos meus braços.

«Mostrei-lhe o meu thesouro; aquelle diamante sem egual que meu pae me deixou. Ella admirou-o, mas não se mostrou cubiçosa. Generosa Caralampia! A mim é que ella ama. . .

«Não. Pobre Maruja! Aquella alma pura adora tambem um orphão a quem protege. . . com carinho maternal.* Somente deseja dar-me o seu coração, o seu amor, se adoptarmos como filho o pequeno Ramon.

«Far-lhe-hei a vontade.

5 de setembro 18...

«Foram vãos os meus esforços para alcançar dispensa de Roma. Não poderei casar-me com a bella Maruja. Para lhe calar os escrúpulos, é preciso simular um casamento.

«Vou ser inteiramente feliz!...

.....
«É singular! Caprichos de mulher!

«Antes de nos casarmos, a Maruja quiz ver o famoso diamante!

«Para que?

.....
«Mal sabe ella que a enganei !

«Um ao outro nos enganamos, talvez!

.....
«A Maruja quiz que juntos reconhecessemos Ramon, como filho de ambos.

«Ella, tão escrupulosa sempre, não tem duvida em arriscar a sua reputação para fazer... bem a um estranho.

«Porque consenti eu em tal...

«Loucura!...

.....

«Que importa? Tudo isto é uma comedia...

.....
«Mas o sacrificio de Anna e do filho não é comedia...
é um crime....

Maio 18...

«Passaram-se os annos e, com elles, esvaeceram-se as minhas illusões. A Maruja não tem mais do que voraz cubiça que a consome. O filho d'ella a quem deixei usurpar o logar, que pertencia ao meu filho Manuel, é mau, tem instinctos ferozes e nunca será digno do affecto que eu lhe tive antes de me desenganar.

«Diz que escondi no subterraneo a caixa com o diamante de Ceilão, sempre andam, a mãe e o filho, a espreitar tudo, a buscar por todos os cantos.

«Bem vejo que, de dia para dia, cresce o odio que me têm.

.....
«Eu não podia deixar de esconder o meu thesouro!

«Uma noite roubaram-me o ouro que tinha na gaveta, apesar de bem fechado e, como eu descobri o roubo e escondi o diamante, começou a crescer o odio que me tinham e que mal disfarçavam para me enganar.

.....
«Esta noite, quando me julgavam adormecido, revolve-ram tudo, para ver se descobriam na roupa, no quarto, na cama, onde teria escondido o diamante.

«Ramon trazia uma faca na mão e, mais de uma vez a mãe lhe deteve o braço homicida. Era a cubiça que a fazia ter sentimentos de humanidade.

«—Não—disse ella—Não. Se elle morresse perder-se-hia a esperança de encontrar o diamante.

«—E que tem?

«—Não tens idéia, Ramon, do que é aquelle diamante! É um olho do diaho, onde brilham as chamas do inferno. Dês que o vi, fiquei como louca.

«Cançados de buscar e receiosos de me acordarem, os dois fugiram.

«—Tu o pagarás, maldito velho!—Exclamou a Maruja, por fim, com gesto violento de ameaça.

.....

Janeiro 18...

«Já sei onde está a minha pobre Anna.

«Escondida em Arafo. Eu que a arranquei de casa

dos paes, onde era feliz, para depois a abandonar... a ella e a um filho!

«Mereci bem o castigo que o ceo me deu. Fui um miseravel... Sou um grande peccador.

.....

«Hontem fui até Arafo e vi-a. Pobre mulher? Vi tambem o Manoel, o meu pobre filho, com outros pastores das Canhadas... Se elle me perdoará...

.....

«É preciso muita prudencia, muita cautella. Se elles sabem que procurei a Anna e o filho, farão tudo para se desfazerem de mim... ou d'elles.

A Maruja sabe já que não é minha mulher; que a enganei com um casamento simulado... Eu sei tambem que ella me enganou... que Ramon é filho d'ella e não um protegido, como me disse.

«Já não ha segredos para nós. É lucta de morte entre ambos.

.....

«O que me salva é o segredo do diamante, que tanto cubiçam. Querem arrancar-me o segredo para me matar depois. Mas não o saberão nunca... nunca...

«Vou entregar ao Manuel o precioso thesouro. Ficará rico, poderoso como um rei... Para quê? Saberá o po-

bre pastor dar valor a tão bello diamante?... E eu terei animo para me separar d'elle?...

«Não... Mais tarde... muito mais tarde...

Fevereiro 18...

«Fui outra vez a Arafo para ver a Anna e o filho.

«A pobre Anna, que era tão formosa, está como uma velha, alquebrada... um cadaver...

«E chamam-lhe a bruxa. Ao filho, ao meu guapo Manuel, chamam-lhe o lobishomem, que anda de noite perdido pela serra... É mentira... É mentira, de certo.

«Conta-se que uma d'estas noites, elle e Ramon se encontraram na serra e brigaram. Manuel escapou da morte graças á ligeiresa com que se precipitou pelas rochas...

.....
«Fui seguido.

«A Maruja veio-me ao encontro.

«—Andas em busca da Anna e do filho. Esqueces que estamos casados e que eu me não deixo roubar do que é meu.

«Exasperado, respondi-lhe:

«—O que é teu? . . . Bem sabes que a minha mulher legitima é a Anna, e o meu filho o Manuel.

«—Mentes—clamou—A tua mulher sou eu. Tudo que está aqui é meu e de Ramon teu filho.

«Tinham-se levantado n'esta mulher todos os instinctos violentos da pescadeira do Porto. Fazia horror o vel-a, espumando de raiva e gritando, em voz rouca e estridente, como de gaivota no mar em dia de temporal...

«—Bem sabes a' verdade, Caralampia—respondi—Ila provas. . . Enganei-te como tu me enganaste.

«—Enganaste-me, bem o sei. Mas o teu crime, ninguem o saberá. Juro-t'ó.

Fevereiro 18. . .

«Lançaram-me n'este subterraneo tenebroso, onde acabarei a vida só e abandonado.

«Quando me viram descuidado agarraram-me, e arrastaram-me quasi morto para aqui.

«Felizmente é aqui que tenho escondida a caixa com o meu thesouro. Não o encontrarão, os malditos e o segredo acabará comigo.

«A Maruja disse-me, ao deixar-me n'este antro fune-

bre e frio—Se queres a liberdade diz-me onde tens o diamante.

«Mentia.

Setembro 18...

«Sinto-me tranzido de frio. A luz entra apenas por uma fenda estreita, aberta na rocha. É uma luz tenue e pallida, que os meus olhos mal percebiam a principio. Agora, que passaram os mezes, aquella claridade basta-me. Vejo-a e deixa-me ver... o meu maravilhoso diamante, que é a minha unica alegria.

«O ruido da agua em Gordiguela, despenhando-se noite e dia, acompanha esta solidão. Mas a agua, que mareja da rocha, cae gota a gota sobre mim e engrossa o ar de pesada humidade, que me penetra até aos ossos doloridos.

.....
«Diamante esplendido! Thesouro inestimavel que vale um imperio!... Tens sido esperanza vã de muitas gerações... sel-o-has mais uma vez. Morrerei eu contigo; nas trevas d'esta caverna.

.....
«Que ruido é este que sinto?

«É gente?...

«Uma esperanza...

Outubro 18. . .

«Cresce em volta de mim a tempestade.

«Tempestade de odio, soprado pela cubiça brutal da mãe e pela feroz maldade do filho.

«—Onde escondeste o diamante, que me mostraste antes de nos casarmos? — perguntou-me a Maruja coletrica.

«—Onde o não poderás encontrar—respondi.

«—E se morreres amanhã—disse ella—perder-se-hia. Julgas que o pódes levar para o outro mundo?

«—Talvez. Ao menos se o não posso levar, não saciará a sórdida cubiça dos meus inimigos.

«Querem roubar a minha pedra preciosa, a minha alegria, a historia intima da minha vida e da dos meus antepassados. Ja a não posso admirar, adorar, se não ás escondidas n'uma cova sem luz.

Novembro 18. . .

«Dia e noite é constante o perigo.

«Só o cuidado com que escondo o meu segredo me salva a vida. Se não fosse a esperanza de descobrirem o cubicado thesouro matar-me-hiam.

Setembro 18...

«Uma esperança!

«Esperança de liberdade e de vingança.

«E' extraordinario! Meu filho... meu proprio filho é quem me vae salvar.

«A providencia de Deus é grande!

«O ruido que havia pouco, eu estava ouvindo por entre o estrondo da cataracta, era o signal da liberdade.

«Quem é? Quem está ahi?—perguntei.

«—Senti gemer— me respondeu uma voz, que me pareceu conhecer—Que tem? De que lhe posso servir?

«Expliquei-lhe tudo, então. Descrevi-lhe o meu estado. O perigo em que estou.

«Elle prometteu salvar-me. Disse-me que o acaso o levava ali á caverna para onde deita a fresta d'este carcere. Vinha em busca de memorias guanches e achou esta triste memoria... viva!

«Já começou a trabalhar para abrir-me caminho para a liberdade.

«E que perigos corre, o meu pobre Manuel, para baixar ao precipicio e vir em meu soccorro!

«Não sabe quem eu sou, não sabe que sou seu pae. Nada lhe prometti...

«A liberdade e a vida não me custarão o sacrificio do meu thesouro!

A Maruja e o filho não alcançarão o que tanto ambicionam!

«Vou escapar-me das mãos d'esses malvados!

Março 18...

«O trahalho caminha lentamente, porque é preciso não levantar desconfianças e a rocha é clara.

«A' medida que o trahalho prosegue, as minhas forças vão-se esvaecendo.

«Terei eu vida para chegar a ver a liberdade, para apertar nos braços o meu bom libertador, para pedir a Anna perdão dos meus crimes?

«A voz da consciencia falla alto em mim, faz-me perder o somno e, com elle, as forças e a vida.

.....
«Esta noite tive um sonho pavoroso... e bello.

«Estava cego de raiva. Ardia-me na alma o fogo devorante da vingança. Golpes vibrados com mão irada faziam cahir-me aos pés os meus inimigos agonisantes. A Maruja maldita expirava, quando Ramon se debatia prostrado com o extertor da morte. Em nuvem de sangue

que me empanava os olhos, surgia pura a imagem de um anjo... A minha alma atribulada sentiu alivio sobrenatural, Anna e Manuel estavam de joelhos aos pés do anjo, que os cobria com suas brancas azas... Entre harmonias celestes, aos reflexos da luz divina, senti apagar-se-me a vida e entrei, para toda a eternidade, no abysmo insondavel do tempo e do silencio.

«Os golpes surdos do incançavel Manuel na rocha, acordaram-me de suhito.

.....
«Elle diz-me que n'algumas semanas me poderá livrar d'este martyrio.

Março 25...

«A' medida que progride o trabalho de Manuel, sinto crescer em mim o vigor e a energia: o amor da liberdade cresce tambem dês que a vejo vir a mim, trazida pelas mãos energicas de meu filho.

«Deus permitta que eu chegue a ver-me nos braços heroicos de Manuel e a alcançar o perdão de Anna; pobre, abandonada, que sacrifiquei ás minhas paixões!

«É singular!

«Por vezes não desejo ver-me fóra d'este carcere tenebroso. Queria que me deixassem morrer aqui... Mor-

ria com o meu diamante... Meu, todo... e que ninguém acharia depois...

.....

«Esta avareza é um crime? Será. Mas eu tenho um tal amor ao meu thesouro que, por estar, por toda a eternidade, a guardal-o e admiral-o, daria a vida n'este mundo e a alma no outro.

«Não posso com a idéa de que outros o hão de possuir.

«Não pode ser. Não pode...

«Ha de ser sempre meu.

«A Maruja e o filho julgaram que, pelo medo da morte, me arrancariam o segredo.

«Loucos! Espiritos fracos! Não podem comprehender a energia de um homem, que tem na mão uma das maiores riquezas do mundo.

Abril 18 . . .

«Nunca esquecerei aquella hora. Estavamos sós, eu e minha mãe, no velho palacio, solar de meu pae, nas faldas da serra do Gerez. Era noite. Pancadas, secas e repetidas, no portão da quinta, sobresaltaram todos em casa, com receio de que fosse alguma partida de francezes, que os azares da guerra trouxesse aquella paragem deserta.

«Minha mãe mandou creados armados a ver quem era.

«Pouco depois, sentimos um tropel de passos pelos corredores e vimos entrar na sala uma padiola, em que jazia meu pae, gravemente ferido, quasi moribundo.

«Eu, quasi, que não conhecia meu pae e fiquei sobresaltado ao ver aquelle velho pallido, cabellos e barba branca em desordem, expressão lugubre, da morte, nas faces, olhos baços e mortiços, mão tremula e branca estendida para mim, a dizer-me entre gemidos mal contidos:

«—Filho, é a ultima vez que te vejo. Morro pela patria. . . Vou confiar-te um segredo e um thesouro.

«Dando-me então por um supremo esforço, uma caixa de ébano, proseguiu :

«—Confio-te esta caixa, João. N'ella encontrarás um thesouro inapreciavel, um diamante prodigioso. Um de teus avós obteve-o ha quasi tres seculos. Ajudou já a salvar a liberdade da patria e tem sido conservado depois, de geração em geração, sempre em familia, sendo a esperanza de todos. . . E' um thesouro e uma reliquia de familia. . . Guarda este thesouro, filho, e não o confies a ninguem, senão aos teus legitimos herdeiros.

«A ninguem confiarei este diamante que meu pae me

legou. O meu legitimo successor é o filho da Anna, é Manuel. E elle será capaz de avaliar o legado que lhe confio? Pobre e rude pastor!

«N'esta perplexidade, que hei de resolver?

«D'aqui a dias estarei livre e não serão os meus crueis inimigos que poderão roubar-me o meu thesouro.

«Entregal-o hei a quem?

«O melhor é escondel-o no fundo do mar. Ninguem mais o possuirá e morro descansado por haver cumprido a ultima vontade de meu pae.

Junho 18...

«Todos os dias ouço os golpes dados na rocha por Manuel. A obra caminha lentamente apesar da energia do meu pobre filho.

«Quando chegará a liberdade?

«Espero-a e tenho medo d'ella.

«Sinto-me tão debil, tão quebrado que poucos dias de vida posso ainda ter. E, antes de morrer, hei de separar-me do meu thesouro.

«A' medida que o trabalho progride, a Maruja e o filho procuram adivinhar o que se passa e mostram-se mais crueis, mais exigentes.

«Receio que me matem um dia! Felizmente não sus-

peitam que o diamante está escondido n'este subterraneo. Tem procurado tudo, mas eu soube illudil-os sempre, e nada encontrarão.

«Este segredo é que me tem salvado a vida.

Junho 18...

«Ha dois dias que não ouço trabalhar o Manuel.

«Que será? Descobririam o que elle vem fazer á cova? Matal-o-hiam?

«São capazes d'isso.

«Aquelle ruido surdo da picareta a bater na rocha é para mim uma doce melodia. E' a voz da esperanza a prometter a liberdade. Um pallido sentimento de esperanza que illuminou esta alma entorpecida.

«Julgava que já não havia em mim a faculdade de amar... e amo.

«Amo o meu filho querido, aquelle mesmo que sacrificuei a uma paixão louca.

«Dei por tantos annos o nome de filho a um extranho, fructo vil de uma traição e de um engano...

«Ai! Mereço bem o castigo que a providencia me inflige. O amante de uma freira sacrilega, o pae que abandona o proprio filho para cubrir com o seu nome o filho

da mulher que o enganou, esse homem abjecto que não teve nunca senão uma paixão verdadeira . . . a cubiça das riquezas, a avareza de possuir e guardar um thesouro, esse homem, que ainda agora não vive senão d'essa paixão, merece que o ceu o castigue. . . que lhe tire um filho unico na hora em que este lhe ia dar a liberdade.

.....

«Manuel morreu. . . mataram-n'o de certo. Elle não me abandonava, depois de me dar taes esperanças. Mataram-n'o. Descobriram o que elle fazia e despenharam-n'o da rocha de Gordejuela.

«Era facil a um homem forte como é Ramon.

Julho 18...

«Despertou-me hoje, como harmonia divina, o ruido da picareta na rocha. Manuel voltou. Foi vencido na lucta em Guimar, pelo filho da Maruja. Ramon é mais forte do que elle: já o suppunha.

«Pobre Manuel! Esteve a ponto de morrer. Foi Anna, foi a mãe quem o salvou.

«Elle, ainda hoje, me repetiu que poucos dias faltam para me ver livre.

«Coragem! Preciso ter energia para supportar a vida,

longe d'esta longa angustia, a que me julgam condemnado até ao fim da vida.

«É preciso dispor-me para a fuga, que se preparou. Chega a hora de tomar uma resolução.

«Ai! Tenho que separar-me do meu companheiro de tantos annos, do formoso diamante, para que não venha a cair em mãos cobiçosas. Não posso estar seguro senão pondo-o, onde não possam chegar as pesquisas dos meus inimigos. Só elles sabem da sua existencia, só elles podem tentar roubar-m'o.

«Entre o precioso thesouro e a mão que o cubiça, porei a mobilidade ruidosa das ondas e o silencio insondavel da morte.

«Morrerei descançado se morrer livre e com o meu segredo.

Julho 18...

«A Maruja e o filho tem o vago presentimento de que lhe vai escapar a sua victima.

«Pensei que ia morrer ás mãos do implacavel Ramon. Elle julgava commetter um parricidio; não tem, porém, consciencia para comprehender a enormidade do crime. Mais uma vez foi uma ruim paixão quem deteve o braço

que ia commetter um pavoroso crime. A avareza levou a Maruja a deter o braço do filho. Salvou-me da morte o meu segredo.

«N'aquella hora angustiosa pareceu-me ouvir ruido na cova de Gordejuela. Tremi pela vida de Manuel e por ver perdidas para sempre as esperanças da liberdade.

«Felizmente o ruido acabou. Não era nada. Os malvados foram-se sem desconfiança do que se prepara.

Agosto 18...

«Com mais energia do que nunca trabalhou hoje Manuel na demolição de que depende a minha vida e a minha liberdade. D'aqui a algumas horas estarei fóra d'este carcere maldito.

«Terei ar, luz, liberdade!

«Mas sinto que a minha vida não poderá ir longe. Custa-me já a escrever. Sinto-me desfallecer. Falta-me animo até para ter esperança.

«Apressa-te, Manuel. Coragem, filho, senão encontrarás um cadaver.

Agosto 18...

«Estão-se a derrocar os ultimos penedos que me deteem aqui, já vejo a luz.

«Apparece-me a figura esbelta e energica de meu filho. É bello assim, o Mauuel.

«Deus te proteja e te abençoe, filho.

.....

«Foge-me a vista dos olhos.

«A liberdade chegou.

.....

XXXII

Catastrophe

O pastor escutára, com as lagrimas nos olhos, a leitura d'aquellas paginas incoherentes, onde D. João de Montemar lançára, com mão tremula e incerta, a expressão acerba das suas ultimas paixões e das suas cruciantes angustias.

O singelo espirito de Manuel ficou indifferente ao ouvir as phrases de respeito pelos antepassados, com as quaes Montemar buscára esconder a sordida avareza.

A pobre Anna, tão innocente como o filho, tambem se não escandalizou do que havia de ignobil e vil na depravada vida d'aquelle que ella tanto amara e que a abandonou na miseria e na fome.

—Pobre Montemar!—exclamou ella com magoa sincera—Tão perseguido, tão atormentado por aquelles a quem tudo sacrificou! Ai Manuel! Deus te ha de pagar o que fizeste por teu pae!

—Não pude salvá-lo a tempo—respondeu o rude pastor—Que Deus me perdoe.

Depois de mais algumas exclamações da velha Anna e do filho, exclamações em que transpareciam as virtudes singellas d'aquellas almas comedidas, a formosa Carmen, vivamente interessada pelos seus antigos protegidos, admirando a abnegação e desinteresse com que elles pareciam não comprehender a sua inseperada mudança de situação, acercava-se da velha dizendo-lhe:

—Animo, minha boa Anna. É tempo de cuidar em si, que está doente e... velha. Esta casa tem ar e tem luz; é desafogada e tem tudo que lhe pode ser necessario para viver sem cuidados...

—Esta casa!?...—exclamou, como surprehendida a velha Anna.

—Esta casa é sua e de seu filho—acudiu o general.

—Eu me encarrego de facilitar a prompta resolução d'este negocio—disse, com interesse, D. Facundo—É facil. D. João de Montemar não tem outros herdeiros senão sua mulher e seu filho.

Lady Fly, que parecia muito interessada pelo que via, acercou-se do antiquario e disse-lhe:

—Não lhe parece, sr. D. Facundo, que seria util a

esta pobre gente buscar o diamante perdido, de que falla o manuscripto de D. João?

— Tem rasão, Mylady—respondeu Primigenius—vamos a ver se pode descobrir-se onde esta o diamante que foi a causa de tantos tormentos para Montemar.

E, voltando-se para o pastor de Arafo, disse-lhe:

—Conta-nos, Manuel, o que se passou depois que entraste no subterraneo.

—O sr. D. João estava como morto, estendido no chão—respondeu Manoel—O tempourgia: era quasi noite, ás escuras, não podia descer a rocha de Gordejuela, sobre tudo levando um homem ás costas. Trouxe-o para fóra, para a caverna e, com o ar tornou a si, mas sem forças e quasi sem alento. Antes de me lançar pelo precipicio abaixo, deitei mão a uma corda que havia, por precaução, prendido a um arbusto. Ao primeiro impulso, a corda ficou-me nas mãos. Como eu a tinha prendido com segurança, conheci logo que alguém havia cortado o nó. A' cautela atei-a de novo, de modo que ficasse bem firme, a uma arvore que sahia de uma fenda da rocha á beira da cova de Gordejuela. Quando vi que tudo estava seguro, tomei o sr. de Montemar nos hombros e impreehendi a perigosa descida. A cada momento me parecia que ia perder pé. Nunca em minha vi-

da, tive terror parecido com aquelle! Parecia-me que ia eu ser a causa da morte de um homem que me chamou seu filho e a quem tomei carinho quando trabalhava por salvá-lo.

—Mas, por fim, salvastel-o—disse D. Saturnina.

—Salvei, minha senhora. . . mas foi difficil e mais de uma vez julguei que iam os cahir ambos.

—Eu vi-te na praia quando lá chegaste—observou o antiquario.

—Quando chegámos á praia, a maré vasava; mas as ondas eram bravas. . . podiam ver-nos e pareceu-me mais seguro passar para uma das rochas do Borgado, onde nos podiamos esconder e que ficava perto. Quando cheguei ali ia muito cançado, e o velho, molhado e frio, parecia um cadaver. Felizmente ao pé do Burgado havia estreita praia d'areia, que as ondas não cobriam. Depositei ali D. João e esperei que fosse noite escura de todo. . . Era noite fechada e a maré que principiava a encher cobriria dentro em pouco a praia e tornaria impossivel que ficassemos ali por mais tempo.

—Já o havia tomado nos braços e entrado no mar, agitado e revoltado—proseguiu Manuel de Arafo—quando o sr. de Montemar me deteve. Tirando do seio uma pedra que dava luz como uma grande estrella, pôl-a então

com mão tremula, n'uma covinha da rocha junto do mar.

—Manuel, vê bem onde ponho este diamante. E' um thesouro de que depende a minha... e a tua fortuna... Se eu viver vil-o-hemos buscar juntos; se eu morrer guarda-o como um legado meu... e uma recordação de familia.

Partimos... e, chegámos, bem sabem o que succedeu —concluiu o pastor.

—E' preciso cumprir a vontade de Montemar e ir buscar o famoso diamante—disse o antiquario.

—Vae, filho — interrompeu Anna — Guardaremos o diamante como uma recordação de familia, uma lembrança de teu pobre pae, que tanto padeceu por elle.

Sem fazer reflexão alguma, Manuel encaminhou-se para a porta, e acercou-se do medonho precipicio, cujos perigos, as chuvas e o temporal que se levantara, haviam augmentado; tornando mais caudalosa a cascata e mais vertiginoso o medonho estrondo da agua espumosa batendo de rocha em rocha. Ao ribombo da torrente que se despenhava respondia o do mar incapelado que se quebrava ao sopé da Gordejuela e batia contra os Borgados, por onde trepavam as ondas em desordenada furia. Quando vimos aquelle perigo gritámos todos a Ma-

nuel para o deter, mas inutilmente, porque elle já começava a baixar o precipicio e não pôde ouvir-nos os clamores.

Seguimos anciosos, os faceis movimentos do pastor e, mais uma vez, admiramos a firmeza com a qual elle baixava, de ponta em ponta, de escabrosidade em escabrosidade, como se descesse uma escada.

Chegou á estreita praia. Ahi, as ondas rebentavam umas sobre outras e, por vezes, encobriam-n'o em uma mortalha de alva espuma.

Sem hesitar, Manuel desembaraçou-se da roupa, que podia tolher-lhe os movimentos, e arrojou-se ao mar.

O mar crescia sempre.

As vagas, altas como serras, curvavam-se em rolos cobertos de espuma e vinham quebrar-se, com medonho ruido, umas traz outras na estreita praia que estava borda do precipicio.

Envolvido n'uma enorme vaga, contra a qual investira, Manuel fez energicos esforços para não ir com ella despedaçar-se nas rochas. Quando a vaga recuou, foi levado até ao Borgado e mal teve tempo para tomar logar, junto do pilar colossal que a natureza erguera no meio do mar e que as aguas pareciam querer derrocar na sua furia insensata.

A maré estava cheia e Manuel mal se podia manter no Borgado, agarrando-se á rocha batida pelas vagas.

Vimol-o, um instante, buscar nas escabrosidades da rocha e tirar d'ali um objecto que escondeu no bolso; lançando-se outra vez a nado.

Vaga immensa o arrastou até ao pé da praia, apparecendo umas vezes no dorso do espumoso rolo, outras desaparecendo envolto nas verdes aguas. Parecia quasi fóra de perigo, firmar os pés n'um rochedo da costa. Ia a saltar para a estreita praia quasi coberta pela maré, quando encapelando o enorme rolo, despenhando-se, com tremendo fragor, sobre elle, o fez cair.

Um instante depois, em impe'uosa resaca, a mesma vaga o arrastou para o mar. Podémos ainda, alguns segundos, vel-o debater-se com o mar; mas este, mais poderoso, arrastou-o contra o Borgado, envolvendo-o nas suas pregas verde negras e nunca mais o vimos.

O filho de D. João de Montemar e o maravilhoso diamante tinham para sempre, desaparecido no fundo inenetravel do abysmo.

Haviamos presenciado todos aquella horrivel scena, com anciosa angustia que, nem uma palavra, nem um gemido, interrompeu.

Perdida de todo a esperanza, a velha Anna caiu, como

morta, nos braços de Carmen, que mal se podia ter de pé. Acudimos-lhes com viva sollicitude. Graças aos cuidados do Dr. Wearisome, a pobre mãe pôde resistir a golpes tão crueis e repetidos.

Demorâmo-nos alguns dias na casa de Montemar, esperando as melhoras da velha Anna, que a boa Carmen resolvera não abandonar. Aproveitamos esses dias para ler o manuscripto encontrado na caixa deixada por D. João.

